MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO
Ao Correr do Tempo
PARCERIA A. M. PEREIRA
EDITORA

# AO CORRER DO TEMPO

Maria Amalia Vaz de Carvalho

# AO CORRER DO TEMPO

1906

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA E OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

MOVIDAS A ELECTRICIDADE

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

I

# O problema actual do casamento

Recebi ha poucos dias a seguinte carta:

«Minha senhora, tenho lido muitos dos seus trabalhos, principalmente os que respeitam a educação da mulher, a sua missão domestica e social, os seus deveres e as virtualidades do seu destino. Lembrei-me de lhe escrever para lhe apresentar o seguinte problema com o qual lucto, sem lhe ter ainda encontrado solução satisfatoria.

«Tenho duas filhas; vivo com ellas affastada dos centros de civilisação mais requintada, onde as experiencias moraes se podem fazer com tanto exito como as scientificas. Os homens que nos cercam, e com os quaes temos ou podemos ter relações sociaes, são homens sobre os quaes actuam a respeito da mulher as idéas que ha um seculo eram universaes e que hoje em centros cultivados começam a ser combatidas por animos generosos e avançados, já com certa efficacia.

. . . . . . . . . . . .

«As minhas filhas vão entrar d'aqui a pouco na idade em que entre nós as raparigas começam a pensar no casamento, e, pelo meu lado, viuva e subsistindo apenas de uma pensão vitalicia, nada tenho para lhes deixar pela minha morte.

«Tenho pensado em dar a cada uma d'ellas uma profissão que lhes faculte a independencia. Pensei em fazer seguir a uma d'ellas o curso necessario para o magisterio official e em mandar ensinar á outra escripturação e mais algumas das noções exigidas para guarda-livros em uma casa de commercio importante.

«Mas em volta de mim os velhos amigos, que se têem interessado por mim e por ellas, desde que fiquei só no mundo, com todas as responsabilidades de um triplice destino, oppõem ao meu plano os seguintes obstaculos:

— «Creia que essa educação profissional que pretende dar ás suas filhas e que em Paris, em Londres, em Berlim, na Hollanda, na Suissa, etc., não as desqualificava nem tornava *incasaveis*, aqui vem a dar este resultado: os homens fogem das mulheres *doutoras* como da peste. O que elles querem é uma creatura submissa, docil, ignorante de negocios financeiros ou economicos, que os não vigie, que não se metta com a sua vida, a quem não tenham de dar contas nem satisfações, que elles façam mover como automatos ao seu mero capricho. E quando muito, que tenham o que elles chamam *uma bonita educação*.

— «Tambem embirram com mulheres instruidas solidamente, que saibam Historia e Geographia e Litte-

ratura, e cousas que elles não tiveram tempo de aprender ou cujas noções recebidas na Escola se lhe obliteraram da memoria. Se as faz superiores á média dos homens com quem ellas têm de conviver mais ou menos, condemna as pobres meninas a uma eterna solidão ; e creia, minha boa amiga, a mulher creou-a Deus para o homem, e nem ella póde viver sem elle, nem elle póde viver sem ella».

«Diante d'estas observações desinteressadas e amigas, o que eu sinto *sensatas*, diga-me o que posso, o que devo fazer!»

Continuava longamente por este teor a carta que eu recebi e confesso me impressionou bastante! Era a confissão de perplexidades que hoje perturbam muito coração maternal. A pobre mãe que me escrevia achava-se mettida neste difficil dilemma:

Ou educar, ou antes, preparar as filhas para um casamento hypothetico, que talvez nunca viesse a realisar-se;—porque as raparigas pobres estão casando cada vez menos e cada vez peior;—ou dar-lhes talvez a possibilidade de a si proprias se supprirem, mas ao mesmo tempo cortar-lhes todas as esperanças de attingirem um destino que é o supremo sonho da mulher em todo o mundo.

Não creio que chegue um momento em que a mulher odeie o casamento e renuncie voluntariamente á familia, á maternidade.

O catholicismo conseguiu essa mutilação suprema, esse sacrificio sobrehumano de milhares de creaturas,

mas conseguio-o, como? Por um desvio sentimental, por uma especie de força hypnotisadora da vontade, por uma miragem que participa do milagre, pela deslocação completa das suas energias psychicas que se votam a *esperar* a beatitude eterna, em vez de se votarem a *realizar* a beatitude temporaria que póde ser a vida terrestre. .

Mas quantas são as mulheres que acceitam hoje voluntariamente o claustro, comparadas com as que ficam cá fóra, a esperar, a luctar, a sonhar, a padecer!...

D'antes as profissões religiosas eram forçadas; iam para o convento as pobres raparigas que o egoismo de casta ou de familia sacrificava implacavel. Recrutavam-se então as freiras entre as classes mais altas. Eram as lindas virgens da aristocracia, as que vestiam o aspero burel e viam cahir-lhes aos pés as suas louras tranças que a mão do sonhado esposo não affagaria jámais.

Hoje é principalmente,—isto pelo menos em Portugal,—no povo, nas povoações ruraes que a mais completa boçalidade ainda embrutece, que os missionarios encontram as desejadas prezas. Tambem nas classes opulentas, entre as creaturas esgotadas já de nascença pela usura physiologica dos paes, é facil arranjar uma ou outra rapariga que á vida de familia prefira a vida contemplativa do claustro. Mas em todo o caso que diminuição nas vocações! que esmorecimento n'essa fé concreta e positiva que *via* o céo e que a elle aspirava com todas as forças da alma!

No destino da mulher a hora que está passando é uma hora de crise.

Sem o convento que a acolhia solicito e que lhe dava compensações, algumas bem extranhas que hoje não dá felizmente; sem o casamento, que as complexidades e as exigencias da vida moderna vão tornando ou mais raro ou mais difficil, que lhe resta a ella e que caminho escolher?

Para a mãe que me consulta, a minha resposta impõe-se como um pezo de consciencia. O que posso eu dizer-lhe que a satisfaça e me satisfaça a mim?

Era facil a solução do problema se a pessôa que m'o propõe vivesse n'outro paiz que não fosse o nosso; pertencesse a uma raça que não fosse esta rotineira raça portugueza, apegada no fundo a todos os preconceitos e preza á superficie de todas as tradições, copiando lá de fóra só o que é mao e continuando a ignorar lá de fóra tudo o que é util e bom!

Então dir-lhe-hia sem receio de causar damno ás duas pobres raparigas, cujo destino se está jogando: Mande ensinar a cada uma das suas filhas qualquer cousa, seja o que fôr, que pelo trabalho futuro lhe garanta o pão de cada dia. Longe de pensar que isso a inhabilita para o casamento, julgo, pelo contrario, que essa instrucção adquirida e utilizada lhe facilitará o encontro do homem honesto, laborioso e bom, que queira associar ao d'ella o seu destino modesto e que póde ser feliz. O que torna hoje o casamento tão difficil, o que faz com que casem todas as ricas e fiquem soltei-

ras ou casem pessimamente quasi todas as pobres, não é, como superficialmente e com grave injustiça se diz, o facto de serem interesseiros os moços. Não o são quasi nunca. Dada a difficuldade terrivel da vida moderna, um rapaz ponderado, prudente, rasoavel, quer dizer, possuindo as qualidades que fazem um bom chefe de familia, não vae de animo ligeiro casar pobre com uma rapariga tambem pobre. Isso é começar a existencia por uma phase infernal, de que muitas vezes se sahe desgraçado sem remedio. Se pensar um pouco a serio na vida, não casa sem ter meios de sustentar a familia futura: quando tem adquirido esses meios, tem pela maior parte das vezes perdido a mocidade. Succede porém que, exercendo uma profissão que promette ser lucrativa, embora tenha de passar pelo periodo critico que é o começo de todas as profissões das mais rendosas, elle encontra uma mulher cujo dote, por modesto que seja, dá para a subsistencia da familia durante o inicio da sua carreira. D'aqui um casamento feliz, em condições excellentes de economia e moral.

N'um paiz em que o odio ao trabalho, o despreso pelo trabalho imperassem menos brutalmente, quaes seriam as raparigas preferidas pelo homem que deseja casar? seriam as que pelo trabalho seu, feito ás horas que lhe ficassem livres dos cuidados domesticos, podessem cooperar para o modesto *budget* commum. Assim casariam muita vez sem o mais pequeno capital, mas com a riqueza que o trabalho produz quando

é feito de boa vontade. Dois a trabalharem unidos, e mais tarde quando os filhos exigissem todo o tempo, todo o cuidado da mãe, já o marido ganharia bastante para dispensar o auxilio, ao principio tão precioso, da sua companheira dedicada e fiel.

Quantos beneficios não derivariam d'essa lei erigida em costume e judiciosamente applicada!

1.º As raparigas seriam todas educadas como se todas realmente necessitassem ganhar a sua vida. As aptidões desaproveitadas teriam ensejo de desenvolver-se, de expandir-se. Especialisar-se-hiam as vocações. Escrever á machina, decifrar manuscriptos antigos, traduzir monographias, folhetos, pequenos opusculos industriaes, escrever romances, biographias, tractados de economia domestica, livros de propaganda e de ensino moral, etc., seriam as occupações das mais intellectuaes.

As outras occupar-se-hiam em dezenas de misteres que demandam o gosto da mulher, a arte da mulher, o seu intuitivo prazer em crear o bello, mesmo nas fórmas secundarias que elle póde ter e que não são menos uteis na vida.

A pintura applicada: moveis, utensilios caseiros, candeeiros e seus accessorios elegantes, a pyrogravura, a gravura, a photographia e seus derivados, os objectos de vestuario desde o chapeu que póde ser uma obra prima, até ao mais intimo objecto da toilette feminina, que utiliza bordadoras habeis e eximias costureiras... E quantas mil cousas de uso quotidiano que deixariam

de ser feias e se tornariam artisticas e individuaes em vez de serem de fancaria e feitas ás grozas.

2.º O beneficio que d'esta iniciação no trabalho resultaria é obvio de mais para que seja preciso accentual-o longamente.

Seria o beneficio moral colhido pela mulher n'uma vida laboriosa e util, que afugentaria a frivolidade habitual do seu espirito. Pouco a pouco a consciencia de sêr uma pessôa util, uma productora de riqueza, uma operaria consciente que ganhava o que consumia, daria á mulher mais dignidade e mais satisfação intima. Em vez de viver só para si, para o culto constante da sua propria belleza, enfeitando-se, despindo-se, vestindo-se, penteando-se, despenteando-se, imitando as outras, e despeitando-se, quando as não imita bem, ella dedicar-se-hia ao serviço da belleza objectiva, da perfeição exterior a si, e embebida na sua obra, qualquer que ella fosse, esqueceria, poria um pouco de parte a sua empolgante e importuna personalidadezinha.

3.º Quando o noivo, o marido chegasse emfim, encontral-a-hia capaz de dispensar a sua tutella, agora forçada, e em todo o caso feliz por tel-o encontrado sem o procurar avidamente; capaz de o auxiliar na tarefa commum de fundar uma familia, manter na decencia, na ordem, na abundancia uma casa, educar os filhos, ser emfim a companheira digna de um homem de pensamento ou de acção.

Não era necessario ao *ménage* o trabalho estipendiado da mulher? Melhor. Ella então saberia applicar o

que aprendera á educação dos filhos, ao esmero e elegancia do seu lar, á graça e á belleza da vida domestica, para que levava tantos elementos preciosos e que actualmente não tem para lhe dar.

Pobre, trabalharia n'uma occupação lucrativa. Rica, deixaria de precisar do movimento morbido, quasi doloroso, que arrasta hoje a mulher rica, ociosa e ignorante, cheia de vaidade, n'um turbilhão funestissimo.

Quantas occupações para o seu espirito engenhoso e pratico! Quantas cousas lindas ou uteis a crear! Que paz encantadora a d'essa familia em que o marido não tivesse de andar a correr atraz da mulher, de sala em sala, de theatro em theatro, muito aborrecido e um pouco ridiculo, mas a tivesse alli perto de si, entretida em uma das mil occupações que disciplinam a vontade, que regulam a phantasia, que nutrem sãmente o entendimento; emquanto elle, cansado da tarefa quotidiana, repousasse com um livro na mão ou com os olhos preguiçosameete enleiados no lume caprichoso da lareira!

---

Oh! mas isto é que elles, os homens, não entendem ainda! E por isso eu não ouso aconselhar á minha correspondente que faça das filhas duas creaturas uteis, em vez de duas bonecas de olhos muito pasmados e de faces muito rosadinhas.

São essas bonecas, por ora, que os homens procuram e amam. Não querem que a mulher raciocine, nem

pense, nem tenha vontade sua, nem individualidade, gostos, ou tendencias accentuadas.

Uma mulherzinha muito docil, muito submissa, á maneira do Oriente, que reconheça a superioridade do *homem*, a sua soberania absoluta, a sua infallibilidade dogmatica; que estremeça como canina humildade a cada aceno, a cada palavra do seu dono! .

Assim é que a mulher faz a felicidade do marido. Como é bom ouvil-a papaguear tolices que fazem rir indulgente o senhor que a conquistou; e vê-la rir com os seus dentinhos muito brancos e mover os seus olhos de luz liquida em que uma só imagem se embebe, e gesticular graciosamente com as mãos liliaes que nunca fizeram nada e que vão agora ter por occupação de algum tempo (emquanto isto o não enfastiar a elle) a de affagarem dôcemente os cabellos do esposo adorado e a de o acariciarem com ternura e mimo. .

Não tardam porém os filhos, os trabalhos, as longas doenças e as longas e tediosas convalescenças—porque os partos d'estas creanças de ociosidade e de luxo são sempre doenças enormes; não tardam as responsabilidades, os difficeis problemas de economia domestica, para que são indispensaveis faculdades de raciocinio, de comprehensão, de calculo, de tacto delicado, de intuição superior; não tarda o tedio, que na mulher provem da ociosidade, e no homem, do contacto permanente com um espirito infantil caprichoso e futil; não tarda o arrependimento do marido, a tristeza dolente da mulher... Não tarda tambem o espia, o caçador

furtivo que anda *profissionalmente* á espreita d'estas crises do casamento, quando o casamento é feito assim... Não tarda a desgraça latente ou estrondosa, a tragedia de que todos fallam, ou a calmaria degradante, a calmaria de pantano, de que todos murmuram...

---

Mas que importa? O caso é que o homem escolheu e preferiu a boneca articulada á creatura de gestos bruscos e humanos; a creança pueril que póde servir-lhe de distracção de uma hora apenas, á companheira culta, razoavel e consciente, que o ampararia nas crises da vida e lhe tornaria esta mais facil, menos complicada e mais feliz; a obediente e servil escrava do sexo masculino, affeita a reconhecer-lhe a soberania e o despotismo sensual, a mulher que, escolhendo e acceitando um homem para amparo do seu destino, nunca mais saberia que outros homens existiam na terra...

Essa lá fica ao canto, a azedar-se na solidão anti-natural, talvez a fazer-se má, de bôa que era, funesta em vez de benefica, e triste, incuravelmente triste, porque falhou o seu destino de esposa e mãe, porque os seus braços não emballam, o seu coração não ama, a sua voz não consola, a sua força não ampara, os seus thesouros de ternura e conforto não aproveitam a ninguem...

Não se queixem os homens de que o casamento prova mal, de que a familia degenera.

. . . . . . . . . . .

São elles os unicos culpados da sua má sorte. Todo o homem merece a mulher que tem!... E a minha pobre amiga que me escreveu a consultar-me faça de cada uma das suas duas filhas uma boneca que saiba mover os olhos e dizer *sim*!...

---

II

# O martyrio de uma imperatriz

Ha dois annos publicou-se simultaneamente em Londres e em Nova-York um livro escripto em lingua iningleza, de auctora anonyma, mas evidentemente bem informada, o qual tinha por fim contar ao mundo a vida da Imperatriz Isabel da Austria, barbaramente assassinada por um anarchista, e deslindar pela mesma occasião o mysterio que ficou pairando sobre a tragedia de Mayerling, em que o Principe Imperial Rodolpho de Hapsburgo perdeu a vida em romanesca aventura de amor.

Dez annos medeiaram entre o suicidio de Rodolpho e o assassinio de sua mãe, e esses dez annos passou-os a imperatriz em um vagar constante por essa Europa inteira, parecendo não achar allivio ao seu desespero de mãe, senão na mobilidade inquieta d'aquelle seu corpo que as graças tinham modelado, e que nem a velhice ousou ultrajar com as mãos crueis.

. . . . . . . . . . .

Que familia tragica é essa familia imperial da Austria, de que restam apenas o velho imperador, especie de Agammenon moderno, perseguido, como o antigo, por quantas fatalidades podem cahir sobre uma cabeça coroada, juntamente com quantas dores podem dilacerar, esphacelar um coração de homem, seja rei ou plebeu! e a ingenua archiduqueza de 18 annos que conseguio vencer no avô veneravel os potentissimos preconceitos de casta a que elle tanto sacrificára já, e a estas horas está casada com o homem que ama, sem se importar com a estirpe de que provém, sem se preoccupar com a grandeza de que decahio.

O imperador Francisco José da Austria é decerto o homem mais desgraçado de seu tempo. A corôa que elle cinge — desde que em uma hora de convulsão terrivel, em 1848 de revolucionaria memoria, a mãe assustada o obrigou a efficazmente occupar o lugar de imperador, e a pôr-se á frente do governo da Austria — é uma corôa de espinhos e não de gloria.

Infortunios, catastrophes só comparaveis ás que Homero, Eschylo e Sophocles attribuem em alados versos immortaes, de inexcedivel poder pathetico, á desventurada raça dos Atridas, têm cahido com trovejante fragor sobre este homem que a fatalidade marcou tragicamente.

São do seu reinado as tres sombrias datas que marcam a humilhação gradual, a definitiva diminuição do imperio Austriaco: Solferino, Magenta e Sadouwa. A Italia e a Prussia compraram o seu triumpho á custa

das lagrimas de sangue do imperador, do antigo Cesar derrotado e vencido!

Ao irmão adorado, é uma revolução triumphante no Mexico que lhe impõe barbara morte. O filho, orgulho, enlêvo, amôr supremo da sua alma abatida, cahe varado por uma balla, pela propria mão vibrada, em uma hora de tenebroso mysterio, de criminosa desforra contra o destino inclemente que se lhe oppunha á vontade apaixonada.

Depois é a morte entre chammas, a morte entre dôres horrendas, da duqueza de Alençon, da irmã da imperatriz que elle mais estimava. E finalmente, a sua esposa, a deliciosa mulher que fôra o idylio perfumado e puro da sua juventude, aquella cuja conquista namorada é uma pagina da lenda ou de conto de fadas, aquella o quem o ligavam tantos laços de ternura e de saudade e dôr, que morre vilmente assassinada por um allucinado do anarchismo!

E no meio d'estas catastrophes retumbantes, que o mundo inteiro soube e de que o mundo inteiro se compadeceu, quantas angustias, quantas inquietações, que responsabilidades de tremendo pezo, que rêde inextrincavel de difficeis problemas lhe têm feito da vida uma tormentosa successão de dias de horror!...

E, no entanto, ao vêr o retrato de Francisco José, tão altivo, sereno e marcial, quem adivinhará a sua martyrisada existencia! E' que o orgulho de raça chega ás vezes a transformar em bronze inflexivel o barro miseravel de que é feita a pobre humanidade!...

*

* *

O Imperador teve, comtudo, na sua vida tão cheia de tristezas, uma hora de jubilio ideal que compensa de muita cousa.

Essa hora foi tão bella, tão vibrante de liberdade humana, tão isenta de tyrannicas tradições, que a memoria d'ella deve ainda hoje fazer sorrir docemente o encanecido Soberano; que é talvez a memoria d'ella que o levou a ceder de todas as vaidades régias, quando a neta gentil de 18 annos, Isabel, como a imperatriz, lhe pediu entre lagrimas que a deixasse seguir a voz do seu coração, ser do homem amado, embora fosse um simples fidalgo austriaco e não um principe reinante.

Entre o Duque Maximiliano, da Baviera, e o Imperador Francisco José fôra negociado o casamento deste com a filha primogenita daquelle, e, findas e concluidas que fossem essas prévias negociações, Francisco José, no viço esplendido de uma gentilissima mocidade, visitava o Duque e a sua ajustada noiva no castello poetico de Possenhoffen, onde o Duque, empobrecido, tinha a sua pequena e modesta côrte.

Uma manhã o Imperador passeava sósinho nas densas florestas que rodeiam o Castello. Parece um conto de fadas, mas não é! Ao atravessar uma radiosa clareira fere-lhe a vista, magnetisa lhe o olhar uma apparição inesperada. Era uma criança que elle nunca vira,

de que elle mal ouvira fallar : a filha mais nova do Duque. Tinha talvez dezeseis annos. O cabello em duas tranças enormes, pesadas, de um lustre de setim castanho, cahiam-lhe das espaduas até quasi que aos pés; os olhos de um azul de saphira profundo e luminoso abriam-se candidamente no enlevo de lobrigar emfim o bello Imperador, seu primo, e que ia ser em breve seu cunhado; o sorriso, aquelle sorriso que foi celebre na Europa inteira, desabrochava só para elle, como desabrocha o encanto radioso de uma flôr purpurea...

Quando se é Imperador da Austria e neto dos Hapsburgos querer é poder, e é poder immediatamente.

O encontro na verde floresta magica decidiu dos dous destinos juvenis.

Francisco José venceu a custo a repugnancia, a colerica opposição do sogro, velho principe decahido e rabugento, que fazia da filha a *gatinha borralheira* da casa, sem licença para apparecer emquanto as irmãs não tivessem casado.

Dalli a pouco tempo o velho Paço de Vienna alegrava-se de pomposas festas nunca até alli presenciadas, e nas quaes a infantil Imperatriz apparecia, sob o esmagador diadema dos seus immensos cabellos que os brilhantes da corôa faziam realçar ainda mais.

Pouco depois o Imperador levava a sua linda mulher pela Hungria, que para sempre se namorou della, e em que ella teve até á morte uma popularidade enorme, pelas provincias italianas que a Austria possuia ainda, e em

toda a parte, quer fosse nas cidades opulentas e semi-orientaes dos Madgyares, quer fosse na fecunda Lombardia ou na poetica Veneza, a Imperatriz de longos cabellos que soltos a cobririam como um manto régio, de olhos de azul profundo, de sorriso de encanto, indefenivel e enygmatico, seduzia, fascinava os que a fitavam!...

*

* *

Foi breve o edyllio, foi breve a felicidade. *Martyrio de uma imperatriz* se chama o livro em que uma testemunha narra a vida de Isabel desde essa hora inolvidavel, hora de sonho, em que *Cendrillon* foi arrebatada pelo *Principe Encantado*, em que a *rosa da Possenhoffen* (como lhe chamaram os camponezes de quem ella era o idolo, que ella visitava familiar e quotidianamente), se viu transplantada das verdes florestas em que crescêra impetuosa e livre, para a região tempestuosa, traiçoeira e cruel de uma velha côrte corrupta, até ao lugubre momento em que uma mulher errante, já meio allucinada pela dôr, cahe prostrada pela arma traiçoeira de um sectario ou de um louco.

Martyrio e bem martyrio foi a vida da Imperatriz, como é a final a vida de toda a mulher que pede á vida e quer da vida mais, muito mais do que a vida póde dar.

A sua alma intransigente, absoluta, de uma transcendente poesia, não pôde tragar essa taça de amargura

que toda a mulher tem de beber até as fezes, se quizer acceitar submissa a sua missão neste mundo.

Quando as traições conjugaes se accentuáram e se repetiram e ella adquirio a certeza de que o amor de Jupiter só póde ser intermittente e vário, a Imperatriz, saltando por cima de todas as conveniencias régias, deixou o paço imperial de Vienna, foi para Trieste e dalli, a bordo do seu *yacht*, partiu para as Ilhas Jonias, plenamente resolvida a não ver mais o homem que adorava e que a fazia soffrer tanto!

Imagina-se o escandalo desta fuga, os commentarios de uma aristocracia malevola que sempre fôra hostil a Isabel, a série de desastrosas consequencias que teve para esta creatura toda impulsos, toda arrebatamentos, este terrivel inicio da sua carreira de eterna caminhante sobre a face da terra!

O Imperador, cheio de afflicções e de remorsos, foi atrás della, e tentou capta-la de novo, mas foi vã e quasi ridicula essa tentativa.

Ao saber-se perseguida, a Imperatriz atravessou o estreito de Gibraltar e lançou o seu pequeno navio de recreio em pleno Oceano.

Foi então que ella pelo primeira vez visitou os *fjords* da Noruega, que explorou as costas do Mediterraneo, que conheceu a Grecia, a Algeria e o Egypto.

Em Alger, ás portas do grande deserto, é que aquelle espirito perturbado parece ter conhecido um bocadinho de paz.

Douda pela equitação, montando com mais destreza,

temeridade, graça e galhardia que a mais celebre profissional desta arte difficil, a Imperatiz achava consolo, quasi esquecimento, nessas correrias loucas que tão celebre a fizeram no mundo.

Os seus cavallos de raça, celeberrimos tambem, voavam como passaros na extensão illimitada, e ella deixava-se embriagar pela sensação pungente e viva da solidão completa e da velocidade incomparavel!

*

*     *

Sete annos durou esta separação entre a Imperatriz e o seu Régio Senhor. No fim de sete annos, que ella occupou, lendo, viajando, instruindo-se, e soffrendo atrozmente, de certo, a paz, pelo menos relativa, restabeleceu-se entre os conjuges imperiaes, e Isabel de Baviera foi coroada, juntamente com Francisco José, Rainha da Hungria, em uma das ultimas cerimonias publicas modernas, que igualaram, pelo pittoresco, pela magnificencia, pela grandiosa belleza, pelo enthusiasmo *lealista* dos Magnates, pela riqueza oriental dos trajes, das equipagens, dos cavallos ajaezados de pedras preciosas, dos *maygards* vestidos de fardas, que as perolas, os rubis, as esmeraldas e os brilhantes recamavam deslumbrantemente, tudo que a Historia nos conta das pompas soberbas do Passado!

. . . . . . . . . . .

*

*   *

N'esta existencia a mulher que nunca mais tornou a ser feliz, em que um grau de alucinamento começa já a exteriorisar-se, em manifestações mais ou menos excentricas, que a calumnia aproveita com avidez faminta que a malevolencia exagera, transtorna ou envenena, —nesta existencia de mulher a que a auctora do livro chama Martyrio,—uma dôr medonha destaca de todas as outras dôres, que ella devia ter supportado com resignação mais christã!

Essa dôr é a tragedia de Mayerling.

Não sei até que ponto se póde o leitor fiar na authenticidade das informações dadas por este livro, mas a versão que elle apresenta é a unica, até hoje conhecida por mim, que tem fóros de verosimil e que, a ser acceita, explica perfeitamente, crúamente, o mysterio que envolve este fatal acontecimento.

A *tara* hereditaria dos Principes da Baviera existia em Rodolpho, é certo, como existia na Imperatriz em visiveis symptomas, apezar do seu encanto exterior, da poetica graça aerea da sua figura, do seu porte gentil, de tudo que fez della uma das visões de belleza mais fascinadora do ultimo meio seculo do mundo.

Se essa *tara* não existisse, Rodolpho, apezar de tudo que lhe tornava atroz a vida, não se teria mortado.

Não se suicida nem mata senão aquelle a quem uma

morbida predestinação torna possivel o suicidio ou o assassinio. Mas dada essa desgraçada organisação, Rodolpho tinha mil causas de irremediavel infortunio a impossibilita-lo de viver.

A mulher e elle eram dois temperamentos absolutamente irreductiveis. Entre os dois havia scenas continuadas que mais se comprehendem num *ménage* de pouco educados burguezes, que em tão altas espheras de artificial polidez.

Infiel como o Pae, e como o Pae dado a aventuras de coração, exaltado como a Mãe, tendo, como ella, gravada na fantasia a imagem de uma vida ideal, feliz, ardente, estimuladora de todas as virtualidades do ser humano, Rodolpho encontrou um dia a mulher fatal que devia enlouquecê-lo e leva-lo ao suicidio.

Lembro-me bem de ver ha annos, mercê do Ministro dos Negocios Estrangeiros que era então o mallogrado estadista Barros Gomes, o retrato de Maria Vetsera, a mulher por quem Rodolpho se perdeu.

Era uma belleza suprema e fascinante, d'estas que têm em si mesmas alguma cousa de tragico a que ninguem se subtrahe.

Os grandes olhos escuros de cilios recurvados tinham no fundo um segredo de paixão, um segredo de morte!

Seguiu-se para Rodolpho um d'estes amores que nas familias reaes do Norte não são de modo algum excepcionaes.

Rodolpho queria casar com a linda creatura que o

fascinára, e para isso escreveu ao Papa uma longa carta em que ia a allucinada supplica de um apaixonado para que Sua Santidade annullasse o casamento que o prendia a Estephania, princeza da Belgica.

O Papa, de certo apprehensivo do estado mental do *Crown Prince*, mandou por mensageiro de especial confiança, a carta recebida ao Imperador da Austria.

Imagine-se a angustia, o horror, o escandalo que tal noticia assim subitamente recebida produziu entre os mais altos parentes do Principe.

E' necessario accrescentar que nenhum d'elles sabia o motivo por que Rodolpho desejava divorciar-se da esposa.

Maria Vetsera, grega pela mãe, e pelo pae austriaca, não pertencia aos circulos selectissimos em que se movia a Côrte da Austria. A mãe foi em tempos uma estrella de belleza no firmamento de Vienna e alli captivára um momento, segundo era voz publica, o voluvel e inconstante coração do Imperador.

Quando Rodolpho chamado á presença do Pae e do Conselho de familia que este reunira para tão difficil encontro, foi citado para explicar-se, respondeu que só com seu pae se explicaria, e só a elle diria os motivos que dictaram aquella carta desesperada de que não retirava uma syllaba.

Depois a sós os dois, quando Rodolpho confessou a paixão que o dominava, a resolução em que estava de perder, por Maria Vetsera, a corôa, a posição, o amor dos seus, qualquer cousa de mysterioso e terrivel se

passou entre o filho e o pae que ninguem soube, que nenhum d'elles revelou jámais, mas que continha já em si, como o germen contem já toda a planta, a tragedia cruenta de Mayerling.

*
* *

Rodolpho partiu na madrugada d'aquelle dia para o seu pavilhão de caça dilecto, acompanhado apenas por dois criados.

Secretamente recebia alli a visita de Maria Vetsera, que mandara chamar, e que acudira consciente de alguma catastrophe irremediavel e trazendo comsigo o pequeno frasco de veneno, que sempre a acompanhava, na sua qualidade de romantica e de desvairada cosmopolita que era.

O que se passou entre os dois? Que monstruosa revelação teve Rodolpho de fazer-lhe obrigado pela fatalidade, que faz com que do crime se gere perpetuamente um crime novo?

O caso é que se seguiu o que o mundo inteiro sabia dahi a pouco, com espanto e horror inolvidaveis!

A verdade é que Maria se matou, sem que o Principe estivesse presente, aproveitando um instante em que elle a deixou sósinha.

Quando elle voltou revolvia-se nas ancias da morte causada pela estrychinina, a mulher de oriental belleza que tivera para Rodolpho no seu primeiro beijo a condemnação mais tragica.

Elle viu-a morrer nos seus braços, compoz-lhe o doce corpo em attitude suave e tranquilla, espalhou sobre ella as violetas do ramo enorme que ha ponco lhe adornava o lindo seio, e disparando um pesado revolvér de cavallaria contra a propria cabeça, adormeceu na morte ao lado da sua amada, sem curar do escandalo universal, da miseria dos Paes, de tudo que deixava atraz de si este caso tremendo e unico!

Que admira pois que a Imperatriz não repousasse mais, senão quando a arma do anarchista lhe deu misericordiosamente a paz a que ella aspirava em vão? Que admira que o livro da sua Vida tenha por titulo *O martyrio de uma Imperatriz*?

---

III

# A mulher brasileira, n'um romance em francez

Tenho aqui sobre a minha mesa de trabalho, depois de o ter lido com a maxima attenção, um livro que me interessou muitissimo. Chama-se *Roman Bresilien* e é escripto em francez por um parisiense estabelecido ha 17 annos no Rio de Janeiro, o que quer dizer quasi brasileiro, Adrien Delpech.

Esse volume, de que a imprensa franceza já se tem occupado muito amavelmente, não tem contudo as qualidades que o possam tornar excessivamente apreciado em França.

*Mœurs exotiques* é o sub-titulo do romance, e para o francez os costumes exoticos hão de ser traduzidos, interpretados pela phrase ampla, eloquente, sonora de um Chateaubriand, ou pelo estylo voluptuoso e pittoresco de um Loti, e só assim poderão interessar esse

*incurioso* de tudo que não seja a sua propria nação.

O prazer que elle encontra em narrativas dessas não é propriamente um prazer de curiosidade ou sympathia. Gosta das scenas novas, para as quaes esses dois *phraseurs* admiraveis encontraram um estylo novo; gosta do fremito de prazer que uma lingua extranha, evocando extranhos quadros, lhe suscita deliciosamente. Nunca perde de vista nem Chateaubriand nem Loti; esses é que o interessam e não os seus personagens.

E' verdade que *Paulo e Virginia* fez furor no seu tempo, e foi pelo exotismo do scenario, pelo encanto dos dois namorados. Mas, então, o leitor não era o parisiense *blasé* de hoje, que uma litteratura apimentada e desenfreada tem tornado absolutamente incapaz de sentir o que é simples, de se interessar pelo que é longinquo sem deixar de ser humano.

*

*      *

Ora succede justamente que as razões pelas quaes o francez não se póde apaixonar por este livro, escripto na sua lingua, fazem com que o publico portuguez e o brazileiro deva gostar muito d'elle.

Eu que nunca vivi no Brasil, mas que acompanho com infinita sympathia o seu movimento intellectual e social, achei comtudo que este volume devia traduzir

exactamente alguns dos costumes e estados da alma brasileiros, pelo mesmo motivo que nos faz saber de sciencia certa que é *parecido* um bello retrato de quem não conhecemos o original!

*Sente-se* a verdade das situações, dos caracteres, dos costumes. E tantos d'elles nos trouxeram á idéa typos de um velho Portugal que se apagou! ..

Silvino, o personagem principal do romance, é bem portuguez de raça, na indecisão da vontade, na frouxidão do querer, na indifferença quasi passiva por que deixa escoar-se entre os dedos essa areia de ouro que se chama o tempo, sem perceber que esses dias, esses annos perdidos, são o capital mais precioso de quantos pode possuir, e que perder uma parcella só que seja de tal thesouro é mais irremediavel do que toda e qualquer perda, seja ella de que genero fôr, porque o tempo não pára, não retrocede, não paga o que faz perder, não restitue o que arrasta na sua corrente.

O romance um pouco emmaranhado e enlabyrinthado de mais, pois quer ao mesmo tempo abarcar muita cousa, tratar de muitos assumptos — passa-se, ora no Rio de Janeiro, ora na *fazenda* de Caetano, pae de Silvino.

As scenas do Rio podiam ter-se passado em Lisboa. É por isso que as acho verdadeiras. O auctor nunca esteve aqui, portanto desenhando figuras da nossa raça, subjugadas pelas mesmas fatalidades de temperamento, e pela mesma rotina de costumes, não phantasia no ar, observa conscienciosamente.

E' assim que as cousas cá se passam. E' assim que devem passar-se lá.

Aqui reina tambem entre os moços — os verdadeiros lisboetas — a mesma paralysia de vontade que os leva a fazerem hoje o que fizeram hontem, sem outra razão além d'essa, que é a peor, e para elles a mais forte de todas.

Aqui tambem se desperdiça o tempo, a vontade, e se atrophia lentamente o caracter em habitos de ociosa e esteril indolencia!

O lisboeta a pouco e pouco, tem-se tornado um incapaz, um parasita social! Do Norte, do Sul, das rudes provincias, onde paes trabalhadores conservam, curvados sobre a gleba, a alma da raça intacta e forte, acodem constantemente a Lisboa rapazes sem educação mundana, com vermelhas mãos plebeias, chapéos altos impossiveis, peitilhos mal engommados, grandes pés mettidos em horriveis botas. São elles que conquistam Lisboa!

A breve trecho são deputados, altos burocratas, ministros, pares do Reino. Ninguem sabe quem são. Elles proprios ignoram o nome do seu bisavô. Que importa? São fortes; teem vontade de trabalhar; a audaz ambição infla-lhe em aspirações desmedidas o vigoroso arcabouço; ignoram os requintes da educação social, mas receberam a educação suprema da pobreza, e sentem a obsessão ardente de um unico desejo — o de se elevarem, de *chegarem*... nem elles sabem aonde.

. . . . . . . . . . .

A sua bagagem de escrupulos não é já das maiores. Chegam ao fim atravessando invias charnecas e tambem lamaçaes profundos!

Mas chegam! Emquanto o lisboeta, bem vestido, com uma flôr rara na botoeira do fraque, o monoculo no olho, a face pallida de anemico, o ar desdenhoso de quem sabe tudo — elle, que não sabe nada — de quem vio tudo — elle, que é intellectualmente cego de nascença — se deixa ficar ás esquinas das lojas elegantes durante o dia, e durante a noite nos clubs, ou nos theatros, a dizer mal das vidas alheias e a espantar-se dos triumphos alcançados por gente que não sabe vestir-se, nem cumprimentar na rua uma senhora, nem comer bem á mesa...

E' assim que Silvino durante os seus annos passados no Rio se deixou contaminar pelos costumes faceis das grandes capitaes.

As scenas da Fazenda, as figuras dos diversos escravos, mulheres e homens, as *eleições;* os dias de maio em que se preparou e completou a grande revolução abolicionista, a que atirou com todos os senhores de escravos — conservadores por natureza, por instincto, por educação, por conveniencia, — para os braços da Republica; o crime dos escravos, e depois a vingança criminosa dos que entram pela prisão dentro, e assassinam barbaramente os assassinos de hontem — tudo isso está muito bem contado, com simplicidade e verdade, com energia e vigor, com observação segura e firme.

. . . . . . . . . . .

*

* *

Na doce Fidelia, silenciosa e docil, constante e amorosa, capaz de conservar no coração desde a infancia, como em escrinio primoroso, a joia rara e pura de um unico amor, Adrien Delpech quiz prestar uma homenagem suprema á mulher brazileira que tem tido occasião de conhecer e apreciar.

E que doce e lindo typo de mulher este!

Nenhuma pretenção, nenhuma aspiração a sahir dos limites que a tradição, o meio, dos costumes lhe impuzeram com irreductivel força. Para ella, o pai póde tudo; matal-a até, se assim lhe aprouver, com a sua tyrannia.

Uma cousa unica lhe é vedada, a esse pai cruel e amado que a separa da felicidade: é fazel-a esquecer aquelle que ainda na infancia lhe acordou dentro do peito o seu fiel coração de mulher amante até á morte!

Deve ser assim a minha irmã brazileira. Eram assim noutro tempo, as filhas mimosas e ardentes de Portugal

Depois, para nós veio, mais cedo que para o Brazil, uma transformação de costumes, que é decerto benefica, porque eu creio piamente que o progresso é uma lei de verdade infallivel, mas que por ora, no periodo transitorio e incerto em que está, não tem produzido resultados apreciaveis para melhor.

O ideal das raparigas já não é o mesmo. Entre mil encontra-se uma *Fidelia*, figura typica de graça enternecedora, de humilde submissão ao destino.

As litteraturas de ficção, a franceza, e até a ingleza, que tão boa foi, apresentam á meditação da mulher novas normas de vida.

O homem tambem está cada vez menos digno dessas abnegações cegas, em que os instinctos, mais do que a reflexão, de um sexo, se revelam espontaneos.

Silvino atravessou essa vida do Rio de Janeiro; não teve nem fidelidade ao seu amor nem comprehensão do seu dever!

Manchou-se em aventuras que certamente destruiram nelle alguma cousa de bello e de respeitavel, que nunca mais tornou a resuscitar, e, comtudo, ao cabo de uma vida sem ideal, sem nobreza, e sem dignidade humana, — porque o respeito que uma alma deve ter de si propria não é exclusivamente feminino — elle veiu encontrar a gentil noiva da sua mocidade, tão pura, tão bella, tão fiel como fôra sempre, prompta a tornar-lhe a casa um paraiso — em que já não desenrolava os anneis viscosos a serpente da escravatura —; prompta a dar-lhe filhos que o amassem e respeitassem como á perfeição suprema!

E' contra esta iniqua desegualdade dos sexos que se revolta, com certa razão, apezar dos exaggeros ridiculos e declamatorios, a mulher de hoje.

Eu entendo que ella tem um bocadinho de razão.

Virá tempo em que a Sciencia, nova religião da hu-

manidade, pronuncie o seu *veredictum* tremendo, que hoje só é escutado por iniciados raros.

Virá tempo em que ella affirme, como, antes della, affirmaram os Livros Santos, que os peccados dos paes serão castigados nos filhos até á terceira geração; virá tempo em que ella diga á raça humana, que, se quizer durar e florescer, e crescer em intelligencia e nobreza, e perfeição moral e physica, ha de pôr de parte os vicios, as paixões, os instinctos feros, que lhe envenenam o sangue e que envenenam o sangue dos seus filhos e netos, que lhe deformam o organismo, que predispõem para o crime os seus descendentes e que produzem as monstruosidades do corpo e as da alma, que nos assombram!

Virá tempo em que ella imponha ao joven esposo as mesmas leis que hoje a religião e a moral fazem imprescriptiveis apenas para a virginal desposada!

Então a familia será sãa e perfeita! Então não veremos, por effeito de inevitavel hereditariedade a surgir de uma familia normal, um aleijão, que a leva toda ao desespero, humilhando-a no mais intimo e secreto da sua consciencia!

Então a igualdade perante a moral, perante a consciencia, a igualdade de deveres, que é melhor que a igualdade de direitos, será proclamada no mundo. Em um mundo onde nós já não estaremos, e que será melhor que o de hoje!

. . . . . . . . . . .

*

*　　*

Mas até lá é bom que, embora quasi todos os homens sejam máos, as mulheres se sintam apezar d'isso na obrigação de serem boas. E que haja mulheres que, sem indagarem o passado do homem que amam, procurem leval-o pelo carinho, pela dedicação, pelo exemplo de uma pureza transcendente, pureza de lyrio, pureza de neve na crista de um monte inacessivel, a serem ao menos no futuro dignos das esposas que os acceitam sem condições!...

E' por isso que me encantou a figura — aliaz simples, sem relevo, toda em meias tinctas—de Fidelia.

Deve ser assim a mulher brazileira, que as modernas aspirações ainda não agitam.

Não se julgue pelo que deixo dito que eu não approvo nas suas linhas geraes de equidade, justiça e sentimento de dignidade, as theorias feministas que tendem a triumphar no mundo!

O homem tem sido tão injusto na sua tyrannia, tão duro e brutal no seu egoismo, tão vaidoso da sua supremacia, tão culpado de abusos, injustiças, crueldades, tão sugestionado de más tentações, que é bem justo que a mulher deseje a carta de alforria que a liberte de tal tyranno.

Sómente se ella abusar da liberdade conquistada, será tão antipathica d'aqui a nada, como até agora tem sido o seu amo e senhor.

. . . . . . . . . .

Se dentro do casamento ella não acceitar as leis de hierarchia domestica que elle fatalmente inclue, sem as quaes elle não póde subsistir, a mulher fará do seu lar uma região devastada e anarchica!

Se fóra do casamento, em vez de ganhar o seu pão com energia, modestia, serena humildade e comprehensão das leis sociaes a que é necessario obedecer, ella se tornar excentrica ou pedante, immoral ou caprichosa, livre nas paixões como até aqui tem sido o homem, o seu exemplo será pernicioso e amaldiçoado, e em vez de beneficiar a causa do seu sexo, ella fornecerá argumentos de grande valia aos seus adversarios, que os aproveitarão difficultando-lhe todos os caminhos, já de si tão arduos e difficeis!...

---

IV

# A caridade sob a sua dupla forma

(A PROPOSITO DO ROMANCE DE TEIXEIRA DE QUEIROZ)

Sahiu ha pouco a lume o romance de Teixeira de Queiroz intitulado *A Caridade em Lisboa*, e cujo assumpto é tão interessante que merece singular registo.

Façamos d'elle um rapido resumo.

A marqueza de Ermello, *grande dame* de velha estirpe e de habitos requintadamente aristocraticos, colheu na doutrina catholica de que é devota fervorosa a substancia da Caridade mais acrysolada e mais viva.

Pela tradição herdada, pela educação recebida, pelo *meio* em que tem vivido, pela direcção espiritual que avidamente recebeu desde a sua remota infancia, a marqueza não tem, não póde ter, outra noção de bondade que não seja esta: os pobres, os famintos, os inferiores em todo o sentido, reclamam das classes altas a esmola bemdita que lhes mata a fome e a sede, e que

lhes agazalha o friorento corpo; isto já se vê, acompanhado pelas lições do cathecismo, e pela persuasão de que toda a revolta é criminosa, toda a ideia de justiça n'este mundo é falsa e contraproducente, e que devendo, segundo as melhores auctoridades, haver sempre pobres e ricos, a duas leis devem estar ambas as classes subordinadas: uma que manda dar esmola, outra que manda recebel-a com humildade e gratidão.

Este ponto de vista de moral estrictamente catholica impõe aos ricos o dever de serem bons, generosos, esmolères, cheios de piedade para esse formigueiro sombrio que fervilha nos beccos e nas vielas das cidades populosas, onde a miseria, que não tem animo de reagir e de luctar, se acolhe em negros covís.

Será bom, será mau este ponto de vista, mesmo quando a maioria o aceite e lhe obedeça?

Os socialistas bradam que é mau; que ao pobre se deve a justiça e não a esmola, a instrucção que o habilite a ganhar o pão dos seus, e não a doutrina de submissão que o desarme no arduo conflicto social cada vez mais bravío.

Ha millionarios e ha miseraveis, em virtude de iniquidades fundamentaes que é necessario, que é urgente destruir. E emquanto o pobre,—baixa a cerviz, hypocrita o sorriso, mentiroso o agradecimento,—se conserva sem energia, sem iniciativa, sem crença no seu inviolavel direito, á mercê da desdenhosa caridade do opulento, o mundo não tem, o mundo não póde ter emenda!

Mas dada a inefficacia até hoje comprovada de todas as theorias socialistas postas em pratica, o que restaria ao pobre, ao miseravel enfermo, á mãe faminta, á creança abandonada, senão fosse este meio termo, esta transacção entre duas theorias absolutas, se não fosse essa caridade que toma as mais variadas formas, que se soccorre dos mais habeis estratagemas, que explora as mais flagrantes vaidades, as ambições menos sympathicas, — até á de parecer honesto e bom, não o sendo — para esse fim abençoado que é *dar pão a quem tem fome!*

A marqueza de Ermelo não cogita muito a fundo sobre a variedade dos systemas que no mundo se debatem no intento de resolver o insoluvel problema social. A Caridade que lhe ensinaram a praticar é esta: sabe que ha pobres e pensa em valer-lhes, pelos meios que estão em uso na sua classe e no seu meio, e que mais proficuos são nos seus resultados materiaes.

Portanto convoca a sua casa todas as senhoras da aristocracia a que pertence, e da alta finança, da alta burguezia que muito desejariam pertencer-lhe, e propõe-lhes uma associação que tenha este titulo que já por si é um progamma completo:

A Esmola:

Para lhe agradarem, os elegantes sobrinhos e sobrinhas da idosa e nobre senhora, prometteram, já se vê, o seu valiosissimo concurso, que consistirá na organisação de varias festas.

. . . . . . . . . . .

Para obterem o accesso facil e familiar nos seus salões, e nos que lhe são alliados, as mulheres e filhas de burocratas e ministros, de banqueiros e de *bâcleurs d'affaires* promettem ou a influencia social que é tão necessaria a taes emprezas, ou o dinheiro que é o nervo d'esta guerra contra a pobreza e contra a fome.

O primeiro volume de Teixeira de Queiroz escripto com uma leveza de penna e uma elegancia de estylo deveras notabilissimas, consagra-se todo á descripção dos meios empregados para levar a cabo o piedoso e mundano emprehendimento.

Não ha o menor resaibo de ironia *pessoal* n'este volume; a ironia, se existe, velada pela delicadeza aerea de um estylo elegante e finamente burilado, não se dirige nunca aos que, tendo da caridade a noção que não podem por ora deixar de ter, a praticam segundo as suas luzes e as suas tradições. A ironia aplica-se porém á sociedade moderna que em toda parte, desde Lisboa até S. Petersburgo e desde New-York até Paris, não achou outro meio de consolar senão divertindo-se, não descortinou outra maneira de matar a fome senão ceando lautamente: nem de aparar as garras da nefanda e negra miseria, da doença extenuadora e cruel, senão dançando, representando e rindo!

Os que, percebendo este cruel pendor da vida moderna, o aproveitam para fins de misericordia não são responsaveis pela existencia de taes anomalias.

A culpa de tal estado dos espiritos é de nós todos, que não fazemos, cada um na esphera em que pode-

mos ter influencia, uma cruzada intellectual transformadora das modernas condições de viver e de sentir; que nos não educamos a nós mesmos e aos outros, de maneira a dar á vida humana uma significação mais ampla e bella, aos deveres sociaes um mais largo quinhão, ao amor do nosso similhante uma fórma mais digna da cultura intellectual e moral que atravez dos seculos temos adquirido e acumulado.

Os capitulos do primeiro volume, animado, alegre, polvilhado d'aquella ironia philosophica sem a qual a obra litteraria é sempre inferior, e nas paginas do qual um drama de amor se desenrolla, cheio de melancolia e de verdade, os capitulos d'este primeiro volume intitulam-se:

*Five-ó-clock.* — *A' Tapada.* — *Tennis play.* — *Catherina.* — *Combinações.* — *O Baile.* — *Preparativos dos toiros.* — *Ultimo toiro.* — *Em S. Carlos.* — *Onde mora a desventura.* — *Sem trombeta.*

*

* *

A marqueza de Ermello não se contenta em dar a a esmola de longe, por assim dizer de um modo abstracto, sem sentir, sem apalpar a miseria a que pretende dar consolo. Nas suas peregrinações piedosas ella penetrou n'um antro de pavorosa desgraça onde uma creança agonisava preza do feroz garrotilho.

E ali, ao pé do pequenino moribundo que visita

acompanhada das lindas sobrinhas, ella encontra um homem, um santo, uma figura idealmente traçada, João da Terra — o Barbas — que nós já conhecemos de outros romances de Teixeira de Queiroz, e é esse homem que vae revellar-nos o ideal da Caridade absoluta e suprema!

João da Terra é um philosopho, um pensador, e é sobretudo uma divina alma de bondade e de poesia!

O segundo volume consagra-se todo á descripção d'outra Caridade de que o Barbas é o apostolo, e de que são discipulos e coadjuvadores intrepidos tres amigos d'elle, Manoel de Sá, fidalgo pela raça, nihilista pelo pensamento, e anjo pelo coração; Claudio de Mendonça, rico, generoso, intelligente, avido de bem-fazer; Julião Esteves, medico bacteriologista, de um talento, de uma subtileza de pensar, de um rigor de investigações e de uma cultura scientifica inteiramente modernas!

A Caridade tambem é o fim supremo que une estes homens. Fundam um hospital, estabelecem-se-lhe como annexo um laboratorio de bacteriologia e votam-se, cada um conforme as faculdades proprias, a combater o mal sob as suas fórmas multiplas, a debella-lo, a vence-lo, a aniquilla-lo dia a dia!...

A enfermeira d'esse hospital modelo é Josephina (Morte de D. Agostinho) a doce Josephina, que é uma das figuras mais idealmente delicadas da galeria já vasta de Teixeira de Queiroz.

Josephina é o traço de união symbolica entre os

dois grupos diversamente orientados, que se movem e evolucionam no magnifico romance do auctor dos Noivos, Josephina é crente como a marqueza de Ermello, e é desinteressada como João da Terra!

Consagra-se voluntariamente ao tratamento dos pequeninos enfermos miseraveis, não pela ideia transcendente do Ceu que a espera, mas por um impeto invencivel do seu coração ávido de sacrificios, ebrio de abnegação e de amor.

Sabe que Deus a vê, mas não é só porque Elle a vê que sente a necessidade absoluta de ser boa, de ser heroicamente e divinamente boa; não; é por que Elle a fez assim, capaz de amar, de esquecer-se de si, de renunciar a todas as alegrias da terra por esta alegria intima, voluptuosa entre todas, entre todas rara e requintada de se dar toda ao Bem, de se dar toda ao soffrimento alheio. João da Terra no seu eterno combate contra a desgraça, a enfermidade, a miseria negra, adquiriu a doença que o põe ás portas da morte, e é d'essa doença entre todas horrivel—o horrivel mormo—que o salvam a dedicação ineffavel de Josephina, a sciencia paciente, investigadora, profunda, infatigavel de Julião, a amisade sempre álerta dos amigos que a sua virtude heroica soube involuntariamente conquistar, conquistou só pelo facto de existir.

*

* *

Não cabe na indole e nos limites de um rapido artigo o analyse completa d'este admiravel livro, em que a delicada alma de um artista e a erudicção scientifica de um medico se fundiram para nos dar por assim dizer o drama da bacteriologia, para nos fazer descer aos mais profundos abysmos em que a Natureza elabora e guarda os seus tremendos mysterios de vida e de morte.

Este livro reune tantas, tão nobres e profundas ideias, apresenta problemas de tal magnitude e de tal interesse, põe em conflicto doutrinas tão oppostas, e em parallelo theorias de tão diversa origem; a arte do escriptor consegue por tal modo pôr de pé figuras, algumas de tanto encanto moral como João da Terra, Josephina, Manoel de Sá, e Julião; outras de um perfume de graça juvenil tão deliciosa como Catherina — a encantadora e esbelta e innocente Kate — outras ainda de tão alto requinte como a de Fernando de Castro; accusando uma psychologia tão penetrante e tão intuitiva como a da marqueza de Ermello — que só n'uma Revista litteraria tal livro podia ser estudado na altura, e na profundeza que elle por tantos titulos merece.

E' a *Caridade em Lisboa* um dos livros melhores de Teixeira de Queiroz, aquelle que revela mais intimo e

attento estudo dos phenomenos sociaes que interessam e inquietam a alma contemporanea; aquelle que mais revella sob o artista delicado, consciencioso e probo, um homem de sciencia affeito a penetrar em todos os arcanos e em todas as complexas difficuldades do saber moderno; e que finalmente nos faz ver o progresso extraordinario d'este espirito de pensador e de artista que nunca se contentou com as acquisições já feitas, e tem sempre trabalhado para alargar o campo da sua vizão artistica, para aperfeiçoar mais e mais o extraordinario instrumento de precisão que é o seu estylo tão portuguez e ao mesmo tempo tão individualisado e tão pessoal; para insuflar, a poder de observação, vida mais intensa nos seus personagens; para arcar emfim com todos os segredos d'essa arte complexa, riquissima em elementos de varias ordens, colorida de *nuances* diversissimas, feita de mil preciosas cousas, e que em si condensa a alta belleza esthetica do romance moderno o mais perfeito, o mais difficil e o mais tentador dos generos litterarios.

---

V

# Mulheres celebres

## A PRINCEZA DE LIEVEN

No meu trabalho intitulado *Vida do Duque de Palmella D. Pedro* encontrei-me muitas vezes, emquanto procurava dados e documentos authenticos para descrever o *meio* em que o meu personagem se moveu e as pessoas com quem teve relações intimas, — com a princeza de Lieven, uma das figuras femininas de mais relevo e de mais evidencia social, mundana e diplomatica, durante a primeira metade do seculo XIX.

Citei na minha obra algumas cartas d'ella, muito affectuosas e elegantes, dirigidas ao Duque de Palmella, de quem foi amiga intima, desde o tempo em que elle era, em Londres, embaixador de Portugal, durante a regencia de D. Isabel Maria, e em que ella era a mulher do embaixador da Russia na Inglaterra. E, para melhor descrever a auctora d'essas cartas expressivas, tive, já

se vê, de lêr muitas *memorias* e *correspondencias* d'aquelle tempo, que se referiam á Princeza de Lieven.

Foi portanto mais vivo o meu prazer ao ler agora o volume que a respeito della acaba de publicar, na livraria Plon, de Paris, o escriptor bastante conhecido, Ernesto Daudet.

Chama-se o livro *Une vie d'ambassatrice au siècle dernier*. E' a vida da Princeza, primeiro Condessa de Lieven, seguida passo a passo atravez de trechos das suas cartas, desde o seu casamento em S. Petersburgo, quando tinha 15 annos de idade, até á sua morte em Pariz, com setenta e um.

Vida longa, accidentada, brilhante, rica de emoções e de prazeres, de satisfações de vaidade, e de sentimentos de orgulho, rica até de dores, porque, na tela variada de uma existencia humana, se falta a dôr, falta o que lhe é mais proprio, e mais indispensavel até, para fazer realçar os outros matizes . .

A Princeza de Lieven é talvez, depois da Princeza Orsini tão conhecida na historia como *Princesse des Ursins*, a mulher que exerceu no seu tempo uma acção politica mais importante e em certos momentos mais decisiva.

O marido foi Embaixador da Russia em Londres, desde 1812 até 1834; e o marido não passava de um homem nullo e mediocre, typo de cortezão submisso, amando o Tzar mais de que a propria familia e sem outra habilidade senão a de obedecer cegamente aos caprichos d'este

Ora, o periodo que vae de 1815 até 1834 está cheio dos mais graves e definitivos acontecimentos. A queda do Imperio Napoleonico, Watterloo, Santa Helena, a Restauração dos Bourbons, a Santa Alliança, as explosões reaccionarias, as revoluções da Hespanha, da França, da Polonia, da Grecia, de Portugal, a proscripção de Carlos X, o advento dos Orléans, a reviravolta da Inglaterra, que se resolve a apoiar o movimento liberal no mundo, as reformas internas da sua politica, e mais e muitos mais.

Pois durante este longo e agitado periodo da Historia Européa, quem foi o verdadeiro embaixador da Russio em Londres não foi o Principe, foi a princeza de Lieven. Foi ella quem influiu muita vez até na escolha dos ministros no Gabinete Inglez; ella quem se correspondeu com o Imperador da Russia, quem disse ter ouvido dos chefes da politica européa o que elle queria que fosse dito; quem moveu no taboleiro de xadrez, que é a politica do mundo, muitas das figuras que deviam decidir da partida encetada.

Esse periodo politicamente accidentado e em que ella, occupando um lugar tão evidente, tinha de resistir a mil tentações que a solicitavam, foi para a Princeza de Lieven agitado tambem por tempestades intimas de que não sahio sempre immune. .

Se a calumnia lhe attribue muitas aventuras falsas, a Historia não póde recusar as testemunhas insuspeitas que lhe reconhecem dous dramas mais ou menos notorios.

Sabe-se hoje, sabia se então no circulo selecto e fastiento em que se movia a desdenhosa embaixatriz, de quem Balzac nos legou o retrato na sua *Princesse de Cadignan*, que uma alta personagem ingleza tivera por Dorotheia de Lieven um sentimento exaltado que esta retribuio.

Sabe-se tambem da paixão que existia entre ella e Metternich, o chanceller austriaco que era ao mesmo tempo o mais perfido dos homens e dos politicos.

O Congresso de *Aix la Chapelle*, em que ambos estiveram, marca a data d'este episodio decerto humilhante e doloroso, tão rapido elle foi, da mocidade da Princeza!

Vê-se que Metternich a fez soffrer muito pelo odio que ella depois lhe votou. Quanto o seu orgulho indomito sangraria ao relembrar esta hora que então lhe parecêra deliciosa e eterna...

Entretanto, estes affectos intimos a que ella soube dar as apparencias de simples relações d'amizade não desprestigiaram nunca a Princeza, cuja dignidade de vida é impeccavel.

O seu salão em Londres é dos primeiros, se não o primeiro.

O Principe Regente, depois Jorge IV, faz-lhe uma côrte tão assidua que comprometteria outra que não fosse a altiva e desdenhosa embaixatriz. Lord Grey adora-lhe o espirito viril. O corpo diplomatico, os estrangeiros de sangue régio ou principesco, as pessoas celebres de toda a Europa culta (entre ellas o nosso

Duque de Palmella de quem foi intima), os chefes dos dois grandes partidos inglezes, Welington, Canning, Lord Holland, finalmente tudo que tem direito á eminencia d'este mundo, os coryphéos de todas as opiniões valiosas, os liberaes famosos, os conservadores intransigentes, as mulheres illustres pelo nascimento e pela belleza triumphante, tudo se reune n'esse salão que é cosmopolita, sem deixar de ser de uma exigencia e de uma difficuldade de selecção que fazia o desespero de quem... ficava de fóra!

Os Russos de mais eminente posição social alli eram, já se vê, recebidos, se bem que a Princeza desconfiasse sempre d'esses neo-civilisados que deixavam tanta vez transparecer o *cossaco* escondido, que ainda traziam comsigo, e que tanto trabalho teem tido para expulsar.

Dorothéa de Lieven conta ao Imperador os acontecimentos, as noticias, os planos politicos de que tem conhecimento; á Imperatriz descreve as modas, as festas e as elegancias de Londres.

De vez em quando janta no *Cottage* de Windsor, onde Jorge IV esconde o seu idyllio serodio e onde é moda irem jantar as senhoras mais altas da Côrte ingleza. As festas, os bailes de Almack, os jantares succedem-se infatigavelmente.

Mas sob as apparencias frivolas d'essa existencia de mundana ha um coração que palpita e soffre em segredo, ha uma intelligencia avida, curiosa, penetrante e sempre inquieta. A Princeza de Lieven não tem tempo de se instruir lendo; mas em vez de livros folheia ho-

mens, e esses homens que muitas vezes valem bem menos que as suas acções, e que outras vezes valem muito mais do que tudo quanto fizeram, são reis, generaes, imperadores omnipotentes, diplomatas insignes. Chamam-se Alexandre I, Jorge IV, Wellington, Metternich, Lord John Russell, Lord Grey, Lord Holland, Talleyrand, Pozzo di Borgo, Palmella.

*

* *

Quando, obedecendo a uma ordem do Czar o Principe de Lieven tem de deixar a embaixada de Londres para assumir em Petersburgo o alto e melindroso cargo de aio de Tzarwitch — a desolação da Princeza é sem limites. Resigna-se porém. Parte com o marido. Deixa a brilhante capital onde viveu 22 annos acclamada, procurada, sendo oraculo da moda, centro de attracção de toda a alta sociedade europeia, onde todos a reconheciam como uma potencia excepcional, e vai installar-se com o marido em Tzarkoe-Sélo, onde este toma posse do seu alto cargo.

Como foi em Londres o *verdadeiro embaixador*, a Princeza vae ser na Russia o verdadeiro *preceptor*. Mas que esforço é necessario para que essa mulher de alto espirito, desdenhoso e sombrio, a quem o tedio da vida perseguiu tanta na vez até nas salas em que conversava com os maiores homens do seu seculo, se resigne á vida monotona e deprimente de educadora de um prin-

cipe, a quem não póde nunca ensinar a verdade, a quem tem de instruir sómente n'aquillo que é politico e conveniente que elle saiba!

Do longo volume que acabo de ler e em que ha tantas cartas da Princeza de Lieven, as mais enfadonhas, ou antes as unicas de um transparente e incommodo artificio, são as que ella escreve ao irmão, narrando-lhe os dias, as noites, os ditos de *Monseigneur le grand Duc Heritier*, as diligencias que ella faz para entreter Suas Altezas, as conversas que arranja para os interessar, todo o viver quotidiano de uma especie de pequena côrte restricta e artificial, em que ella e os que lá vão visita-la representam igualmente papeis combinados e em que ninguem diz uma palavra que não seja applicavel ou applicada á educação do Principe!...

Uma vez o filho de Canning e o filho mais velho de Wellington, Marquez do Douro, vão visitar na sua residencia no Paço a velha amiga de seus respectivos paes, aquella que em Londres, representando a Russia, exercia uma realeza individual e incontestada.

A Princeza de Lieven recebe-os com alegria, mostra-lhes os jardins e os salões de apparato de Tzarkoé-Sélo, mas «não se atreve a convida-los para passarem a noite na sua sala particular, porque espera n'essa noite o Gran-Duque e não seria correcto que elle visse estrangeiros ainda não apresentados ao Imperador», que está ausente.

Um d'estes homens era filho do vencedor de Napoleão, outro do grande ministro que impelliu a Ingla-

terra no caminho de gloriosa liberdade que ella trilhou depois durante quasi meio seculo!... E a Princeza não se atreve a convidar estes dois Inglezes de tão illustre ascendencia para passarem a noite em sua casa!

Não tarda, porém, a hora da libertação que um tragico acontecimento determinou mais cedo que era de prever.

A Princeza de Lieven fôra rainha e era escrava! Tivera aos seus pés homens encanecidos nos grandes negocios, nas grandes luctas, até nas grandes guerras europeias, e estava agora aos pés de um rancho de creanças, que julgavam honral-a muito quando estavam perto d'ella! Nas suas cartas ella parece beijar sorrindo, com o orgulho natural aos privilegiados da Côrte, estas cadeias de ouro tão pesadas, que a prendem, com o stygma cruel e constante de uma grilheta de forçado, ás mil ceremonias de uma etiqueta arbitraria e extravagante, que lhe difficultam e paralysam cada movimento do espirito tão vivaz!

Mas a verdade, revelada depois na energia, na persistencia, na desesperada violencia da sua revolta, é que ella odiava essa existencia contrafeita, essa palestra official *ad usum delphini*, esse encarceramento perpetuo que a tinha longe da civilisação, da elegancia, da vida intellectual do seu tempo!

Na Russia não ha sequer estas classes privilegiadas e distinctas que, estando mais perto do Imperante, participam um pouco da sua grandeza, reflectem um raio do seu esplendor.

Na Russia «é só grande o homem ou a mulher a quem o Tzar falla, durante o minuto rapido em que elle lhe falla».

O despotismo attingira ali o seu supremo gráo. Era oriental. O Imperador podia ser assassinado mas não desobedecido. Que paiz para uma mulher falladora, indiscreta, avida de noticias, de acontecimentos, gostando de conhecer personalidades eminentes, de ser escolhida por altos espiritos, de receber confidencias de ministros, de diplomatas, de cortezãos, de chefes de partidos!

Uma horrorosa catastrophe que lhe rouba em menos de oito dias os dous filhos mais moços — muito mais moços que os tres primeiros—é a causa determinante, ou melhor, é o motivo invocado pela Princeza para fugir da Russia, d'aquelle limbo odioso, onde o seu espirito não vivia, onde nenhuma das suas raras faculdades de observação, de critica, de hospitalidade mundana, de elegante tagarelice podiam exercer-se.

A princeza de Lieven foge, foge litteralmente d'aquelle meio despotico, que depois de 22 annos de vida ingleza, ella não podia amar nem entender.

E depois de hesitações, de luctas domesticas, de resistencias que o cortezão do marido, obedecendo ás injuncções do Tzar lhe oppõe descaroavelmente, ameaçando-a inclusivamente com a miseria — ameaça que ella repelle e escarnece como verdadeira *grande dame* — ei-la que vem estabelecer-se em Paris, centro intellectual que a attrahe e fascina, e no qual, desajudada

de todos os prestigios da riqueza enorme e da posição excepcionalissima — consegue ainda assim fundar uma verdadeira realeza do espirito.

Quem poderia pensar tal? Madame de Lieven tem 52 annos. Na sua physionomia devastada pelas doenças e pelas dôres já não resta um vestigio d'essa belleza, nunca perfeita mas sempre dominadora, que lhe illuminára a mocidade. Pois é n'essa hora, que é o *fim* de toda a mulher, que para ella rompeu a imprevista aurora de um grande, de um admiravel, de um absoluto amor!

A mãe desolada, a Niobe que se não queria consolar, mas sim aturdir-se, encontra na hora do seu luto e da sua tristeza crepuscular esse grande homem que foi Guizot.

Encontram-se, fallam-se, adivinham-se. Ella contalhe a sêde de amor sincero, de affecto desinteressado e puro que lhe devorou a mocidade e que nunca foi satisfeito. Mostra-lhe sob as sedas, os diamantes, os brocados, o diadema de princeza e as fitas das condecorações aristrocraticas, a chaga aberta, a ulcera envenenada de um coração que julgou amar e que nunca amou, que pediu ao mundo ocioso, palreiro e frivolo alguma cousa com que enchesse o vasio da sua vida, e que só teve satisfações de orgulho, gozos de vaidade, politicos ou diplomaticos, a responderem palavras ôcas ás suas supplicas de faminta...

Elle, o austero montanhez das Cevennes, de vida toda entregue ás cousas do pensamento ou ás paixões da

vida publica, elle, duas vezes viuvo e que se lembrava saudoso dos cultos que inspirára sem talvez nunca os partilhar em absoluto ; elle, que a morte do filho mais querido feria pungitivamente num ponto do coração onde nenhum consolo chegára ainda; elle amou aquella mulher no outomno da vida, triste, desesperada e sceptica, não pela belleza do seu corpo devastado, mas pela grandeza do seu devastado pensamento !

Amou-a pelo contraste que havia entre o brilho exterior da sua vida acclamada e celebre e a melancolia inconsolada da sua alma tão só ; amou-a pela communidade de dôres que havia entre ambos, egualmente feridos pela morte dos filhos bem amados ; amou-a pelo bem que sentiu que ia fazer-lhe e pela intelligencia penetrante e subtil que lhe descobriu ; e talvez até pela superioridade social com que ella o dominava !

E' um facto estranho, é uma anomalia inexplicavel este sentimento apaixonado, exigente, juvenil em muitos dos seus aspectos, que irrompeu assim imprevisto e omnipotente entre Guizot e Dorothéa de Lieven. Que importa ! Para o critico, para o moralista, até para o historiador, porque ambos os personagens pertencem á Historia, o importante é que elle existisse.

Acceitamol-o sem o discutirmos. Devemos accrescentar, porém, que nunca foi ridiculo.

Ambos eram muito dignos, muito altivos; ambos impunham muito ao vulgo irreverente e profano. Uma tinha todos os desdens da sua raça, outro todo o orgulho indomito do seu temperamento de homem e do seu

genio de pensador. Ninguem se riu d'elles. Ninguem póde affirmar que limites marcou a si proprio esse affecto estranho e raro! Casaram, como nos affirmam e parece deprehender-se do trecho de uma carta d'ella?

Ligou-os sómente a amizade apaixonada que tem todas as apparencias do amor mais ardente, menos a sua consagração secreta e natural?

Teve esta paixão o seu inicio, sujeito ás condições terrenas e materiaes, a que poucos escapam, e depois de dous ou tres annos de extase e de abandono, resurgio em ambos elles alguma cousa que o primeiro enlevo eclypsára? N'ella a dignidade da mulher já envelhecida e inapta para dar a felicidade na paixão, e n'elle aquelle escrupulo de rectidão e de nobreza ingenita que o levou a submetter-se ás novas condições, mais harmoniosas com a idade de ambos, que lhe impoz em um supremo impulso de orgulho, ou talvez antes na lucidez do seu espirito experiente e sabedor, a sua grande amiga?

Não podia durar 20 annos, tão bello e tão digno, este affecto, começando só quando a Princeza de Lieven tinha 50 annos, se ambas as grandes personalidades que elle entrelaçou não tivessem, com suprema dignidade e suprema resignação ás condições irreductiveis da vida, sacrificado o que elle tinha de passageiro e de ephemero ao que podia ter de sublime e de immortal!...

Para mim é convicção assente, que, depois dos primeiros tres ou quatro annos de irresistivel ou quasi in-

verosimil embriaguez, elles ou casaram ou fizeram reciprocamente um novo pacto mais bello e mais desinteressado, que sustentou entre elles, quasi 20 annos, uma affeição que não parece d'esta vida, tão pura, tão grande, tão absoluta e tão completa!...

E' esta segunda parte do livro que lhe dá o supremo encanto que elle tem.

Sinto verdadeira pena de não citar algumas das muitas cartas que eram trocadas entre esta grande mulher e este grande homem! Vejo, porém, com espanto que já vae mais longe do que devia ser este artigo consagrado á *La Vie d'une Ambassadrice au siècle dernier*.

Paro pois aqui.

---

VI

# Georges Sand

(CENTENARIO E CARTAS DE AMOR)

No momento em que Pariz, n'aquelle seu adoravel jardim de Luxemburgo, de que me recordo com tamanha saudade, inaugurava a estatua de Georges Sand, e que no Berry, sua amada provincia, a região em que nasceram e cresceram *François Le Champi*, *La Petite Fadette*, e tantas das figuras rusticas immortaes da sua obra, se celebrava o centenario da grande escriptora — n'este momento consagrado á piedosa consagração de um nome que o seculo XIX tem de contar como uma das suas mais luminosas glorias litterarias, um mal avisado depositario da correspondencia authentica entre Georges Sand e Musset, julgou chegado o momento opportuno para a publicação d'esses extraordinarios documentos de loucura de uma época e do des-

. . . . . . . . . . .

vario de duas almas excepcionaes. Se não fosse de pleno romantismo o tempo em que se deram os factos extranhos, que a correspondencia nos revela com inteira verdade, certamente que elles não se teriam dado assim. Se não fossem dois seres extraordinarios os protogonistas do triste drama, com certeza que d'elle não resultaria ao menos para um d'elles o fatal resultado qué resultou.

Com franqueza, devo accrescentar depois de haver lido as peças do ruidoso processo que tem feito gastar oceanos de tinta, que a minha impressão é muito mais favoravel a Musset do que a George Sand.

Por isso ainda mais me parece inopportuno o momento escolhido para tal publicação.

Não é que eu sinta para esta especie de revelações posthumas o desdem convencional que é uso consagrar-lhes. Não as quizera decerto para pessoas da minha familia; mas regosijo-me de que haja quem as faça e as consinta, pois que ellas constituem a mais preciosa contribuição para o estudo, não só do coração humano em absoluto, como da personalidade humana collocada em época definida, em meio especial, e em circumstancias caracterisadas.

Esta correspondencia, particularmente, não póde deixar de interessar os que se occupam da Historia da Litteratura. Ella revela melhor de que todos os romances e poemas então publicados, o que foi o Romantismo como periodo litterario e como influencia moral e social.

Arvéde Barine, a quem se deve a melhor biographia de Alfredo Musset e que, antes de publicadas as cartas, as tinha podido ler em parte, escreve a respeito d'ellas estas palavras memoraveis:

«A correspondencia d'estes amantes celebres, na qual se seguem passo a passo os estragos feitos pelo monstro (o espirito do Romantismo) é um dos documentos psychologicos mais preciosos da primeira metade do seculo. N'ella se póde assistir aos esforços dolorosos e insensatos de um homem e de uma mulher de genio para *viverem* os sentimentos de uma litteratura que escolhia os seus heroes fóra de toda a realidade, e para se conservarem, elles proprios, tanto acima e fóra da Natureza, como por exemplo se conservam Hernani ou Lélia».

A Natureza costuma vingar-se de quem ultraja e viola as suas leis *necessarias*. Foi a natureza, foi a verdade humana, que, através dos artificios violentos, das allucinações doentias dos dous desgraçados amantes, os condemnou a torturarem-se mutuamente, a fazerem-se desesperadamente soffrer, a viverem n'um phrenezi diabolico, n'um ataque duradouro de epilepsia sentimental, até que afinal, mutilados, exasperados, conseguiram arrancar-se um do outro, *elle* mortalmente ferido, com aquella ferida aberta cujo sangue nos embriagou a nós todos na mocidade; *ella* quasi a morrer tambem . . .

Georges Sand mais robusta, capaz d'aquelle *éternel renouvellement* de que ella propria falla, conseguiu de-

pois de mais quatro ou cinco annos de delirio romantico, restabelecer-se do terrivel mal, equilibrar-se, fixar na terra, na boa terra amiga e fecunda, os seus pés vigorosos, e deixar-se emfim desenvolver, transformar-se, crescer, como as plantas, como as arvores que a cercavam, ensinando-a.

Musset, pariziense da gemma, que não tinha raiz no solo sagrado e eternamente fecundo da terra-mãe geradora e pacificadora, ficou preso á sua dôr, á sua nostalgia, á saudade d'essa região inflammada em que habitára um dia e ao pé da qual tudo o mais lhe pareceu incolor e insosso!

Morreu d'essa obsessão mesma, depois de haver soltado os mais bellos gritos de paixão, os mais ternos e melancolicos lamentos, as blasphemias mais sangrentas, os gemidos mais dolorosos de que a Poesia do seculo XIX póde orgulhar-se. Esse thesouro de lagrimas só elle o possue assim genuino e sincero!

Paz aos mortos, diz a piedade commum dos homens! E alguns dirão: Os immortaes não têm direito á paz dos obscuros!

Essas duas figuras caracteristicas, Sand e Musset, representam o Romantismo na sua phase mais aguda. São significativas. N'ellas só, se podem estudar todas as theorias cahoticas que o movimento Romantico em França (o que não é dizer em todo o mundo, porque o Romantismo teve em cada paiz, em cada raça, elementos diversos com que contar) poz á superficie.

Ambos receberam a influencia d'esse movimento e por seu turno a exerceram com violencia nova: Georges Sand produziu nas mulheres sem talento todos os funestos males, de que mais tarde o seu genio *unico* a salvou. Musset fez escola; nenhum poeta o igualou na belleza dos versos, na sinceridade da emoção, na perturbante tristeza que da sua alma se exhalava, como de certas flores venenosas se exhala um delicioso e violento perfume que entontece e que mata. Nenhum o igualou. Mas quantos, não podendo imitar-lhe o genio, lhe imitaram os desvarios!

Bebeu-se muito absyntho á dôr e ao desespero de Musset.

Amaldiçoou-se muita burgueza inoffensiva porque elle clamára contra a *femme à l'œil sombre* de que nunca, nunca mais até á morte, pôde esquecer-se, e que lhe lançara a poderosa *jettatura* dos seus negros olhos, cheios de noite e de mysterio.

Como é interessante esta influencia reciproca que se estabelece entre o poeta e o seu publico! Influenciado por uma corrente anterior, o artista accrescenta ás suggestões recebidas de fóra o que o seu proprio sentir lhe fornece de original e de inedito, e acaba por imprimir n'outras almas o cunho de ouro ou ferro que recebeu, já transformado no cadinho interior, onde o fundiu e de novo o modelou.

---

As duas figuras de Georges Sand e de Musset são tão representativas do *meio* em que viveram que basta a gente conhecel-as bem para estudar esse meio.

Balsac foi o maior pintor d'esse tempo *unico*. Deixou nos d'elle pinturas a *fresco* e deliciosos quadros de genero; deixou-nos d'elle gravuras e aguas fortes á Rembrandt; grandes télas decorativas á Rubens; retratos á Ticiano e á Velasquez; miniaturas de Meissonier; impressões sinistras de Goya ..

Pois bem, Balsac nunca fez nada que seja tão adoravelmente *balsaciano* como a Georges Sand e o Musset que se amaram e torturaram nos rochedos de Franchart, sob as arvores de Fontainebleau, no silencio das lagunas venesianas, de que se exhalam miasmas palustres que envenenam e de que se erguem á noite imagens voluptuosas que embriagam; entre os muros d'esse *hotel Danielle* que ficou para sempre celebre porque *elles* dous lá passaram; nas ruas de Pariz ruidosas e tristes, para quem as atravessa com um punhal cravado no coração! Como aquellas cartas estão *datadas!*

Para conhecer bem a época em que foi possivel sentir *sinceramente* tudo aquillo, escrever com a mais espontanea violencia tudo aquillo, proceder d'aquella maneira extraordinaria e em pleno conflicto com os instinctos mais vehementes da humanidade, nada mais é necessario do que lêr com attenção essas cartas que, estheticamente, são o mais bello grito de paixão que dous allucinados atiraram para o espaço e para o tempo, embora ethicamente tenham nas proprias torturas

e desvarios que traduzem, a sua condemnação absoluta e sem appello !

O que eu lamento não é que as cartas se publicassem. Ainda bem que assim se fez. Lamento que se escolhesse uma hora excepcional em que os erros da mulher mortal eram esquecidos para só serem lembrados as geniaes qualidades da immortal escriptora, para se atirar ao publico com esse capitulo de uma mocidade tempestuosa, que foi resgatada em todo o tempo por um genio como mulher alguma nunca possuiu, que foi resgatada mais tarde por uma velhice de bondade, de caridade, de abnegação e de trabalho.

Se todos entendessem bem, ao menos, que para se perdoar a Georges Sand foi necessario que ella fosse... Georges Sand! Mas não entendem e julgam que o que é perdoado a uma o pode ser a todas!

---

Em mim dá-se este caso extranho: Eu separo n'aquella creatura singular as duas personalidades distinctas que ha n'ella!

A mulher separo-a da escriptora. E será porque me não interessa a mulher? Não! como representação da sua época, do seu *meio*, das hereditariedades que n'ella se combatiam em tragica lucta, das influencias que actuaram na sua formação intellectual, moral e physica, das circumstancias que modelaram fatalmente o seu

destino, da maneira por que o seu talento se fez — a mulher interessa-me muito mais que a escriptora.

Gosto de a estudar estudando através d'ella o seu tempo e a raça mesclada, que n'ella produziu alguma cousa de anormal, digna da mais attenta e curiosa investigação.

A escriptora, porém, sem me interessar tanto, deslumbra-me positivamente! Como é que ella aprendeu a manejar essa lingua que o proprio Renan — o impeccavel, o inultrapassavel—admirava tanto?! Como é que ella, sem empregar um só termo arrevezado, uma só phrase emprestada, como hoje se faz, pela technica de todas as sciencias, adquiriu aquella factura larga e magistral, aquelle estylo amplo, harmonioso, de um rythmo opulento lembrando um grande rio que atravessa lentamente valles e planicies, que reflecte a côr do céo, o verde das arvores, a purpura dos poentes, a graça infantil das madrugadas e que vae perder-se no mar, soberbo, inconsciente da propria grandeza?!

Paizagista, ora á maneira de Corot, ora á maneira de Millet, ella sabe traduzir a Natureza qual a vio, e idealizal-a qual a sonhou!

Interprete maravilhosa da alma feminina do seu tempo e sua reveladora genial, só ella nas paginas eloquentes e vibrantes dos seus livros nos revella bem essa alma que aprendera com Rousseau a amar a Natureza e a divinizar a Paixão; que aprendera com os philosophos e os theorisadores da Revolução a revoltar-se contra as leis tradicionaes que durante dezoito seculos

haviam mantido de pé o edificio social, e a aspirar á felicidade pela emancipação e pela revolta; essa alma que a epopéa napoleonica deslumbrou com a passagem de um fulvo relampago de gloria, que a devota e aristocratica Restauração tentou de novo encerrar em moldes que se tinham partido, escravizar em leis que se tinham desfeito, e sobre a qual o Romantismo, (de que o voluptuoso René fora o primeiro iniciador), fez passar a sua ventania devastadora e quente, que vinha impregnada de tanto perfume exotico, de tanto halito de febre, de tanta morbidez, de tanta paixão!

Na alma dessas mulheres do Romantismo, ou sejam da verdade ou sejam da ficção, nós encontramos todas estas influencias em camadas juxtapostas.

Mas Georges Sand foi a expressão do romantismo mais puro e genuino. Não teve o pedantismo medievico de Hugo nem de Gauthier, Não se importou para nada com os *canones* litterarios da sua escola.

A sua lenta formação foi feita pelas influencias acima apontadas, acolhidas e ampliadas por uma alma vibrante e por um espirito comprehensivo até ao genio.

Ella recebeu o sôpro abrazado de todas as paixões do seu seculo e no entanto já estava educada pelas ideias do outro.

O atheu Voltaire fallára-lhe pela boca fina e maliciosa da avó; o deista Rousseau dissera-lhe ao ouvido todas as cousas inflammadas, voluptuosas, perturbantes que elle tinha dentro do seu dubio, extranho e doente coração!

A Natureza, a sua grande e mais fiel amiga, ás ve-

zes conselheira immoral, ás vezes salvadora divina, a Natureza completou o que estes tinham feito. Deu-lhe a sua faculdade de esquecer, de se renovar, de se dar toda e de se possuir sempre a si propria, de amar como ella flori, de esquecer como ella se desfolha!..

E os homens que a cercaram trouxeram-lhe as suas doutrinas contradictorias de que ella alternativamente se fez éco. Ora socialista ora individualista. Querendo a felicidade das massas e querendo a expansão integral dos individuos: querendo que a Paixão tivesse os mais amplos direitos, e ao mesmo tempo que a Piedade fosse a lei immutavel e universal! Falta-lhe coherencia e logica, ou não fosse ella mulher!... Mas assim como no seu organismo se combatiam as influencias atavicas de Mauricio de Saxe, o Principe Centauro, da bisavó, deliciosa e fragil dansarina, da mãe *faubourienne* de Pariz desbocada e maluca, da avó voltaireana de fino sorriso e finas rendas, tomando rapé na sua caixa. Pompadour, assim tambem no seu espirito assimilador e fecundo havia influencias de todos os lados a moverem-no em direcções oppostas, a impôrem-lhe contradictorias doutrinas!

A escriptora — éco harmonioso, flauta de Pan que todas as auras fizeram vibrar — soube dar fórmulas encantadoras a cada inspiração que passava!

Tudo está dito a respeito de Georges Sand. A sua gloria é absolutamente incontestavel e ergue-se superior a todas as criticas ou censuras! Como escreveu muito, escreveu tambem para todos os gostos, não por

calculo, mas consoante as inspirações successivas que n'ella foram actuando. Os seus primeiros romances *Indiana*, *Valentina*, *Lélia*, *André*, *Cartas de um viajante* são do maior interesse para mim, porque n'elles encontro mais a mulher com o seu apaixonado coração que a vida esmagava, triturava como se tritura e esmaga uma flôr para d'ella extrahir a essencia que contém.

Perante a critica impessoal, porém, os seus idylios rusticos são os mais bellos e perfeitos productos d'uma penna incomparavel na ternura, graça e poesia!

No seu sexo, por ora, Georges Sand levanta-se *unica*.

Madame de Sevigné é deliciosa; Madame de La Fayette foi a iniciadora do romance psychologico com a sua *Princesa de Cléves*; a Stael é genial e mascula como pensadora e como critica.

Na Inglaterra Miss Brontë, Georges Eliot, Elisabeth Browning são tres espiritos de poderosa envergadura. Ha em qualquer d'ellas qualidades talvez superiores a algumas qualidades de Georges Sand. Esta, porém, é completa, como poeta, como prosadora, como traductora de estados da alma, como pintora de scenas da Natureza. A fecundidade, a abundancia, a ponderação de faculdades intelectuaes, o poder de trabalho mais que viril, a generosidade, a sympathia vehemente por todas as causas bellas — tudo isto e muito mais que não tenho tempo de analysar aqui, fazem de Georges Sand o exemplo até hoje *unico* de uma mulher perante a qual quasi todos es escriptores masculinos têm de inclinar-se vencidos!...

VII

# Quatro comediantes celebres

Depois de uma serie de representações que attrahiram ao theatro *D. Amelia* toda a Lisboa elegante, artistica e litteraria, ou simplesmente rica, e a que presidia, invariavelmente, a Familia Real, a eminente actriz Bartet acaba de nos deixar.

Nada mais inadequado de que as varias apreciações a que o seu talento e a sua arte de traduzir a vida deram origem.

Chamarem-lhe *a divina* tornou-se uma especie de praxe consagrada.

Um dia, Sarcey, no enthusiasmo causado pela voz da grande artista — essa melodia delicada e rara em que parece vibrar e fremir toda a doentia sensibilidade da alma moderna — chamou *divina* á deliciosa interprete de Musset.

Desde esse momento, para a imprensa franceza e de todo o mundo, Bartet foi *a divina*!

Ora quem a vê, quem a ouve, quem a aprecia no conjuncto do seu trabalho scenico, se continúa a chamar divina á voz em que ella modula o verso alado do poeta das *Noites*, percebe que outras são as primaciaes caracteristicas do seu bello talento.

Em primeiro logar, fidelidade absoluta ás tradições da *Comedie Française*, de que é a mais eminente societaria; depois, equilibrio, perfeição, adaptação rigorosa á figura que interpreta, docilidade ás exigencias do seu personagem, esquecendo-se de si para traduzir todos os aspectos, até á *nuance* mais fugidia, do caracter que lhe deram a interpretar.

A sua collaboração com o auctor de cada peça consiste na intelligencia com que o comprehende e na magnifica e perfeita sinceridade com que o traduz!

E' isto que a distingue das suas rivaes contemporaneas — Réjane, Sarah e Duse.

Felizmente, pois que em Lisboa se póde hoje escutar e vêr os primeiros artistas do mundo, eu tive o prazer artistico de ver a todas ellas.

Emquanto que a Bartet me dá a idéa de uma actriz conscienciosa até ao escrupulo, incapaz de exceder, de exaggerar, de transformar, de modelar a seu modo a figura creada pelo dramaturgo, ou pelo poeta, as tres outras invadem o palco com a sua absorvente personalidade.

Quando a gente vae a uma representação de Bartet, vae ver e apreciar a obra de theatro *em si*, *representada* por uma artista de intelligencia subtil e delicada,

de temperamento em harmonia intima com a sua arte, de estudo ferreo, experiente em todas as difficuldades d'esse officio tão arduo, que só creaturas excepcionalissimas o podem exercer na altura em que elle se torna uma das mais bellas e das mais suggestivas das artes.

Além d'isso, bella, d'uma belleza correcta e fina, de uma graça insinuante e discreta, a Bartet é uma figura aristocratica que se impõe sem deslumbrar, que encanta sem nunca nos produzir assombro, ou calafrios.

Sympathisamos com o personagem atravez d'ella e esquecemos a individualidade da interprete, para sómente nos interessarmos pelas mulheres que ella interpreta.

Com as outras não succede o mesmo.

*

* *

Réjane é sempre a Réjane: quero dizer: ella encarna-se definitivamente n'uma figura sempre a mesma, que muda de nome, mas que não varia de natureza.

Ella é a Pariziense tal qual, por influencia mutua entre a litteratura que a cria e a sociedade que a realisa, ella existiu no ultimo quartel do seculo XIX. Os auctores theatraes e os romancistas, encontraram, talvez, na vida uma figura de excepção, envolveram-na nos prestigios da sua arte e apresentaram-na no palco, ou no romance.

As mulheres viram-n'a, namoraram se d'ella, e, por fim, a excepção converteu-se em typo universal.

Por esse mesmo processo é que Balzac e Georges Sand imprimiram o seu sello poderoso na mulher dos primeiros cincoenta annos do seculo. Tambem elles idealisaram uma excepção, e acabaram por encontrar essa filha da sua phantasia em todas as mulheres do seu tempo, embebidas na leitura da sua obra, e muitas, promptas a executarem na vida real o que tinham admirado no romance dos dois poderosos creadores — *ella* tão perigosamente idealista, *elle* tão extraordinario de intensa realidade!

Os escriptores contemporaneos crearam a pariziense perversa e sensual, gulosa e cruel, capaz de sentir o dardo agudo desse execravel egoismo que se chama paixão, e inaccessivel a essa virtude adoravel de abnegação e sacrificio que tem o nome puro de amor; insaciavel de gosos, e inconstante e futil, e facilmente cançada de tudo que quer, que deseja, que chega a conquistar, á custa do seu implacavel querer! Essa mulher tem sorrisos que distillam lagrimas, e tem lagrimas que tempera a malicia gaiata de um sorriso; é, como a agua perfida e traiçoeira, domina, falando ás paixões menos nobres da alma viril; faz-se amar desesperadamente, numa acre volupia doentia, pelos mesmos motivos que a fariam desprezar por um temperamento equilibrado e são; ama tambem, mas como se odeia, com raiva e crueldade, com requintes de perfidia que torturam, com a ancia morbida de fazer mal e de afiar as garras côr de

rosa no coração sangrento que se lhe entrega e que ella acaba por gangrenar!

E' esta a heroina das modernas comedias de Porto Riche, de Donnay, de Lavedan, de outros; é esta a parisiense com quem a Réjane se identifica tão intimamente que já lhe não póde fugir, e que ella e a figura que representa são sempre para o publico uma só. Feia, mas irresistivel de graça, desacreditando a belleza regular, á força de espirituosa e de seductora feialdade, a Réjane interessa mais do que a ficção que traduz na scena!

Ninguem quereria pela formosura mais correcta trocar uma feialdade assim. Que importa que as feições sejam imperfeitas e desharmonicas? Não traduz a extranha desordem exterior o cahos d'essa natureza toda de impulsos, meio felina e meio humana? A sua voz, ás vezes rouca, com entonações de indizivel *canaillerie*, onde vibram tantas notas rudes ou doloridas das vozes que se ouvem nos *faubourgs* de Paris, não é, porventura, a voz mais propria para a caricia que está perto da injuria, para o grito de paixão, para o ciume e para a loucura?

Tanto assim que a verdadeira creadora do genero, que por muitos annos triumphou nos palcos de Paris, foi a Réjane.

Escrevia-se para ella, não era ella que docilmente acceitava as imposições do dramaturgo e que se encarnava nas figuras por elle creadas.

*

*   *

A Sarah Bernhardt, nos seus bons tempos, que vão bem longe, tambem era maravilhosa de egoismo empolgante!

Essa creou no theatro e cá fóra um novo typo do *eterno feminino.*

Foi moda ser magra como uma liana e vaporosa e filiforme.

As mulheres de Alexandre Dumas filho encontraram na Sarah a sua genuina interprete.

E nós todos endoidecemos pela sua figura alta, flexivel, que tinha um não sei quê de serpentino e que sabia encontrar a magia de attitudes até alli ineditas e para sempre inimitaveis. A voz d'ella era um collar de perolas a desfiar-se em urna de crystal; o seu olhar era ás vezes luminoso e fixo, como se irradiasse de uma longinqua estrella; era implacavel e duro outras vezes, como a paixão que mata e de que se morre; tinha a profundeza glauca das aguas; tinha a melancolia desolada e vasta da desesperança mortal!

N'ella havia a extensa gamma d'um instrumento que mãos sobrehumanas tinham feito.

Mas nunca sahia de si propria; era sempre ella, embora, ella só, soubesse conter em si a dôr universal e a universal paixão. Genio desigual e superior, que hoje despede, n'um desafio audaz á velhice e á decadencia

inevitavel, os seus ultimos fulgores de astro morto ha muito!

A propria Duse, a prodigiosa Duse, não sabe evadir-se de dentro de si, emquanto representa.

Não se liberta d'essa personalidade extranha e fascinante de que Gabriel d'Annunzio nos deu no *Fuoco* o retrato immortal.

Mais interessante, mais complexa, mais attrahente, mais profunda e varia e mysteriosa de que os personagens femininos que leva á scena, é *ella*, só ella, ella sempre, que nós estudamos e seguimos e amamos e comprehendemos atravez dos gestos de *Adriana Lecouvreur*, da *Gioconda* — do seu duro e cruel poeta — da *Princeza Georges*, da *Mulher de Claudio*, de *Hedda Gabler*, da *Segunda mulher de Tankeray*, etc., etc.

A Bartet, portanto, sem nunca nos levantar ás alturas e sem nunca nos fazer descer aos abysmos a que outras nos arrastam, é, n'esse sentido a melhor comediante d'ellas todas.

E' a *Berenice* de Racine, é a *Musa* de Musset, é a heroina do *Dèdale*, ou da *Loi de l'homme*, de Hervieu. Sente-se inferior á creação que representa. Não tenta modifical-a, mas sim traduzil-a. Não aspira a que as creações dos poetas e dos dramaturgos se subordinem a ella, deseja simplesmente — com a maior sinceridade, com o maior escrupulo, com o mais nobre esquecimento de si, entrar em alma e corpo dentro do personagem feminino que lhe coube interpretar.

VIII

# A Condessa Mathieu de Noailles

A Condessa Mathieu de Noailles, autora do livro de poesias tão fallado *Le Coeur innombrable* do romance original e extranho de que lhes fallei, [1] *La Nouvelle Espérance*, acaba de publicar um novo volume a que chama romance, que é escripto em prosa, e que tem por titulo *Le Visage Émerveillé.*

Pelos titulos acima citados já póde bem perceber-se que a escriptora — poetiza antes de tudo — tem a mania fortemente accentuada da *originalidade*. Mas será simplesmente isso uma maneira, um *chic*, uma especie de attitude voluntaria, ou será que realmente esta mulher *sente* de modo diverso, *vê* sob um aspecto differente as cousas da Natureza, a Vida emfim, desde o que ella tem de mais simples, até ao que tem de mais complexo e mysterioso?

---

[1] No livro *Cerebros e Corações.*

. . . . . . . . . . .

Inclino-me pela segunda hypothese e por isso é que ella me interessa, tanto, tanto!

Interessa-me mais a escriptora do que os seus livros; mais a mulher do que os personagens que ella cria.

E depois creará ella personagens distinctas do seu ser, ou não será cada uma das figuras que ella põe nas paginas dos seus romances, um dos aspectos da sua alma *innombrable* tambem, como a da Natureza!?

O que mais profundamente se faz sentir nas obras da Condessa de Noailles é esse amor ardente da Vida que tão poucos sentem assim completo, absoluto!

Carlyle sentio o mysterio, o terror sagrado da Vida, a eloquencia dos seus silencios, o sortilegio das suas vozes, o que ella tem de secreto e intraduzivel. Shelley sentio o encanto fluido das suas apparencias eternamente varias, eternamente renovadas. Ha quem só goste da belleza de que ella reveste os seus céos, os seus mares, as suas montanhas; e quem se interesse só pelas paixões com que ella aquece e faz latejar as veias das suas creaturas. Cada um vê d'ella alguma coisa. A Condessa de Noailles vê d'ella *tudo*. Nunca encontrei em escriptor moderno pantheismo mais sincero! A sua identificação com a terra, com as suas flores, os seus fructos, as suas plantas; com os seus cheiros, as suas côres, as suas musicas, as suas linhas, os seus fremitos, as suas palpitações mysteriosas; os desejos de que ella faz fremir a carne dos moços; a melancolia ineffavel de que ella inunda em noites estrelladas a alma dos que contemplam os infinitos céos; os instinctos irreductiveis

de que ella é mãe, as ancias que ella communica ao coração mortal, ancias de a entender, de a abraçar toda, de se fundir n'ella, formando com ella uma só alma — tudo isto agita e como que inspira a musa inquieta e apaixonada da Condessa de Noailles.

N'esta especie de paganismo ardente e primitivo, paganismo de dryade e de nympha, de deusa e de bacchante, falta, já se vê, o elemento christão, que eu acho indispensavel na composição d'um talento de mulher ; falta o pudor, o divino pudor, que torna a arte moderna menos grandiosa, porém bem mais attrahente, e que dá á poesia moderna uma superioridade enorme sobre a antiga !

Esta mulher que escreve em Paris, que vive em Paris no meio da sociedade mais selecta do seu tempo, que pertence pelo casamento a uma familia de nobreza historica, em que as tradições têem decerto um culto, e em que as virtudes ancestraes são respeitadas necessariamente, ainda que não seja senão pela fórma — esta mulher escreve com a liberdade pagã mais completa, com o despreso mais absoluto do que seja melindre feminino, e ao pé dos romances d'ella os romances da querida, da infeliz George Sand, tão idealista e tão bondosa, tão grande na generosidade e no perdão, são romances *à l'eau de rose* (e dignos talvez da *Bibliothèque rose*.

Como os tempos têem mudado !

Apezar d'este *senão* gravissimo da sua obra poetica e romanesca, eu não posso, porém, deixar de repetir

que a escriptora me interessa poderosamente. Na nudez da sua fórma ha talvez mais innocente impudor, do que subtil perversão. As crianças são assim e ninguem lh'o leva a mal. Ella é uma criança, ébria do licor que bebeu nos seios uberrimos da terra-mãe!

---

No sólo, que se desdobra em flores e em fructos, tudo a interessa, desde os humildes productos da horta domestica, até aos habitantes orgulhosos e chimericos de luxuosas estufas! O feijão, as saladas, a hortelã, a salsa humilima, a *aubergine*, o melão, as peras saborosas, tudo que se come, tudo que se cheira, tudo que deslumbra a vista pela riqueza da côr, tudo que encanta o ouvido pela delicia do som, tudo que acaricia as mãos, —seja a frescura das rosas, seja o velludo dos pêcegos, seja o succo dôce dos fructos maduros, seja a sumptuosa maciesa dos estofos, seja o contacto da pedra, do tronco rude, da terra humida e fria — tudo dá a este *visage émerveillè* onde se fixou a divina riqueza dos sentidos, e a este corpo lindo em que as sensações são tão fortes e embriagantes, uma felicidade singular!

Da extranha figura d'esta mulher tão ricamente dotada de impressões novas, no meio do mundo moderno, embotado e insensivel, diz um critico francez:

«O pantheismo ingenuo e persuasivo do *Coeur innombrable*, da *Nouvelle Espérance*, de *Visage émerveillè* faz entrar na grande Poesia uma multidão de sêres es-

timaveis, e por muito tempo desdenhados, toda a democracia emfim dos canteiros da horta, das espaldeiras, das hervas aromaticas.»

A Condessa Mathieu de Noailles falla correntemente, — como outros fallam de violetas, rosas e lyrios, — de cousas em que antes d'ella ninguem se tinha lembrado de fallar.

Marmellos e framboesas, peras, beterrabas, uvas, aboboras, têem para ella direito de cidade n'esse paiz olympico de poesia e de sonho onde reina incontestada!

E que louca embriaguez da natureza respiram os seus versos! Como o verão fecundo faz palpitar o seu seio de bacchante!

J'ai le désir qu'à l'heure ardente de ce mois
Le bois frais et touffu se serre autour de moi
Et m'emplisse les mains de sucs et de verdure;
— Ah! sentir sur son cœur s'abattre la Nature —
Boire le miel léger des calices profonds!»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Não cito mais: teria de citar longamente e não tenho espaço. O mal d'estes artigos rapidos é que é necessario que o leitor me creia sob palavra. Não posso provar-lhe segundo os preceitos da critica contemporanea o que lhe affirmo.

Mas se consigo suggerir-lhe o desejo de lêr o que

eu li, já lhe faço um bom serviço, porque abro á sua imaginação um campo ainda não explorado!

---

No seu ultimo volume, a Condessa de Noailles quiz escrever um romance e fez mais depressa um poema!

Talvez que a leitura das cartas da nossa Marianna Alcoforado, *La religieuse portugaise*, lhe inspirasse o thema em que ella bordou as variações da sua ardente sensibilidade.

Mas é tudo tão *irreal*, tão impossivel no romance!

A ficção é pouco mais ou menos esta:

Ha um freira fechada n'um convento, linda, branca e deliciosa e cheia de graça, e um bocadinho *toquèe*.

Na capella do convento entra um dia um pintor. Vê a freira. Namora-se d'ella. Seguem-se entrevistas numerosas. Não sei como seja possivel entrar n'um convento como quem entra n'um moinho; mas para a feiticeira que se chama Condessa de Noailles não ha impossiveis.

No fim d'este longo idyllio, o pintor, que tem que fazer e não póde ficar eternamente a amar a sua freira, á maneira do seculo XVIII, propõe á linda e fragil e dolorosa creatura fugir com ella, leval-a para longe d'alli. Mas ella que, apezar de ser apaixonada como *a nossa freira*, é freira até á medulla, como a nossa apaixonada , nega-se terminantemente a acompanhal-o.

Fica no seu lindo convento *de porcellana*, como ella lhe chama; tem uma longa doença, depois melhora, e continua a rezar e a viver.

Eis tudo! Mas quem dirá o encanto subtil, a quasi loucura de expressões que nunca mais esquecem d'este poema em prosa!

O livro é escripto em fórma de diario. Em cada dia um pensamento, uma sensação, uma imagem, um reflexo de sonho!

Nunca uma idéa. *Pensar* é uma cousa do que a autora do *Visage Émerveillè* se não occupa absolutamente para nada! Os lyrios da montanha não fiam nem pensam! Bebem a luz, o ar, a sombra, os perfumes que passam, o mel que as abelhas lhes trazem na aza loura, os cantos que a cigarra estridula faz ouvir sob as hervas d'onde elles se levantam, esbeltos e finamente flexiveis!...

Para dar idéa d'este diario tenho de citar alguns trechos:

«O sol pelos vitraes da capella inundava de raios a minha face e uma das minhas mangas. Viam-se voejar as moscas pequeninas pela igreja: e o silencio em torno a nós gritava: alegria! alegria!

«Senti-me feliz de ser moça, muito moça; não sei porque isto me deu tanto prazer! De repente estava tão linda a egreja que eu desatei a rir-me! No momento da elevação todas as freiras, segundo o costume, abaixaram as cabeças. Mas eu não abaixei a minha! Disse: Senhor, olhae bem o meu rosto...»

«Sentia que o meu rosto era oval e claro como um espelhinho emmoldurado em prata que eu tive aos 15 annos e sobre o qual se reflectia o sol.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Ponho-me a olhar da janella. A primavera, ninguem sabe bem dizer o que seja! E' tão leve, tão fino, tão verde tudo! E' uma alegria e um perfume! Todo o jardim está em flôr. A terra dos canteiros está fresca e remexida. Ha uma fileira de tulipas, outra de malmequeres dobrados, outra de amores-perfeitos que voltam as cabecinhas para aqui e para alli...

«Sobre as petalas de velludo roxo uma nodoa de rico amarello, viva e lusidia, como se um ovo de pardal cahido da arvore se tivesse quebrado em cima d'ellas.

«Passa o comboio... Os comboios que passam fazem pensar a gente em cidades côr de rosa, em jardins ao longe, em pomares de laranjeiras...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Levo aqui no convento uma vida doce e régia. Tenho um habito azul e branco; sou muito débil; todos têem cuidado em mim. Habito no primeiro andar do convento, longe de todas as outras cellas, num quarto maior que dá para o sul. Não faço nada senão rezar e sonhar... Os meus dedos unidos, esfuziados, são como pequeninos cyrios a arder...

«Gosto do jardim e do convento. Hontem estava eu acariciando os bellos gladiolos frescos e apertados na sua casca verde, alta e luzidia. Estava um dia lindo! O ar cheirava a ervilhas tenras. Soror Catharina disse-me:

— Minha irmã, que amor que tem ás cousas do nosso jardim! As flôres dão-lhe demasiado gosto. Eu por mim não vejo nada senão o meu coração em braza que parece tal qual um carvão perfumado! — E accrescentou sorrindo-se: Soffre muito de escrupulos, minha irmã? — Ah! como eu percebi que eram elles que a torturavam! — Respondi: Não, não sou excessiva em escrupulos. Olhe, Soror Catharina, tenho em mim — não sei como exprimir-me — tenho em mim uma especie de doçura. Acceito o que sou... Tolero-me como toleraria os seus defeitos se a minha irmã os tivesse. Tenho mudanças de humor, caprichos, exaltações; gosto de rir, de chorar, de fazer estallar os botões das fuchsias, e de beber quando está muito calor, á sombra, a agua da fonte, que me lembra prata gelada. Supporto-me, e de vez em quando olho para o céo azul e imagino que Nosso Senhor me diz assim: — Pequenita, gosto de ti como tu és!...»

.................................

A esta freirinha irreal como tudo que ella diz e sente, caprichosa e tonta como tudo que ella pensa, apparece um dia um bello moço que a olha, que a ama, e que ella começa a amar com a chamma azul e ouro que é seu pequenino e doudo coração.

D'aqui por deante não cito, e comtudo não é do que a auctora tenha escripto de mais *risqué*, esta lenta penetração do amor, no coração da linda e pueril enclausurada! O que me espanta é que a Condessa de Noailles, em todo o caso, tenha animo de apresentar na sua

roda, no seu meio tão devoto, este episodio que deve ferir as susceptibilidades mais intimas da gente que a cerca.

E' justamente o irritante contraste entre a personalidade da Condessa de Noailles e a sua obra, que a torna curiosa e digna de estudo.

A freirinha, amando, tem a mesma alma pueril que revela antes de amar. Mas os seus instinctos têem a energia primitiva de uma força da Natureza.

A auctora, pagã sem talvez o saber, e em quem vive a alma omnimoda e tumultuosa de uma nympha das antigas florestas, nem aqui se separa da sua ficticia creação. E' ella que falla quando diz:

«O que ha de extranho no amor é o orgulho. O meu coração expande-se de orgulho... Estou sósinha. São onze horas. Dorme tudo no convento. Abro a janella e ponho-me a scismar! Noite de outomno tão arejada. Milhares de aragens tremem na sombra agitada, sopram de todos os lados, fazendo mover as folhas todas. Respira se bem este ar romanesco, negro e limpido... Penso comigo: Por que é que Julião gosta tanto de mim? E' que a minha alma tem mais fremitos e movimentos que um lyrio, de manhã, ao vento azul, porque sou fragil e sou forte, e toda em contradicções que se misturam; porque no instante em que Julião me diz — «Sei em que está pensando» — eu respondo logo — «Oh! não, já não é n'isso, é em outra cousa!» — e tambem porque á noite a minha voz é mysteriosa como as estrellas da noite...»

---

E apezar do immenso amor que entrou n'esta alma de passaro e de flôr, n'esta alma em que ha mil cousas de mysterio e de sombra, mas em que ha principalmente a faculdade poderosa de gozar até ao extase, de se perder no turbilhão universal até á perda completa da propria consciencia; apezar das horas de paixão e das horas de agonia; apezar do orgulho e apezar das lagrimas, a freirinha não quer fugir do convento, e o hospede de um dia passa da existencia d'ella sem que ella morra de o ter perdido!

E' talvez de um symbolismo involuntario este poema em prosa escripto com tanta graça, e tão virginal encanto, em uma lingua que tem sabor como um ananaz, perfume como uma magnolia, harmonia como o vento que passa na floresta, luz como as estrellas que brilham no alto céo em noites de profundo silencio e de profunda paz!

Não será esta enclausurada branca, fragil, accessivel á tentação, a nossa pobre alma que nunca, por mais que queira e tente, póde sahir do claustro em que a vida a encarcerou!?

Não será o unico momento em que ella escapa á dolorosa isolação, aquelle em que uma outra alma enlaçando-se com ella a faz sonhar, amar, aspirar e soffrer!?

Não será inevitavel o fim d'esse sonho de um estio perfumado e quente!? E depois não se habitua ella a viver de novo no carcere de onde não póde nem quer fugir!?

Como quer que seja, o livro, meio louco e encanta-

dor, lê-se com infinito prazer. Fecham-n'o estas palavras escriptas pela freirinha, no 1.° de maio, justamente um anno depois de ter escripto as primeiras do seu extranho Diario de sonho:

«— Santa Virgem Maria, offereço-te o mez de maio, o mez de maio em que arrulham as pombas, em que as noites suavissimas ardem como lampadas brancas, em que o coração das mulheres muito moças se despedaça quando, ao pé das janellas em que ellas se debruçam, o odor do jasmim é mais forte do que toda a sua força...»

---

IX

# Aimée de Coigny e André Chénier

(A PROPOSITO DE DOIS LIVROS RECENTES)

Ultimamente o nome, sempre famoso, de André Chénier readquiriu um *renouveau* de actualidade pela publicação de duas obras, ambas interessantes: a biographia de André Chénier, publicada por Emile Faguet, na collecção dos *Grands Ecrivains Français*, da casa editora de Hachette, as *Memorias* de Aimée de Coigny a *Jeune Captive*, que elle cantou na prisão, na ante-camara da guilhotina, por assim dizer, e que a nossa phantasia romantica viu por muito tempo bem diversa do que ella era na realidade da vida.

E' principalmente d'ella que venho hoje fallar aos leitores.

Figura estranha que só uma epoca de Revolução

poderia ter produzido, Aimée de Coigny é uma d'estas mulheres que ao mesmo tempo inspiram adoração e desprezo, que merecem dó pela inconsciencia, admiração pela graça, assombro pela extravagante anarchia do sentir, do viver.

Quando no fim do seculo XVIII a bella lamentação de Chénier consagrada á *Jeune Captive* fez vibrar de compaixão dolorida a alma dos nossos avós, toda a gente imaginou que essa Elegia tinha sido inspirada ao mais grego dos poetas modernos, por uma virgem impeccavel e pura, que a crueldade bestial do *Terror* destinava ao sacrificio supremo. «Rival de Iphygenia, e não menos pathetica do que esta, ella representava, como a virgem antiga e contra a mesma crueldade da politica sanguinaria, os direitos de uma vida que desabrocha para a felicidade.»

O poeta revestia-a, para a cruenta immolação, da tunica branca e ouro da sua poesia immortal.

Todos julgavam que era nas vesperas da sua execução que Chénier a tinha cantado.

A devastadora foice do *Terror* ceifára mais esta vida deliciosamente pura, que os versos de Chénier embalsamavam com essencias, cujo perfume estonteante e morno se não evolaria mais na litteratura universal.

Como sempre que a gente investiga a fundo a verdade das cousas, a lenda que se creou n'esses dias de luto era bem mais linda e commovedôra que a realidade.

A *Jeune Captive* estava, é certo, na prisão, mas, não

era como a romanesca imaginação dos sobreviventes a phantasiára, nem uma creança innocente,nem uma victima votada á morte.

Era a mulher divorciada do Duque de Fleury; tinha de viver longamente, atravez das vicissitudes e das peripecias d'aquelle periodo tumultuoso; de ter, depois das aventuras que já conhecêra, outras que mais notoria a tornariam ainda; e de morrer na sua cama em 1859, tendo visto Luiz XVI, a Republica, o Directorio, o Consulado, o Imperio, a Restauração, e tendo sido com a mutabilidade e a inconstancia que tanto exprobram ao nosso sexo, e ás vezes com tamanha razão, tudo que se póde ser de mais vario, de mais caprichoso, de mais mudavel na politica, na moral, no coração, na vida...

As épocas varias que atravessou, sempre a respeito d'ella foram conformes em lhe reconhecer uma dupla força soberana e subjugadora: a belleza triumphante que lhe permittiria ser estupida: o espirito radioso prompto, alegre e vivo e facetado, que lhe faria perdoar a fealdade..

Na Duqueza de Fleury, Aimée de Coigny, havia esta cousa rara que em sendo possuida por uma mulher faz d'ella uma dominadora irresistivel. Sendo *uma só*, tinha a seducção de diversas. Não havia para os homens que a conheceram e amaram meio de resistir-lhe ao multiplo sortilegio. Cada um a via sob uma diversa fórma ; para cada um vestia a apparencia mais propria a subjugal-o.

E não era isto uma hypocrisia ou um artificio ; era

o dom terrivel, fatal, a que ninguem resiste, que a poesia antiga symbolisa em Circe, e a que a poesia celtica deu a forma enganadora de Melusina.

Na vida real as mulheres famosas que tiveram essa magia suprema chamaram-se, no Egypto, Cleopatra, na Escossia, Maria Stuart, na França, Margarida de Valois. E poucas mais aponta a Historia assim capazes de apparecerem sempre, sob um aspecto novo, á adoração apaixonada dos homens do seu tempo.

André Chénier, cantando-lhe a mocidade em flôr, a graça agonisante, não fez obra de rhetorica, fez obra de poeta sincero, cantando, ao pé da Morte, aquella a quem a Morte attrahia e chamava; os que depois a viram bella, amorosa, ardente, cheia de loucura e de impulsos apaixonados, viram-na tal qual ella lhes appareceu, porque ella tinha da Natureza provida e *immoral* o segredo das transfigurações sinceras e incessantes.

As *Memorias* da Duqueza de Fleury são um documento precioso para julgar a alma da mulher dos fins do seculo XVIII e principios do seculo XIX.

Não as ha mais reveladoras daquelle nihilismo moral que tanto assombro nos causa hoje!

Ellas tinham assistido ao ruir de um mundo e á improvisação de um scenario de gloria e de esplendor, de conquista universal, bem proprio para offuscar a vista de quem o contemplasse directamente.

Tinham ellas, com as suas pallidas mãos esguias e aristocraticas, apalpado o *nada* que é a vida que perdiam rindo, o *nada* que é morte, para que se ensaiavam

dançando. Uma Monarchia secular cahira por terra sem que ninguem fizesse esforço de valor para a sustentar. E ao vê-la assim affundar-se no sangue e no crime dos seus carrascos, ellas tinham percebido que essa Monarchia quc julgavam sagrada e inviolavel não era já mais do que um simulacro vão, visto que os reis da terra se não tinham ligado para a defender e salvar, visto que os seus cortezãos e sustentaculos tinham fugido a tremer, para escapar ao perigo que haveria em acclama-la bem alto.

O Altar cahira tambem, vencido menos pelos golpes dos seus inimigos do que pelo cynismo corrosivo dos seus pseudo-fieis. E o Amor tinha de florir rapido para que a Morte não viesse corta-lo ainda em botão. E a fidelidade a um principio ou a um homem era uma loucura inutil, porque os principios e os homens succediam-se e venciam-se mutuamente, e cada novo que triumphava tinha de ser reconhecido por aquelles mesmos que ha pouco o combatiam e contrariavam.

No meio desta derrocada social, moral, sentimental, as mulheres e os homens puzeram-se a dançar a mesma *sarabanda* phrenetica.

Os que tinham sentenciado á morte uma Monarchia de seculos, curvavam-se fanatisados diante de um Imperio de semanas. Os que tinham adorado Napoleão acclamavam em gritos Luiz XVIII; os que foram juizes e algozes de Luiz XVI, pediam officios e sinecuras ao irmão, que lh'os dava sorrindo; os que eram Duques de Bonaparte, ficavam Duques da côrte de um Bour-

bon; os carrascos de hontem eram as victimas de hoje, as victimas sobreviventes de ha pouco iam ter requintes de barbaria sanguinaria para aquelles a quem haviam pedido de joelhos compaixão e de quem a tinham alcançado.

Aimée de Coigny, que fôra Duqueza de Fleury, durante os ultimos annos de Maria Antoinette; e mulher do aventureiro Montrond durante o Directorio; a quem o *seu mundo* perdoára Lauzun e Malmesbury, e a quem o mundo Imperial perdoou Garat o tribuno, e Garat o cantor; sem ordem na vida, e sem firmeza no caracter; umas vezes acolhida com enthusiasmo pela *elite*, outras vezes quasi *déclassée* á força de impudíco desplante; tão encantadora que tudo lhe era perdoado; tão louca que diante de nenhuma peia moral hesitava; negociadora entre Talleyrand e Luiz XVIII, no final do Imperio, para preparar a Restauração; e opposicionista no final da Monarchia; cheia de graça, de espirito, de imprevisto e de arrogancia; seduzindo artistas como Madame Vigée Lebrun, poetas como André Chénier, scepticos como Lauzun e Talleyrand, é um dos mais completos typos representativos de desordem social desse extraordinario tempo em que viveu.

A Revolução franceza foi uma especie de cahos de que o mundo sahiu transformado. Não foi sómente um facto politico sem precedentes, foi uma crise moral formidavel, immensa...

Só as *Memorias*, as *Cartas*, as *Biographias* dos que vivêram esse tempo estranho a que nenhum póde com-

parar-se, nos esclarecem sobre os problemas de psychologia que elle propõe.

As *Memorias* de Aimée de Coigny e a bella *Introducção* que as precede, são destes livros que valem, para lançar luz sobre uma época historica, mais que uma enorme bibliotheca.

*

* *

A biographia de André Chénier interessa tambem muito porque faz conhecer bem o homem, o *meio*, e o talento poetico que não deu toda a sua flôr, mas que promettia á França um genio!

Basta, para perceber o que a França lítteraria perdeu com a morte prematura de Chénier, ver o plano do seu poema *Hermés* e os fragmentos soltos e truncados desse poema que elle deixou.

Sainte-Beuve imagina que esse poema seria dividido em tres cantos; Faguet julga poder affirmar que elle teria pelo menos cinco. A inspiração é grandiosa e ousada. Seria a verdadeira e unica epopéa possuida pela França, esse poema em que Chénier pensou sempre, em que trabalhou a longos intervallos e em que queria encerrar a mais pura essencia do seu genio.

O 1.° canto fallaria da Terra, da sua constituição, da sua historia, das suas revoluções physicas, dos diluvios, dos grandes animaes primitivos, e finalmente da appa-

rição das especies animaes e vegetaes que conhêcemos.

O canto terminaria por um quadro *Amor* presidindo á continuídade universal da vida no nosso globo.

No canto 2.º, julga Faguet, seria celebrada a apparição do Homem, a sua physiologia, a sua alma, as differentes phases da sua vida, a formação da lingua, o estudo das paixões, e nesse canto Chénier inspirar-se-hia da philosophia optimista do seu seculo, que julgava o homem bom de natureza e indole, até que este lhe provou quanto era máo!...

No 3.º canto um personagem fabuloso, «um sabio adivinho», teria mostrado allegoricamente por phases diversas, que elle proprio atravessaria, a historia da especie humana, desde o terror das primeiras horas da sua existencia sob o imperio de forças elementares, poderosas e desconhecidas, até á civilisação relativa de um recente passado.

Depois viria a victoria do Homem sobre as forças da Natureza, victoria alcançada por meio da Sciencia de que Chénier genialmente adivinhava já o imperio crescente e colossal.

O ultimo canto seria o da humanidade futura sahindo da lenta elaboração dos seculos atravessados!... Predominaria nelle o aspecto artistico da suprema civilisação.

Vê-se por este summario quasi telegraphico, que aqui deixo, a belleza grandiosa, a visão magnifica, a intuição de vidente desse poeta morto, assassignado legal-

mente em plena mocidade, e que tendo durado, seria talvez o maior da França.

Mas ainda mesmo depois da magnificencia do *Hermés* a nossa imaginação volta saudosa para a *Joven Captiva* que *Aimée de Coigny* lhe inspirou, e só por ter collaborado,— pela sua belleza deslumbrante, pelo seu encanto suggestivo a que ninguem se esquivava, pelo facto de ser tão linda e doce e deliciosa, — nessa creação de belleza que foi a elegia final de André Chénier, os seus peccados numerosos lhe serão remidos e o seu nome, que ella fez tão lamentavel, ficará eternamente vinculado a uma cousa bella e pura.

X

# A Princeza Mathilde e a sua morte

As figuras que *marcaram* durante o seculo XIX têm desapparecido todas ou quasi todas.

Aquelles que têm o infortunio de chegar a uma certa idade — que não é ainda a velhice descuidosa e inconsciente, como a infancia, que não é já a mocidade alegre, e rica de visões e de esperanças — assistem fatalmente, com doloroso espanto, a este *desarmar de feira*, que equivale a uma debandada!

Morrem-nos os amigos que encontrámos ao despontar para nós a idade de os apreciarmos, e que, portanto, mais velhos do que nós, se foram adiante; morrem-nos os nossos contemporaneos, aquelles com quem nos aprestavamos a fazer a ardua viagem da vida; aquelles junto dos quaes nos sabia bem *pensar* e *sentir*; morrem-nos os amigos estremecidos, que eram a nossa riqueza, o *sal* da nossa vida! E emquanto perto de nós

se executa esta lenta derrocada, — que transforma em ruinas o palacio encantado que a nossa imaginação habitava, e povôa de espectros os seus salões vetustos, e semeia de cyprestes os seus jardins outr'ora floridos de rosas e enche de sustos e pavores pelos que ainda restam, a nossa sensibilidade vibrante, experimentada em tantas dôres, preparada já para o soffrimento por tantas agonias, — emquanto isto se dá perto de nós, tambem lá fóra, ao longe, vão cahindo successivamente as bellas figuras que enchiam o scenario onde a nossa fantasia estava habituada a mover-se!

---

Não fallarei hoje de tantos outros que me estão lembrando agora, porque desejo consagrar só a uma d'estas brilhantes personalidades, para mim tão remotas quanto interessantes, o meu artigo de hoje.

Refiro-me á Princeza Mathilde, que acaba de morrer bem velha, despida já pela idade, pela doença, pelos acontecimentos, que em rapida evolução transformaram complétamente o *meio* social, artistico, litterario e mundano da França, do enorme prestigio de que gozou, mas cujo fim representa o fim d'uma instituição que as nossas democracias utilitarias e atarefadas não podem mais conhecer: o fim de um salão que era um centro de vida intellectual extraordinaria.

A vida de salão é hoje uma impossibilidade e um anachronismo. Os nossos filhos na infancia ainda co-

nheceram um resto d'essa cousa deliciosa, e fragil, que só póde florescer no seio tepido de uma sociedade em que o labor incessante, quotidiano, devastador não é obrigatorio.

Os nossos netos, esses já não terão a menor idéa d'esses requintes, e por isso nada soffrerão porque elles desappareceram.

No tempo aureo em que a Princeza Mathilde foi moça, radiante e soberbamente formosa, com uma formosura magestosa que impunha, prima co-irmã de um Imperador, de quem por um triz não foi esposa — porque na mocidade estiveram quasi noivos — em que ella, sob o busto marmoreo do Grande Napoleão, recebia os seus amigos, a côrte dos celebres do seu tempo, já a vida de salão não tinha o poder absoluto que tivera no seculo XVIII, por exemplo, mas era ainda alguma coisa de vivo, encantador, animado, luminoso, de que ella soube extrahir talvez as mais genuinas alegrias da sua accidentada existencia. Porque ella pertencia a essa familia estranha e tragica, á qual foi dado conhecer as mais extraordinarias vicissitudes, e que depois de occupar quasi todos os thronos da Europa, acabou por vaguear foragida e acossada de cidade em cidade.

Por sua mãe tinha sangue regio nas veias. Nascêra no exilio, em Trieste; vivera depois em Roma e em Florença; educara-se alli para a Arte, para a Belleza, para a Vida!

Oh! Como ella amou todas as tres! Como ella soube

viver intensamente pela intelligencia, pela vontade, talvez pelo coração!

Os que lhe chamam agora *santa velhinha* não dão realmente d'ella uma *silhouette* muito verdadeira.

Foi boa, sem ser santa, sem mesmo querer sê-lo!

Sentia-se da familia dos Cezares.

Nunca se importou com as leis que foram feitas para o commum dos mortaes.

Tomava muito a serio a sua casta. Apezar de se ter indisposto com Taine por causa do volume d'este a respeito do Imperador, seu tio, nem por isso lhe deviam desagradar sobremaneira as theorias d'esse livro, que faziam de Napoleão um herdeiro directo dos grandes *Condottieri* da Renascença, herdeiros elles proprios dos grandes romanos do Imperio.

Para Napoleão, Cesar era um parente, um antepassado. E a Princeza Mathilde que era do mesmo tronco que seu tio, julgava-se ainda portanto vagamente apparentada com os heroes e os fortes de que este procedia.

---

Até 1870, durante quasi todo o periodo do Segundo Imperio, o salão da Princeza Mathilde foi o centro mais intellectual que Paris conheceu.

Fallava-se d'elle em toda a Europa culta. Passar por lá, uma vez ao menos, era o desejo de todo o estrangeiro illustre, quer fosse principe ou grande artista, fidalgo ou millionario! ..

. . . . . . . . . . .

Esse salão, de que ella era rainha, talvez que a consolasse da perda da outra realeza. Porque a Princeza Mathilde estivera para casar com seu primo Luiz Napoleão como já disse, e depois com um filho do Tzar Nicoláo.

Por fim fizeram-lhe o casamento com o Principe Demidoff, meio selvagem e meio doido, que lhe batia, e durante quatro annos a torturou. Salvou-a d'este captiveiro o proprio Tzar, que a fez divorciar-se do horrivel marido que lhe tinham dado, obrigando este a dar-lhe uma pensão enorme.

A Princeza, livre, bella, rica, cheia de talento, irresistivel de *charme* muito seu, veio a Paris e ahi principiou essa soberania de facto que com certeza lhe deu gozos que nunca a Imperatriz Eugenia conheceu de longe.

Talvez que ella acabasse por pensar que o seu *quinhão fôra o melhor*, afinal de contas.

---

N'esse salão famoso que durante a ultima metade do Segundo Imperio attingiu o esplendor maximo, o prestigio mais deslumbrador, e que nunca deixou de existir até agora, embora *realmente* já pouco ou nada valesse, e em que se succederam trez gerações de illustres, passaram, conversaram, brilharam, Alexandre Dumas, pae e filho, Theofilo Gauthier, Flaubert, Merimée, Renan, Pasteur, Berthelot, Taine, os dois Goncourt, Sainte Beuve, Girardin, Arago, Claude Bernard e mais

e muitos mais, para não fallar nos artistas que ella amava e protegia, taes como Baudry, Fromentin, Hebert, etc. etc.

Tudo que tem n'aquelle tempo um nome, na Arte ou na Sciencia, na Litteratura ou na vida mundana, não se acha inteiramente consagrado emquanto a Princeza Mathilde o não recebe, isto é, lhe não sanciona a fama com o seu criterio de mulher, vivo e penetrante.

Mas não é só como *colleccionadora* de grandes personalidades em evidencia que ella fica celebre e famosa nos fastos do seu tempo.

Não. E' como uma das personalidades femininas mais distinctas que atravessaram o seculo XIX e chegaram ao limiar d'este seculo.

Na mocidade tinha uma formosura ampla e poderosa de patricia romana; as feições accentuadas de um medalhão do tempo dos Cesares.

Os olhos, penetrantes e fulgidos, impressionavam. Quando ella queria, esses olhos atravessavam de lado a lado o interlocutor. E' *indefinivel* o olhar d'ella, dizem *os Goncourt*, que foram os seus melhores retratistas, assim como ella é o melhor retrato dos muitos que elles traçaram.

Pintores e esculptores do seu tempo fizeram da Princeza quadros e bustos e medalhas. Nenhum eguala pela nitidez dos contornos, pela precisão dos detalhes, pela variedade infinita dos aspectos, pelo colorido, pela naturalidade, o retrato que os dois escriptores fizeram d'ella, ora no seu palacio e na sua sala-estufa de Pa-

riz, cercada da sua côrte inegualavel; ora no seu *chateau* e no seu *atelier* de Saint Gratien, ora passeando nos jardins, livre, expansiva, alegre, falladora e depois triste, o olhar vago, recordando-se, atirando aos ares pequenos traços do seu passado, como quem atira petalas de uma flôr murcha, ao vento que as leva para longe...

Um dos encantos d'essa vida que passavam ao pé da Princeza os homens mais cultos, mais intelligentes do seu tempo, era a perfeita liberdade de theorias que ella permittia a cada um d'elles.

A's vezes, ingenuos como são sempre os homens de pensamento, elles lá se excediam, lá se desmandavam um pouco. Então, a Princeza, com a immensa *verve* natural que tinha, punha-os na ordem.

A respeito do amor, ella que o conhecia bem, não queria que lhe desvendassem senão o aspecto bello, puro e eterno.

Deixava-os fallar, mas descompunha-os e chamava-lhes grosseirões, materialistas, ignobeis, sensuaes, se elles concretisavam demais as suas idéas a tal respeito.

A vivacidade da sua conversa, a original energia das suas phrases, ás vezes em calão, em *argot*; a maneira incisiva e rapida por que narrava uma historia, um traço da vida, uma anecdota, a mão segura com que desenhava um perfil — tudo isso era uma maravilha. Nos retratos lembrava a *maneira* de Saint-Simon.

Sabia muito. Vivêra nos centros mais bellos da arte. Conhecia e conhecêra muitas individualidades interes-

santes. Tivera por amigos intimos Nicoláo da Russia, Luiz Napoleão e quantos mais! Conhecia as côrtes todas da Europa, sabia-lhes os *dessous*, ou tragicos ou grotescos. Depois era artista, pintava, aquarellava, tocava... Folheava os homens como quem folheia livros. Em nenhum assumpto era leiga, em nenhuma arte era profana, em nenhum conhecimento era hospede.

A convivencia estreita com tantos homens de indole, de talento, de imaginação, de vocações, de trabalhos diversos, instruia-a mais que a leitura assidua de enormes bibliothecas, recheiava-lhe o cerebro de idéas, de imagens, de côres, de theorias, de noções do mais diverso genero.

E ao passo que estas relações puramente intellectuaes lhe abriam uma região luminosa, ampla e serena, muito poucas vezes accessivel aos principes, a sua posição official punha-a em contacto com homens de Estado, com soberanos, com politicos, com descontentes até.

Ella era o traço de união unico que existia entre o Segundo Imperio e a gente superior d'aquelle tempo. Victor Hugo, Michelet, Quinet, os exilados, os perseguidos, attestavam com eloquencia admiravel que Napoleão II era, como o seu colossal e heroico ascendente, inimigo figadal da *ideologia* e dos ideologos.

Lá estava, porém, a Princeza Mathilde para amaciar um bocadinho o humor dos recalcitrantes, para interpôr a sua admiravel physionomia encantadora de intelligencia e vida, entre a malicia ou a revolta dos pensadores e o rosto melancolico e quixotesco de seu pri-

mo. Não é que ella tambem de vez em quando não fizesse o seu bocadinho de opposição; mas era até conveniente que a fizesse. Isso dava-lhe mais auctoridade para obstar aos exageros e ás injustiças dos que a faziam tambem.

---

Tivera ella, porém, uma ambição inexequivel, a de converter ao Segundo Imperio e á memoria do Primeiro todos esses homens que a cercavam! Queria que por amor d'ella, elles nunca escrevessem nada fundamentalmente contrario á dynastia que representava, á estirpe de onde provinha.

D'aqui grandes tristezas para a sua vida. Teve de se pôr mal com Taine, com Sainte Beuve, etc. Era fiel aos seus; e quando algum escriptor os feria ao vivo, antes queria renunciar á voluptuosidade intellectual da sua convivencia, do que pactuar com um adversario declarado da sua familia.

O occaso da sua vida foi triste como todos os occasos. Morrêram os seus mais queridos amigos, ou tiveram, por circumstancias com que ella não transigio, de se separar da sua vida. Morrêram os dous Goncourts, de quem ella gostou tanto; morreu Renan, cuja deliciosa bonhomia, cuja polidez eclesiastica, cuja malicia subtil a encantavam; morreu Sainte Beuve, já mal com ella, mas a cuja casa dantes ella tanto gostava de ir, a cuja mesa se sentára tantas vezes, encantadora de na-

turalidade e graça, trinchando ella propria os pratos que se serviam, feliz de poder abandonar por momentos a pompa exterior da sua vida e participar da simplicidade burgueza da vida dos seus amigos. Morreu o Pae Dumas, essa *força da natureza*, essa creatura de imaginação torrencial e primitiva, que creava com a facilidade com que o sol dos tropicos cria e desenvolve as arvores e as plantas; morreu Dumas filho, o conversador incisivo, o psychologo profundo e amargo, *esprit mordant*, *coupant*, *emporte-pièce* como lhe chamam os Goncourts. Morreram Taine, Claude Bernard, Pasteur. Morreram Flaubert e Theofile, e tantos e tantos mais...

Que de lugares vasios a essa mesa, que ouvira os conversadores mais scintillantes, os espiritos mais cultos, as imaginações mais ricas; a essa mesa, onde tinham esfusiado e crepitado os paradoxos, as theorias ácerca do Universo, da Vida, da Morte, e do além da Morte..

Como os substitutos novos de todas essas grandes figuras desapparecidas haviam de parecer *inintelligiveis* á boa da Princeza, envelhecida, já de outro tempo, *ancêtre* ella propria daquelles que a rodeavam agora, depois dos outros, dos seus, terem partido!

Como teria sido melhor para ella ter morrido tambem com elles, com o seu tempo, com as idéas de que se nutria e de que vivêra!

E' horrivel sobreviver a si mesma, aos queridos amios mortos ou infieis ao espirito, ás idéas, ás tradições

do tempo em que se foi *gente*, á vida emfim de que se foi parte integrante e não contempladora inutil, estranha, quasi importuna!

E' horrivel ser velha, muito velha, e ver ao longe, na bruma indecisa, uma figura esbelta, ligeira, trefega, a andar rodeada de adorações, de affectos, de carinhos, uma luminosa figura, que se conhece, que se inveja, que se chama em vão, por quem se chora e da qual não é possivel approximar-se *nunca mais!*

---

XI

# Pinheiro Chagas

(Sessão solemne da Academia)

Na Academia Real das Sciencias de Lisboa realisou-se no dia 8 d'este mez de maio uma sessão solemne em que foi lido, pelo sr. Henrique Lopes de Mendonça, o elogio academico de Pinheiro Chagas.

E' o eminente escriptor Lopes de Mendonça successor na cadeira da Academia do illustre morto, cujo nome poz em primoroso relevo e cujo elogio traçou com mão de mestre.

Durante estes dias tem-se fallado e escripto muito, como é natural, a respeito de Pinheiro Chagas, talvez dos nossos modernos escriptores o mais popular no Brazil.

E' por isso que, aproveitando o opportuno ensejo, e emquanto o usual silencio, que envolve os nossos mortos, não amortalha de novo este nome que tão prestigioso foi, eu venho tambem conversar um pouco com

os meus leitores do Brazil, ácerca de Pinheiro Chagas e da sua obra.

Vive-se agora com tão vertiginosa rapidez que os mortos de hontem parecem mortos de ha um seculo. Não ha remedio. A Vida assim o impõe! Nunca se teve menos tempo para pensar do que n'este periodo, que parece ter realisado pelo pensamento milagres nunca até aqui attingidos nem sonhados!

E senão lembrem-se d'esse gesto olympico, d'esse gesto *unico* com que Roosevelt, tocando um simples botão electrico, poz em movimento toda a immensa e variada e complexa vida da Exposição de S. Luiz. Todas as correntes electricas tinham convergido a um unico ponto, e d'este gesto humano, pondo em acção as forças monstruosas mas disciplinadas da sciencia moderna applicada, resultou esse milagre nunca sonhado, que excede tudo que a fabula, a mythologia, a imaginação humana nos seus successivos estadios, crearam de mais assombroso e, dir-se-hia mesmo, de mais sobrenatural.

Por isso é que o homem de hoje, á força de absorvido na sua propria tarefa, se esquece de tudo que não seja ella.

A vida moderna é assim complicada e feroz. Agarra-nos na sua engrenagem multiplice, e um instante só que seja de desattenção aos movimentos céleres do machinismo omnipotente pode fazer com que sejamos esfarrapados, dilacerados, esmagados com instantanea rapidez.

E' absolutamente indispensavel que empreguemos a maxima intensidade e a maxima energia no cuidado do nosso proprio destino. D'aqui o formidavel, mas fatal egoismo, que caracteriza essencialmente a vida moderna.

Este egoismo é por ora ainda um egoismo de familia; já não é de casta, nem de classe. Approxima-se o momento em que será um egoismo absolutamente individual.

E' então que todos os fracos serão vencidos e que dos residuos de uma sociedade que acabará por dissolver-se, á mingua de um ideal commum, resurgirá novo organismo social inedito até hoje, mas que terá provavelmente muitas das cousas boas que hoje temos, eliminando de facto e em principio as más que nos estão arruinando moralmente.

E' assim que procede o chamado progresso humano.

Transformação incessante, incessante evolução, e como fundo que se vae lentamente enriquecendo, o thesouro de instinctos e de tradições que nunca se gasta o que tem subsistido atravez de tantas fórmas novas.

E' essa a reflexão que me leva, nas horas de inteira lucidez, a não desesperar da vida. Acho-a bella e fecunda em imagens, pensamentos e sonhos.

Renasce vigorosa em cada aspecto que vae tomando na successão dos tempos. A sua fluidez é um dos seus mysterios encantadores.

Não pára um momento; tece a sua teia incessante-

mente e a cada fio que lhe accrescenta cria um novo elemento de força ou de belleza.

A formula social dentro da qual existem duas ou tres gerações nunca aos olhos d'estas é boa. Pudera! E' que dentro do cadinho que as recebe e cria com ellas novos estados sociaes, ellas se sentem sacrificadas a essa lei do eterno *devenir*, que é das sociedades como é da Natureza.

N'essa angustia que as opprime voltam-se para o Passado e acham-no melhor. Porquê? E' porque do Passado só vêem aquellas linhas de universal belleza que elle deixou nos seus codigos, nos seus monumentos, nas suas artes, na sua philosophia, em tudo que teve emfim de definitivo e de essencial.

Mas o passado não foi melhor do que o presente para as gerações anteriores que o foram successivamente atravessando. Dentro da moldura brilhante em que esse passado multiforme e multanime se enquadra, couberam as mesmas miserias, as mesmas dôres, iniquidades, injustiças que constituem o quinhão de cada homem na sua vida mortal, embora elle, se tem na alma uma scentelha do raio divino, saiba extrahir d'essa tragedia sombria e ephemera alguma cousa que lhe sobrevive e que deixa aos vindouros como legado benefico e consolador.

Desde a mais remota Antiguidade, desde o tempo em que o homem não sabia ainda inscrever em rudes caracteres o que pensava e sentia, já nos cantos que a longinqua tradição trouxe até áquelles que os fixaram

primeiro, se exhalava a mesma eterna queixa — descontentada aspiração ou saudade pelos bens perdidos.

A lenda do Paraizo de que fomos expulsos está na origem de todas as religiões. Assim como dos abysmos profundos do Mar se levanta em palpitação fremente e rythmica esse eterno lamento formidavel, mysterioso, que nunca se cala um momento, assim tambem da nossa alma, profunda e inquieta como o Mar, uma queixa infindavel se levanta, que nunca será ouvida, que nunca será satisfeita, que nenhuma força acalmará, que nenhuma condição póde contentar.

Essa queixa, todas as gerações humanas a têm atirado para os mudos céos, dizendo sempre a tristeza infinda das cousas, a desharmonia indestructivel entre o desejo e a realidade.

A Realidade em vão se amplia, engrandece e illumimina; o Desejo cada vez mais ardente e mais tormentoso e mais subtil, vae sempre adeante d'ella, querendo mais, e mais, e muito mais!...

E, contradição extranha! do grito dilacerante do homem de hontem, fazem os homens de hoje o seu poema, a sua philosophia, a sua religião. Esquecem a agonia de que esse grito emergio, para só verem a luz em que se transformou!

Eis pois o raciocinio que me sustém, quando vou, como agora ia, a queixar-me do presente.

E' que eu pergunto em vão qual foi o instante em que uma geração de homens disse á hora que passava: «*Pára. E's perfeita*», na phrase immortal de Gœthe.

Pelo contrario, o que ouço é a offegante palpitação da alma cansada, que tem saudades do passado que não conheceu e quer chegar depressa ao futuro que não conhece. Essa caminhada angustiosa e atormentada entre dois pontos ignotos fizeram n'a os pastores da Chaldéa de olhos fitos nos astros do céo ; os bardos errantes da Grecia cantando os tempos em que os deuses se confundiam com os bomens e amavam as mulheres mortaes ; os creadores de almas que se chamaram Eschylo ou Sophocles, os creadores da philosophia que se chamaram Epicuro ou Platão : os prophetas terriveis da Judéa, clamando em nome da perfeição passada contra a iniquidade presente : e os apostolos de todas as religiões e os martyres de todos os credos...

Depois que o Christianismo encheu o mundo com a sua vasta tristeza e fez da morte o eixo da vida e pôz além do tumulo a verdadeira morada a que é licito aspirar — a queixa tornou-se mais penetrante, fez vibrar a alma do homem com mais aguda tortura; mas elle, sempre illudido com a dupla miragem do passado e do futuro, não deixa nunca de affirmar duas cousas que são afinal contradictorias — isto é, que o passado foi melhor, que o futuro deve ser mais feliz.

Pobre ser humano que em si proprio é um mundo, encerrado em leis fataes a que obedece, sem poder furtar se ao seu poder immutavel, leis que são a condição do seu mesmo existir, que existem porque elle existe e só com elle cessarão de ser. Deixemo-lo pois revoltar-se contra o presente. E' o seu desabafo.

. . . . . . . . . . .

E deixem-me ao mesmo tempo, aproveitar a consolação que dá esse desafogo, e provar a mim mesma, com varios argumentos, talvez tão vãos, de certo tão inuteis como elle, que tal desanimo não tem rasão de existir.

*
* *

Foi talvez grande e desproporcionada com o assumpto esta divagação; mas eu gosto tanto de deixar correr a minha penna livremente n'estes artigos que imagino serem cartas dirigidas a amigos queridos que nunca vi!...

Posto isto, voltemos a Pinheiro Chagas, de quem a Academia acaba de occupar-se de uma maneira brilhantissima, pagando assim a sua divida a esta figura typica de homem de lettras peninsular, e que, apezar de ser o menos academico dos temperamentos litterarios, fez todavia uma grande falta a essa douta corporação, á qual, na qualidade de secretario geral, dava o impulso da sua extraordinaria actividade.

Sem accrescentar nada ao memoravel discurso, tentarei pôr em margem ou em modestissima nota algumas lembranças pessoaes.

Conheci Pinheiro Chagas quando eramos ambos muito novos. Elle acabava, havia talvez um anno, de publicar a primeira obra que pôz em fóco o seu nome. *Poema da Mocidade* se chamava a essas verdadeiras paginas de uma mocidade que o amor fazia florir em feixe de rosas multicores.

Castilho escrevia para o sympathico livrinho que nada tinha de revolucionario e que era a promessa de um talento facil e gentil, aquelle tão fallado prologo que determinou a declaração de guerra entre esses dois campos indeterminados e sem orientação definida, que então se appelidaram *Escola de Coimbra* e *Escola de Lisboa.*

Começou a chuva de pamphletos que a breve trecho degenerou em chuva de grosseiras injurias. Houve duellos, houve scenas de pugilato, houve uma quantidade enorme de versalhada trocista de parte a parte. O tempo que tudo arranja, que apaga o que não merece conservar-se e que enthesoura o que é digno de durar, já fez a costumada justiça a esse movimento...

Os bellos nomes de Anthero, de Theophilo Braga, surgiram da grande peleja, aureolados da fama que hoje gozam e accrescentaram mil vezes em posteriores producções; a critica acerba e desapiedada dos rapazes de então não conseguiu roubar ao nome de Castilho nem um atomo do seu valor na nossa litteratura. O verso de Castilho, a prosa de Castilho attingem a perfeição classica mais pura. Ha paginas de prosa na *Chave do Enigma,* por exemplo, que serão eternos modelos.

O que foi Anthero como poeta e como philosopho, quem o não sabe, lendo os seus sonetos que são perolas de valor universal?

E Theophilo Braga é o historiador, o critico, o investigador e excitador de idéas que nós todos admiramos.

Portanto, foi vão todo o trabalho que teve a escola de Coimbra querendo anniquillar a de Lisboa e vice-versa.

Um resultado immediato teve, porém, a luta desbragada: foi dar de um dia para o outro a celebridade ao auctor do livrinho, no qual Castilho lançava aos novos a repto do seu terrivel prologo.

Chagas entrou tambem na refrega batendo-se pelo mestre e amigo que lhe abrira de par em par as portas da publicidade, e o poeta gracioso que no *Poema da Mocidade* se reveléra, revelou-se em successivos folhetins o espirito mais engraçado, mais vivo, mais prompto, de uma intuição comica mais irresistivel, que ha muito se deparava aos leitores portuguezes.

Pinheiro Chagas fizera então, pobre e muito moço, um casamento de amor. Era um simples alferes. O trabalho litterario que o attrahia como vocação impoz-se-lhe como impreterivel e fatal necessidade! Que sympathia inspirava já nesse tempo o par juvenil que se mettera na terrivel aventura de um casamento de paixão na época dos casamentos interesseiros!

No seu poemeto *Anjo do Lar*, offerecido á linda noiva do seu coração, cuja formosura angelica eu recordo como apparição deliciosa, Pinheiro Chagas escrevia:

«A's vezes vens ligeira, aerea como um sonho
Em meus labios pousar um beijo inspirador,
E eu vendo junto ao meu teu rosto tão risonho
Sinto brotarem n'alma os canticos em flor».

..........

E pinta-se escrevendo até altas horas junto do leito em que a esposa gentil dormia confiada, e começando assim essa vida de trabalho esmagador, multiplo, incessante, que ainda hoje assombra como um prodigio de vontade e de talento os que lhe calculam a quantidade extraordinaria!

Folhetins, contos, romances, artigos de critica, impressões de paisagens, dramas, artigos politicos, sahiam simultaneamente da penna infatigavel de Pinheiro Chagas, cujo nome se espalhou por todo o paiz como o de um escriptor de tanta abundancia, de tanta facilidade, de tão variadas aptidões, como raramente se tinha visto entre nós.

N'esse tempo ainda *escrever bem* era um titulo; e de poetas e escriptores se compunha o estado maior da Regeneração commandado por Fontes, que lia pouco, mas que apreciava o talento sob que fórma fosse. Entrava-se então de lyra em punho nas secretarias de Estado e no Parlamento. A prova de concurso para bom ministro era ter feito um bom poema ou uma comedia applaudida.

Pinheiro Chagas tinha feito dezenas de obras litterarias: estava pois indicado para politico.

Foi então deputado e ministro. Como deputado, a sua eloquencia parlamentar era das que fallam ao coração das assembléas e as impressionam sempre bem.

Tinha colorido, graça, muita graça; tinha imagens patrioticas que produziam sempre um extraordinario effeito; tinha a voz metallica e vibrante que se ouve ao

longe, e tinha muita vez reptos de eloquencia peninsular, apaixonada e quente, que communicavam ao auditorio a chamma de que vinham incendiados.

E no entretanto, no meio da sua carreira politica absorvente e militante, como era pae de uma querida e numerosissima familia e seu amparo unico, como primorosamente a educava, e como era um homem de absoluta e impeccavel honestidade, sem outros proventos, que não fossem os do seu ferreo trabalho, elle continuava a escrever sem um dia de treguas. E o que é mais, a escrever de modo a ser lido com avidez.

Fazia uma comedia para D. Maria, depois de ter feito um longo discurso em São Bento. Escrevia um extenso relatorio, depois de ter mandado para cinco ou seis jornaes cinco ou seis artigos cheios de graça e de espirito e de fina litteratura. Acabou finalmente por se lançar na empreza de escrever em treze ou quatorze volumes a *Historia de Portugal*. Aquella *Sociedade de homens de lettras* que se dá como auctora da Historia tinha apenas um nome: Pinheiro Chagas.

Mas ainda assim era bem cabido o nome que elle tomava alli.

Só uma sociedade de homens de lettras seria capaz normalmente de escrever as centenas de kilometros de prosa que essa penna prodigiosa escreveu no espaço de uma vida que não foi longa, porque o trabalho excessivo matou o escriptor.

Ora, é justamente esta heroicidade no trabalho, este esforço quasi gigante de um temperamento de escri-

ptor, este miraculoso resultado de uma força intellectual, que em Pinheiro Chagas me espantam, me assombram, me enternecem.

O cerebro potente que poude com o peso quotidiano d'esta tarefa esmagadora era decerto de primeira força e de primeira ordem. Elle sabia, pois, quanto de si sacrificava ao realisar o seu trabalho de polygrapho extraordidario.

A quantidade é por isso mais admiravel que a qualidade na resultante final d'este supremo esforço. Pinheiro Chagas tinha a consciencia plena de que deixava mais um nome digno de admiração do que uma obra digna de longamente durar, quando consumia resmas e resmas de papel escrevendo as cousas mais variadas, dissertando sobre os mais contrarios assumptos, dando á imprensa os seus romances, os seus dramas, os seus folhetins, os seus artigos de fundo, as suas chronicas, os seus volumes de historia — essa montanha, emfim, de palavras escriptas que constituem pela grandeza do esforço revelado, um dos maiores milagres intellectuaes de que reza a nossa litteratura.

Pobre Pinheiro Chagas! Era ministro e depois de aturar na Secretaria os pretendentes vinha para casa e aturava os personagens dos seus dramas e os protogonistas dos seus romances. Não lhe era dado um momento de descanço. Por isso morreu relativamente moço, legando um grande exemplo, um nome bello e querido, uma familia admiravelmente educada e apta para a luta da vida, uma obra enorme,

mas inferior sem duvida ao merito absoluto de quem a escreveu!

Um problema de critica e de psychologia se nos offerece n'este momento.

Seria Pinheiro Chagas um d'estes temperamentos meridionaes de improvisadores, cujo valor principal está na espontaneidade, na abundancia, na facil e exuberante inspiração e portanto ser-lhe-hia util e suggestivo o estimulo da ferrea necessidade que o impellia a trabalhar, e será a quantidade assombrosa, quasi milagrosa, do seu trabalho a caracteristica primacial do poder do seu cerebro? Ou teria elle feito uma obra muito mais bella e perfeita, se em vez de cultivar todos os generos da litteratura se restringisse a um apenas, se em vez de ser politico, jornalista, dramaturgo, auctor de romances, de comedias, etc., — elle fosse apenas uma d'essas cousas?

Francamente, parece-me mais adequada a primeira hypothese ao genero do seu talento fecundo e impulsivo.

Duas qualidades, porém, sobresahem no multiforme trabalhador intellectual que foi Pinheiro Chagas: como orador e como jornalista elle occupa um dos primeiros lugares na galeria contemporanea.

O artigo escripto sobre o joelho, ácerca do caso da vespera, quasi sempre politico ou parlamentar, era dos que ficam lembrados por muito tempo a quem os lêra entre frouxos de riso.

Os seus discursos denotavam superioridade incon-

testavel n'esta arte tão difficil e que, semelhante á da esculptura, não admitte termo medio. E'-se grande ou mediocre sem estados intermediarios.

Visto que nos é tão facil esquecer rapidamente os nossos mortos, ainda bem que a Academia se lembrou, embora tardiamente, de pôr durante algumas horas em relevo e em plena luz esta figura de martyr do trabalho intellectual, que fez da penna uma nobre enxada, sem nunca a prostituir a interesses vis!

Os que vão subindo esta via dolorosa, da qual cada *passo* é um trecho de prosa, é que sabem apreciar bem o que Pinheiro Chagas valeu e que bello exemplo de virtude e força encerra a sua laboriosa e rude vida.

---

XII

# La Catedral

## DE BLASCO IBAÑEZ

Se ha litteratura que nós portuguezes ignoremos completamente é justamente aquella que está mais perto de nós e tendo com a nossa tantas raizes communs.

Muitos dos nossos escriptores classicos escreveram em castelhano, e comtudo nenhum de nós quer hoje saber do que se escreve em Hespanha.

A litteratura da Peninsula teve o mesmo berço, balbuciou unida muitas das suas primeiras canções e separou-se em duas depois, como se separam dous irmãos inimigos.

Na moderna litteratura de Hespanha não teem conta os homens de verdadeiro talento, e a não ser algum espirito curioso, que as cousas intellectuaes interessem especialmente, quem os conhece ou quem os aprecia entre nós?

. . . . . . . . . . .

Em vão Perez Galdoz escreve as suas adoraveis novellas tão essencialmente caracteristicas da raça que as produz! A França não cessa de as traduzir nas suas Revistas e nos seus jornaes diarios, mas Portugal teima em ignoral-as absolutamente!

Agora é Blasco Ibañez que apparece trazendo ás lettras hespanholas uma soberba irradiação de talento!

*Terras malditas* foram já traduzidas em França e creio que entre nós.

Mas da *Catedral* (1) nada se tem dito que eu saiba, nem sequer na propria França.

E comtudo que admiravel livro de tão extranha originalidade!

Se a linguagem é opulentamente hespanhola, se o assumpto é essa Cathedral de Toledo, a primaz de Hespanha, a primeira que se ergueu na Peninsula, se o sentimento historico é genuinameete hespanhol, ha, porém, n'este livro alguma cousa que trasborda dos limites de uma nacionalidade, alguma cousa que o torna por assim dizer de universal significação e de universal alcance.

Impossivel seria dar em pequeno artigo uma idéa sequer do magnifico, do extraordinario volume, uma das cousas mais bellas que ha muitos annos tenho lido.

Um dia li o *Fuoco* de Annunzio e suggeri a idéa de uma traducção brazileira.

---

(1) Isto era verdade no momento em que foi escripto. Agora a *Cathedral* está já traduzida em portuguez.

Respondeu ás minhas palavras, talvez dalli a um anno, o exemplar numerado com o algarismo 1.º de uma explendida traducção brazileira do livro prestigioso de Gabriel de Annunzio. Ora, esse livro com todo o seu encanto e toda a fulgurante belleza da sua fórma era apenas uma obra de arte.

O livro de Blasco, *La Catedral*, é talvez menos artistico, é com certeza menos artistico que o *Fuoco*, e a soberba, a pittoresca, a sonora lingua do Cid não tem tambem os requintes de fórma, os preciosissimos, o refinado e perfeito contorno da lingua de Dante.

Mas se por este lado a *Catedral* é inferior ao *Fuoco*, quanto lhe é superior pela grandeza do assumpto e pela modernidade palpitante que respira, pela profundidade do sentimento historico, pela variedade extraordinaria dos aspectos com que nos illumina, pela philosophia transcendente do seu magnifico symbolismo!

Não se imagine comtudo que seja obra apenas symbolica. N'esse caso seria illegivel. Tem a realidade concreta sem a qual a litteratura hespanhola não existe.

Ha livro porventura de mais bella grandeza symbolica que o *D. Quixote*? E no entretanto que verdade, que realismo, que vida individual intensa, inconfundivel, nas duas eternas figuras do cavalleiro Manchego e de Sancho!

As novellas picarescas dos mais celebrados escriptores de Hespanha não têem figuras de mais pittoresco relevo que as figuras que se movem no livro de Blasco

Ibañez. A gente parece que as está vendo, ouvindo, que as encontrou, que as conhece da vida real.

E' isso que torna o romance accessivel a todos. E apezar d'isso sente-se que essa representação tão viva de um aspecto da alma hespanhola quer dizer mais alguma cousa do que propriamente dizem os personagens em que ella é representada.

*

* *

O livro é em primeiro logar uma monographia completa da Cathedral de Toledo. Representa-a no seu aspecto architectonico; conta a gestação de tres seculos que produziu finalmente essa molle gigante em que desde o primitivo gothico até ao *plateresco* todos os estylos estão nobremente representados.

Diz a pedra de que ella foi feita e os homens que n'essa pedra foram insculpindo o poema hoje para nós quasi inintelligivel da sua fé apaixonada. Faz a historia pittoresca dos seus bispos desde a éra dos Cesares até ao nosso tempo. Conta os primeiros martyres que soffreram e morreram pela sua Fé. Relembra o periodo dos Godos, em que os chefes espirituaes se impunham á fraca monarchia; depois a invasão sarracena; mais tarde a heroica reconquista de que os bispos foram os guerreiros mais bravos!

Toda a Hespanha transparece aqui tal como a fez o seu destino historico. Oito seculos de luta contra os

mouros fizeram d'ella primeiro fanatica, cruel depois; e mais tarde, emfim, indifferente, rotineira, pertinazmente conservadora, paralysada no seu simulacro de religião. Eis o que ella é hoje.

E é admiravel de precisão, de intensidade dramatica e ao mesmo tempo de energia, este resumo breve. Não esquece um traço caracteristico, uma feição importante, uma observação que esclareça e illumine toda uma serie de factos concretos.

Esta parte do livro em que a Cathedral, a sua historia longa, o seu pessoal ecclesiastico, a sua lithurgia, as suas cerimonias, a sua importancia politica e religiosa nos não são rapidamente narradas, é uma verdadeira obra prima de talento. Revela o historiador moderno em toda a complexidade do seu saber e da sua intuição, da sua arte e da sua philosophia.

*

*　　*

Nos reconditos cubiculos da parte superior da Cathedral vive, de geração em geração, separada do resto da gente, n'uma existencia á parte, toda cheia de original sabor, uma tribu enorme de famulos, de sacristães, de sineiros, de jardineiros, de empregados menores do templo enorme e prodigioso, em que respira ainda a alma da velha Hespanha. Acompanham-n'a as respectivas mulheres e a pequenada.

Lá em baixo, nas sonoras naves, sob as arcarias

magestosas, sob as abobadas sustidas por florestas de pilastras, movem-se com o seu passo hieratico e os seus gestos rituaes o arcebispo, o cabido, o clero, todos os que vivem da egreja e para a egreja.

E' uma nação no meio da nação ; uma tribu acampada na cidade e extranha a ella.

Cada um, desde o Arcebispo-Cardeal — bonacheirão ou colerico conforme as horas — até ao ultimo sacristão, cada um tem a sua physionomia propria, o seu modo de exprimir-se, a sua phraseologia inexgotavelmente pittoresca. N'esse ponto a Hespanha avantaja-se, creio eu, a todas as nações do mundo.

A sua linguagem familiar é de uma graça, d'um chiste vivaz, de uma variedade de tons, de um relevo de expressões, de uma opulencia de proverbios, maximas populares, annexins, dictos salgados, pilherias e apodos, que a tornaram sem rival.

Não poderá talvez modernamente encarnar como a lingua italiana a pura belleza attica, não é como a franceza um instrumento de propaganda claro e preciso !

Não tem doçura nem commoção, nem abre á alma inquieta de hoje esse mysterioso *au delà*, de que ella tem a nostalgia e a sêde, mas para fazer fallar familiarmente o seu povo nenhum a eguala em graça e vivacidade e energia !

O mais insignificante hespanhol tem graça ás pilhas quando falla !

Disse Stael da lingua italiana: *C'est une langue qui*

*a plus d'esprit que ceux qui la parlent.* Nunca vi menos exacta definição.

E' uma lingua superior em chiste e encantadora vivacidade áquelles que a manejam: se póde, porém, dizer com verdade da lingua hespanhola.

*

* *

Dentre essa tribu semi ecclesiastica que vegeta pobremente, quasi miseravelmente, nos desvãos da Cathedral de Toledo e que eu não posso sequer enumerar, mas que é por si só um estudo poderoso de costumes e caracteres, destaca-se um: Gabriel de Luna. E' filho do jardineiro. Desde que a Cathedral existe que um Luna existe dentro d'ella. Os Lunas e a Cathedral cresceram juntos. A cada geração de Lunas corresponde um periodo na evolução historica do templo.

Gabriel em pequenino era tão lindo que parecia o Menino Jesus que a Senhora do Sagrario tem nos braços. Cresceu entre o amor apaixonado e a apaixonada admiração de toda a gente que habitava o recinto sagrado ou n'elle tinha o centro do seu viver.

O Cardeal Arcebispo, admirado da sua extraordinaria intelligencia, mandou-o gratuitamente para o seminario, e alli lhe vaticinaram os professores deslumbrados a sorte magnifica de um S. Bernardo, de um Bossuet...

Este levita fervoroso do catholicismo hespanhol foge um dia do seminario para ir combater entre as guerrilhas de D. Carlos, ainda em defeza do throno e do altar.

O romance é principalmente a evolução d'este espirito, hespanhol por excellencia, desde os ardores, não mysticos mas fanaticos, do seu credo catholico, até á melancolia desolada de um nihilismo absoluto!

Seguir que as *étapes* que elle seguiu, é talvez seguir a Hespanha pensante na sua via dolorosa d'este seculo.

Bem veem que n'um rapido artigo não se póde indicar sequer este caminho pelo qual o adolescente, de trabuco ao hombro e de boina branca carlista, feita por lindas mãos de freiras em conventos hespanhoes, se tornou primeiramente o estudante moderno a quem a Historia e a Sciencia abriram os seus thesouros e a quem a Razão e a Consciencia revelaram um mundo ignoto, depois o anarchista theorico que prégava aos *companheiros* revoltados a esperança de uma sociedade futura, que não se fundasse sobre a mentira nem sobre a injustiça, nem sobre a guerra: depois o prisioneiro da fortaleza atroz de Monjuich, processado e condemnado e torturado em requintes de horror que explicam, se não justificam, o assassinio de Canovas, e finalmente o desgraçado que voltava vencido, desenganado, velho, depauperado e quasi morto ao desvão obscuro da Cathedral, onde um Luna, seu irmão, é sacristão ainda, pois não se comprehende sem um Luna a Cathedral de Toledo.

*
* *

A ultima parte do livro é toda consagrada ao estudo da influencia que nessa tribu medievica a alma intensamente moderna do triste Gabriel exerce quasi sem querer!

Como é deliciosa toda essa porção do volume maravilhoso! Gabriel falla, talvez para se ouvir a si proprio mais que para os interessar a elles. Mas a alma d'elles abre-se como planta atrophiada pela sede ao orvalho d'aquella voz cariciosa e triste!

Ensina-lhes a historia de Hespanha, não como elles a sonham, mas como ella realmente foi. Conta-lhes as éras de paz, de encanto e graça, quando a civilisação arabe fez da Hespanha um jardim e um horto opulento e creou artes e industrias que a tornaram rica e famosa entre as nações.

Conta-lhes como no periodo musarabe as raças se iam confundindo e que bella e fecunda paz se gozaria, se o fanatismo castelhano, se a crua ferocidade do genio ibero não viesse destruir pela guerra atroz, guerra que durou seculos, todas as virtudes fecundas que fariam da Hespanha uma nação feliz e rica, trabalhadora e in-industriosa.

Depois conta-lhes o brilho apparente e as miserias intimas, as degradações, as cruezas sem conta d'esse tempo que para o hespanhol é o tempo de maior glo-

ria nacional, seguido logo — e bastava isso para o condemnar em face da Historia — de uma decadencia vizivel tão rapida e aterradora...

E quando não é do passado da Hespanha e da sua queda que Gabriel falla com eloquencia viva, é das sciencias que aprendeu e das quaes dá áquelles ignorantes como que a essencia viva; é das cousas bellas que viu e que elles mal sonham que possam existir na terra; é das injustiças de que o mundo é feito e que um dia hão-de acabar, quando a nova doutrina fôr realisada...

*

* *

O fim é doloroso e triste. E' talvez mesmo incoherente. Gabriel, que, para se tornar menos dependente do irmão pobre que o recolheu e o escondeu, se fez guarda nocturno da egreja, é assaltado por um grupo de ladrões que vêm roubar as joias das imagens.

Quem são estes ladrões? São alguns d'aquelles a quem elle tentou instruir e esclarecer com a sua palavra de apostolo, são alguns dos que o ouviam fallar da igualdade, da distribuição justa das riquezas, da hora que ha de soar para os humildes, e que a propaganda de tantos apostolos e de tantos martyres está tornando mais e mais proxima...

N'aquellas almas rudes e embryonarias, n'aquellas almas selvagens, a palavra mansa de Gabriel produziu effeito identico á que na alma de tantos inquisidores,

de tantos perversos produziu a palavra santa de Jesus!...

Não foi em nome d'Elle que se queimaram judeus e mouros aos centos de milhares? que se saquearam e incendiaram povoações pacificas? que se espalhou a a guerra, o incendio, o saque, o latrocinio, a perseguição atrocissima, engenhosa em torturas infernaes, pelo mundo inteiro?

A exterminação dos herejes e dos infieis pela morte violenta, pela prisão torturadora, pela fogueira, pela fome, pela combinação de todas as crueldades imaginaveis, não foi sempre executada pelos carrascos com a cruz n'uma das mãos e na outra o instrumento de supplicio?

Então que espanta que as doutrinas de um socialista, embora isemptas de odio, conduzam as almas más ou pervertidas pela miseria a commetter crimes que ellas sophisticamente julgam a sua legitima desforra?

Não foi isso, pois, que eu achei mais doloroso: foi o final do livro.

A policia veiu. A igreja está roubada. Os ladrões fugiram. Gabriel moribundo, Gabriel assassinado por elles, porque defendeu até á ultima o thesouro que guardava, ouviu ainda, entre as vascas da suprema agonia, uma voz que dizia triumphante:

« — *Te seguiamos la pista, pájaro! Bien escondido estabas, pero te has descubierto con una de las tuyas! Ahora veremos que cuenta dás de las joyas de la Virjen...! Ladron!*

*
* *

Oh! que desconsolado, que triste fim este! como elle traduz no seu symbolismo terrivel a inutilidade de todo o esforço, talvez que o valor chimerico de toda a theoria humana!

Não chego a comprehender porque Blasco Ibañez, que é um politico, um socialista, um apostolo militante, tenha dado ao seu heroe uma morte de tão atroz e desoladôra tristeza.

Bem bastava já que o unico resultado visivel da sua doutrina, prégada aos homens, fosse o roubo das joias sagradas da Cathedral! Não era preciso fazê-lo morrer com a consciencia de que deixava no mundo a memoria de um reles ladrão!

Seja como fôr o livro de que dei apenas uma pallida ideia muito incompleta, muito vaga, omittindo, por não caber no espaço de que disponho, muitas ideias, muitos factos, muitas figuras encantadoras a que o auctor dá relevo e vida estranha, o livro é uma verdadeira obra prima e colloca o seu auctor entre os primeiros escriptores da actualidade, não só da Hespanha, como do mundo.

E' dizer muito, mas não é dizer mais do que a obra merece.

Os meus leitores, porém, não podem nem devem acreditar-me sob palavra. Procurem o livro, leiam as pagi-

nas maravilhosas de arte, de historia, de sentimento humano, que elle encerra; haja alguem de boa vontade que, traduzindo-o, o torne mais accessivel e mais conhecido, e verão depois se o meu asserto não fica plenamente justificado.[1]

---

[1] Hoje a Cathedral, repito, está traduzida em portuguez.

XIII

# Edmond Rostand

(A PROPOSITO DA SUA RECEPÇÃO NA ACADEMIA)

Foi uma solemnidade não sómente parisiense, mas européa, a recepção do poeta de *Cyrano* entre os *immortaes*. Todos que no mundo culto se interessam por cousas de litteratura e de arte hão de interessar-se por este acontecimento litterario.

O brilho da assembléa era inexcedivel. Estava alli reunido, na sala solemne consagrada a revestir da *immortalidade* os eleitos do favor academico, tudo que em Paris se evidenceia pelo talento, pelo saber, pela riqueza, pela elegancia, pela formosura!... Os chapéos das senhoras tiveram as honras da *reportage*, tal como a eloquencia dos homens. O sorriso de Sarah Bernhardt, o gesto de Mounet-Sully, sublinhavam os trechos mais bellos dos discursos dos oradores.

Rostand era recebido por Voguë. Um é o poeta consagrado pela admiração de todo o mundo e do Sr. Nordau; outro é o prosador que pela belleza, pelo numero, pelo rythmo, pela amplidão da prosa se parece mais com Chateaubriand.

Oh! n'aquelle dia feliz, consagrado ás cousas bellas, ás cousas estheticas, Paris esquecia de bom grado o sr. Combes, e as Congregações e os mil *affaires* de que anda sempre preoccupada...

Em França como na Grecia dos rethoricos, as luctas são hoje simplesmente de palavras. Falla-se, escreve-se, intriga-se, calumnia-se, e com a palavra quer fallada, quer escripta vai se destruindo, minando, pulverisando tudo! ..

Na Academia tambem era a palavra, *o verbo* que reinava. Mas não para destruir nem para corroer: pelo contrario, para glorificar e exaltar!

---

Bella figura a de Rostand!

Parece um poeta de lenda, d'estes que as fadas bafejam no berço e a quem enchem de benções e alegrias.

Muito moço, já era a gloria do seu paiz. Ninguem o contestava na hora em que outros luctam ainda obscuros, avidos da notoriedade e da fama, que os desdenha indifferente!

«A vossa feliz mocidade encanta-nos», dizia-lhe Vo-

guë, no outro dia, isto é, seis ou sete annos depois d'elle ser mais acclamado do que nunca o foi nenhum dos actuaes academicos.

Nove annos passaram apenas sobre a sua primeira estreia na *Comedia Franceza*. O publico das primeiras representações tinha sido todo convocado para ouvir essa estreia.

«Levantou-se o panno sobre uma decoração florida; glycinias, madresilvas, e pampanos; trajos garridos, rimas ligeiras; paes de Comedia, como os de Molière, pregando peças a dous adolescentes *florianescos*, romanescos; e em todas essas puerilidades encantadoras, o vibrar de uma phantasia alada, facil; gorgeios de rouxinoes, a chegada das andorinhas, o regorgitar da seiva no espinheiro em flôr...

«Estava tudo encantado!... Então! Então! Não é realmente um poeta, um verdadeiro poeta que nos chega!...»

Foi assim que Rostand surgiu pela primeira vez ante o publico francez, trazendo lhe os seus *Romanescos*, hoje conhecidos e representados e traduzidos em toda a parte.

Depois foi esse poema da *Samaritana*, em que o poeta, na phrase melodiosa e bella de Voguë, «foi até ao poço de Jacob para, á semelhança do Patriarcha, luctar com o Anjo.»

Paraphrasear em verso e no theatro a simplicidade divina, a candura ineffavel, a poesia indefinivel dos Evangelhos, é sempre uma tentativa vã!

Para quê! Aquillo é *unico*.

Não se lhe toca, não se imita, não se traduz em palavras da terra, logicas e ligadas entre si pelo raciocinio e pela grammatica.

Não sei como ha quem tente tal cousa!

A verdade é que Rostand é sempre tão feliz, que, tentando-o, foi applaudido.

A *Samaritana* era a Sarah!

Foi ella quem arrulhou com a sua voz divina, que se fez mais doce e emballadora ainda, os versos admiraveis do poeta arrojado!...

A *Samaritana* teve um successo grande.» Não era ainda, nem será nunca o Evangelho» — diz-lhe Voguë — mas é já, é quasi o *Cantico dos Canticos.*

Não é dizer pouco!

Depois veiu a *Princesse Lointaine,* essa princeza invisivel e distante, para a qual remavam avidamente, na tempestade violenta ou na pôdre calmaria, os reis e os marinheiros, as almas soberanas, e as almas humildes e obscuras; essa princeza que é o *ideal*, e que o Poeta, tão feliz em tudo, poude ver, poude alcançar, conquistou, avassalou, fez seu!

O sonho dos homens creou esse ideal longinquo. Por elle, para o attingirem, finalmente, elles passam fome e passam frio, remam curvados sobre as suas galeras de sonho, affrontando o Oceano, tempestades, rochedos e monstros, e para quê? Para o verem desfeito na morte que os envolve nas dobras do seu manto sombrio!... Rostand não póde comparar-se a esses navegantes de

lendarios mares. Elle, sem esforço quasi, tão bem o dotou a Natureza caprichosa e prodiga, — conheceu a Gloria, conheceu o Amor, conheceu as emoções deliciosas que a Vida promette sempre e não dá quasi nunca !...

---

A consagração plena, a hora de verdadeiro encantamento, deu-lh'a o seu *Cyrano !*

*Cyrano* era a França, não qual o tempo e as mil aventuras philosophicas, politicas, militares a tinham feito ; era a França como ella quizera ser, antes de tanta cousa estranha a ella se ter entretecido na trama do seu destino. A França arrojada, cavalleirosa, sem *macula e sem pavor ;* a França de madrigal nos labios vermelhos, pennacho ao vento, espada na mão nervosa, prompta ao combate, prompta ao amor, e á victoria e ás aventuras temerarias e desinteressadas ! A França ao sahir do feudalismo ; a França como a tinham feito, alegre e tragicamente, as guerras e as rebelliões ; a Liga; a Fronda; Henrique IV, o *vert-galant*, e Corneille o estoico, o altivo, sonhador de heroicidades vãs, o creador de chimeras adoravelmente falsas!. .

A Italia e a Hespanha haviam embriagado com o elixir capitoso dos seus vergeis e dos seus vinhedos cheios de sol, o ligeiro gaulez frivolo, inconstante e palreiro !...

A Gasconha ficava ao pé da Hespanha. Em *Cyrano*

ha parecenças de familia com o heroe immortal de Cervantes!

Nunca na minha vida que infelizmente não é curta, assisti a uma explosão de enthusiasmo igual á que vibrou na alma da França com o apparecimento de *Cyrano*. Houve quem publicasse phrases de tão empolada hyperbole que hoje se não atreveriam a repetir. Mas felizes as obras que, na hora seguinte á da sua apparição, provocam movimentos assim de espontaneo, de irresistivel e desmedido enthusiasmo!

A inveja não teve tempo sequer de sibillar na sombra o seu uivo sinistro de chacal!...

*Cyrano* era a essencia subtil que da leitura de tres seculos de poesia, a imaginação de Rostand — abelha de ouro linda e leve — extrahira com felicidade rara!

*Cyrano* não foi uma creação de genio inculto e rude; foi a resultante de uma cultura requintada, d'estas que só temperamentos privilegiados podem adquirir, quasi sem custo, abandonando-se á segurança de seu gosto...

Sem Corneille e sem Victor Hugo, — isto para não fallar da litteratura contemporanea do proprio *Cyrano*, que Rostand soube assimilar de maneira maravilhosa — *Cyrano* não existiria!

Mas que importa! Tambem eu e tambem tu, leitor, temos lido e relido Corneille, Molière, Scarron, Racine, Banville, Victor Hugo, D. Quixote, e *muchas cosas mas* e nunca fizemos, e nunca faremos um *Cyrano de Bergerac!*

Tambem muitos insectos pousam nas flores de um jardim; mas só a abelha extrahe d'ellas o mel que as suas petalas contém!...

---

Depois de *Cyrano* teremes nós de marcar a data do declive d'este talento genuino e feliz?

Não será o *Aiglon* um retrocesso no caminho da gloria que parecia levar Rostand ao pincaro a que subiu Victor Hugo? Se consultarmos as receitas do theatro em que o *Aiglon* se tem representado, e se contarmos as vezes em que tal representação se tem repetido, devemos dizer que o *Aiglon* é um successo talvez maior que o *Cyrano.* Não ha memoria de peça theatral que tenha dado tanto dinheiro, e como este era o thermometro pelo qual Sarcey calculava a temperatura a que tinha chegado a admiração publica, devemos pensar que nunca uma obra de Rostand foi tão admirada como o *Aiglon.*

Contra isto, porém, insurge-se o nosso instincto. Precisamos, antes de considerar a *Aiglon* igual a *Cyrano*, de compararmos as circumstancias que auxiliaram o successo de um e de outro.

O *Aiglon* é representado por Sarah Bernhardt em *travesti,* o que favorece extraordinariamente a attracção do publico. Toda a gente quiz ir ver como é que uma mulher de 60 annos sabia representar um rapaz de 18. Foram; e n'este espectaculo estranho e dubio

que é bem proprio para uma decedencia, encontraram um prazer que, ou repetiram ou suggeriram a outros, para que o experimentassem.

Depois, a historia napoleonica já é para o Francez uma *lenda* como a de Carlos Magno.

Elle vive ardentemente essa epopeia de gloria, tão distante dos seus chatos dias de hoje. E *Cyrano*, segundo tão finamente nota o Visconde de Voguë, revive tambem em algumas scenas do *Aiglon*. *Cyrano* n'este novo *avatar* chama-se o granadeiro *Flambeau*.

Tem o mesmo coração, o mesmo espirito, a mesma seducção de heroismo jovial.

O que ha, pois, de encantador no *Aiglon* é o pedaço de *Cyrano* que lá nos apparece sob outro nome e outro vestuario.

O feltro de pluma ao vento, *le panache* com que *Cyrano* pretende varrer o azul do firmamento, trocou-se em Flambeau pela barretina de pello de um veterano do Grande Imperio. E' o mesmo homem renascendo em *meio* diverso. Portanto, ha uma repetição e não uma creação nova na obra, aliás tão applaudida, do poeta encantador.

Mas será realmente o assumpto do *Aiglon* capaz de fazer viver o drama de Rostand, como *Cyrano* vive? Parece-me que não.

Póde crear-se, com Napoleão, uma figura que seja ao mesmo tempo grande como a Lenda e exacta como a Historia. A Lenda é formada pela phantasia do homem, e Napoleão excede-a. Ninguem ousaria ter in-

ventado Napoleão! Elle é maior, nos seus moldes exactos de creatura mortal, que os deuses e os heroes inventados pela imaginação da Grecia!...

Não ha uma personagem da *Illiada* que pareça grande perto d'elle.

Mas o filho de Napoleão, a effigie apagada do grande homem, a estiolada flôr que do ventre de Maria Luiza sahiu germanisada e nulla, não se presta a que sobre elle se possa construir nem um drama, nem uma epopea, nem sequer um simples idylio.

D'aqui o parecer-me, talvez com injustificada audacia, que o *Aiglon*, se não marca um retrocesso, não marca, comtudo, um passo ávante na carreira litteraria de Rostand.

Depois do *Aiglon* elle escreveu aquella saudação á Imperatriz da Russia, que ficará sendo o ponto comico da sua vida de joven triumphador, e algumas peças poeticas de valor mais ou menos contestavel.

Agora fez o seu discurso *em prosa* na Academia. Não queria faze-lo em prosa. Foi um trabalhão para o persuadirem que a famosa cupula cahiria sobre a cabeça do auditorio attonito se o neophyto das honras academicas desatasse a celebrar em verso a sua admissão n'aquella casa de tradicionaes rigores. Afinal lá se resolveu e *estreou-se* na prosa, segundo affirmou, visto que o genial poeta tem um ponto de contacto—talvez atravez do seu querido amigo Coquelin—com o tambem immortal Mr. Jourdain!

Elle não acredita, nem á mão de Deus Padre, que te-

nha feito toda a sua vida *prosa*. Não acredita. Julga que se estreou na Academia n'essa linguagem defesa aos deuses.

E, salvo seja, ao ler esta sua declaração, parece-me estar ouvindo a voz sabiamente modulada e irresistivelmente comica do Coquelin exclamar no palco de D. Amelia, onde o ouvi ainda ha tão pouco:

«*Par ma foi! il y a plus de quarante ans que je dis de la prose sans que je susse rien et je vous suis le plus obligé du monde de m'avoir appris cela.*»

---

A verdade é que o discurso de Rostand a respeito do Visconde de Bornier, a quem succedia, é uma verdadeira joia de graça, delicadeza, elegancia, fino e subtil espirito.

Rostand deve agradecer á Academia como *Mr. Jourdain* agradeceu ao seu mestre de philosophia o ter-lhe revelado que a sua sciencia em prosa não é inferior á sua magistral factura em verso.

Em todo o caso, depois de ler o delicioso discurso do poeta de Cyrano e o discurso amplo, bello, eloquente, magistral emfim de Voguë, o autor do *Roman russe*, eu pergunto a mim propria:—Succederá a Rostand o mesmo que tenho visto succeder a tantos?

Começarão as recompensas officiaes a chover sobre a cabeça do poeta, justamente no instante em que a seiva vital que punha em flôr e em fructo a arvore vi-

çosa do seu genio, perdeu a força que tinha e communicava, e já não sobe em ondas impetuosas, levando-lhe vida, opulencia e côr ás flores em que a vimos desabrochar esplendidamente?

A carreira de Rostand estará no meio ou no fim? Ascenderá o seu genio a novas obras primas, ou repetirá a mesma canção já ouvida e loucamente applaudida pelos seus contemporaneos?

Um talento de tão finos requintes litterarios, de tão subtil cultura, não é dos que se expandem dia a dia em novas creações vigorosas, embora imperfeitas.

Desde Cyrano, o publico que lê, tem direito a esperar nova obra prima que exceda aquella. Por ora ainda não veio.

Mas a felicidade intima de Poeta essa é que continua a florir, deliciosamente, visto que ha bem pouco se publicaram versos encantadores em que a mulher, poetisa tambem, lhe dizia assim:

*Vous êtes mes espoirs et mes désespérances,*
*Vous êtes mes pensers très graves ou très fous;*
*Vous êtes mes bonheurs et toutes mes souffrances,*
*Car rien ne m'atteint plus que ce que vient de vous;*

*Vous êtes mes gaités, vous êtes mes tristesses*
*Et tous mes souvenirs très doux,*
*Vous êtes mes amours et toutes mes tendresses,*
*Car je n'aime plus rien en ce monde que vous*

XIV

# Sainte Beuve

---

(A SUA VIDA E A SUA OBRA)

Sainte Beuve em França está hoje na ordem do dia. Celebram-lhe o centenario, inauguram-lhe a estatua, reeditam-lhe a obra vastissima (e cuja venda não tem afrouxado), consagram-lhe discursos eloquentes ou estudos longos e, o que é peior, desenterram-lhe o coração para o desfibrarem com o escalpello do escandalo, a elle que morreu velho e que viveu grande parte da sua vida só pela intelligencia e pela curiosidade.

Milhares de *condottieri* da penna ganham á custa d'esse nome glorioso a vida de uns poucos de annos. Os cadaveres dos que em éras barbaras morriam no campo de batalha, eram devorados por bandos de abutres sofregos, attrahidos alli pelo cheiro da carne putrefacta. Os cadaveres dos que morrem hoje, nos tempos pseudo-civilisados, em plena batalha do pensa-

mento, sào devorados com mais apreciadora lentidão, com mais experiente guloseima, por estes novos abutres que em vez de garras têm uma penna com que dilaceram tambem e que sabem repastar-se da morte com sofreguidão de vampiros.

A fallar a verdade as cousas mudam de nome, mas não mudam de essencia. Na materia não se perde um só atomo, diz a Sciencia; na vida moral da humanidade não se perde um elemento só, diz a Historia. Só as apparencias variam e se transformam sem cessar.

A extranha variedade d'esses aspectos é que illude os olhos superficiaes. Para mim o Sainte Beuve *homem* só me interessa pela influencia que a sua vida sentimental teve na formação definitiva do seu espirito. Que me importa saber o nome das mulheres que elle amou?

Não se tem, sinto eu, o fino talento psychologico, a intuição pròfunda da vida moral, o conhecimento intimo dos grandes caracteres, das grandes paixões, de consciencias altas—como as de Port Royal por exemplo—sem que isso signifique, para quem sabe vêr, que um homem d'estes não cahiu vencido pela paixão defesa, sem arrostar primeiro tremenda lucta interior; não conheceu a felicidade culpada, sem remorsos que a expiaram dolorosamente; não soffreu, toda a longa vida, de uma ferida secreta que ao menor toque sangrava, sem que o amor que em hora terrivel o penetrou, subjugou e venceu, fosse um destes amores de tragico poder, mais raros que o genio ou a santidade, mais raros que o heroismo ou o extase, feitos de sangue e

fel, de lagrimas e volupia, de arrancos dolorosos e arroubos suppliciantes; — irresistivel força fatal que invade uma existencia como o incendio invade uma casa, como a cheia invade uma povoação descuidada, a peste uma cidade em triumpho e em festa, uma horda selvagem um acampamento adormecido!...

N'um caso d'estes, de consciencia e de sensibilidade, caso que, pelas ruinas que fez e pela influencia que exerceu, tem tanta importancia e tanta magnitude, não se toca assim com ligeira irreflexão.

Não posso levar á paciencia o barulho e a quantidade de prosa, em livros, folhetos e jornaes, que nesta hora, dezenas de annos depois da morte de Sainte Beuve, está retumbando e se amontoa em torno da sua memoria.

Seria necessaria a flexibilidade do talento d'esse grande analysta, a sua aptidão rara a insinuar-se nas almas, a colher d'ellas a flôr e o fructo, o veneno e o balsamo, a interrogar-lhes as pulsações occultas, o segredo resguardado. Seria necessario ter aprendido, como elle aprendeu, no estudo documentado de centenas de vidas, a inutilidade de todo o esforço humano deante de uma paixão mais forte do que a vontade e do que a lei; e conhecer os cambientes delicados que separam as creaturas e as fazem entre si tão *differentes;* e as luctas secretas e longas de consciencia, que rematam subitamente em derrota flagrante de todas as suas energias. Seria finalmente necessario saber a fundo o mecanismo mysterioso da vida — tão com-

plexo, irritante e contradictorio — para estudar essa tragedia intima que só o proprio Sainte Beuve poderia subtilmente destrinçar, se ella se tivesse dado na vida de Pascal, de Molière, de Racine, de La Rochefoucault, de algum, emfim, dos seus heroes favoritos... E como é queescriptores vulgares ousam pegar em factos isolados, em datas duvidosas, em phrases cujo sentido ignoram, e atirar brutalmente para a praça publica esse drama ignorado, sem saberem explicar-lhe com sympathia e bondade os lances mysteriosos, desprezando aqui uma indicação preciosa, negando acolá a sinceridade evidente de uma confissão cheia de lagrimas, amesquinhando personagens que, se foram culpados, foram no emtanto nobres e infelizes, arranjando a seu talante uma scena que ficou sepulta em perpetuo mysterio e da qual nenhum dos protogonistas revellou a significação completa ou confessou a dolorosa e complicada genese moral!

---

Para nós hoje o importante é saber que, se é verdade que, depois de uma infancia mediocre, sem alegrias e sem esperanças, elle teve a dôr suprema de amar até á loucura, até á deslealdade a mulher do amigo que mais admirava, estremecia, venerava — este episodio da sua vida que distingiu na sua vida inteira, havia de ter por força uma repercussão immensa na formação do seu mundo interior, intellectual e moral!

. . . . . . . . . . .

Eliminemos os nomes; fica o facto em si, determinando n'uma existencia de homem uma revolução que lh'a sacode, abala, convulsiona até aos alicerces mais profundos!

De um amor que se tornava especialmente culpado, pela qualidade da mulher — até alli esposa exemplarissima e aureolada pela gloria do marido e pela grandeza excepcional d'este, que Sainte Beuve era o primeiro a adorar, a admirar de joelhos, com devoção rendida, com fanatismo *sincero* — de um amor d'estes que devastou tres existencias, atirando uma para as dissipações longe do lar, outra, a da infeliz mulher, para uma longa vida de humilhação silenciosa, de subalternidade expiatoria, e que o fez renegar a elle Sainte Beuve de admirações intellectuaes, apaixonadas, e de sentimentos de coração que pareciam indestructiveis, Sainte Beuve sahiu finalmente, tendo percorrido os circulos da dôr humana, mais terriveis e mais tragicos!...

A paixão em que alma e consciencia se abysmam entrelaçadas; a traição que mais punge por ser mais amado o homem a quem se inflingiu; a humilhação de ver-se desprezado, banido pelo que mais se exaltou e amou!

A alma humana é grande, interessante, attrahente como o abysmo, justamente porque n'ella cabe a grandeza de tanto soffrer e a negrura de tanto crime.

Que restava a Sainte Beuve depois d'esta tragedia vivida?

Restava-lhe a curiosidade de um espirito que se aguçara em terriveis experiencias de lucta, desespero e fraqueza; a sagacidade agudissima que d'alli em diante o fez comprehender as paixões mais diversas, porque as abrigara um momento em si proprio, e para elle *comprehender* era recordar; restavam-lhe, no remate d'esta crise, todas as qualidades mentaes, moraes, sentimentaes, sem as quaes tal crise não poderia ter-se dado, mas applicadas d'alli por diante, não a sentir por conta propria, mas a auscultar subtilmente a febre que fazia pulsar outras almas, a perceber os mysterios contradictorios de todo o coração de devoto ou de sceptico, de poeta ou de heroe, de homem de sentimento ou de homem de acção.

A sua obra fundamental de *Port Royal* provém e nasce toda d'esta crise da sua vida intima. Que maravilha de comprehensão, que prodigalidade de observações finas, agudas, dolorosas, que fazem d'elle um *vidente* das cousas interiores bem superior a Taine, que n'outras cousas o sobreexcede!

E' isso que hoje a setenta annos de distancia importa para nós! Seria ridiculo em tal altura *fazer moral* a respeito de um escriptor cuja obra nos educou a tantos dos que a lemos.

Sainte Beuve leva-nos á intimidade plena dos espiritos mais distinctos e superiores do seu paiz, em todos os tempos.

Desde o seculo XVI até á revolução romantica, elle conheceu todos os grandes personagens e os persona-

gens secundarios que figuraram na scena social, na Historia, nas Lettras, na Politica da França. Em *Port Royal* agrupa em torno dos celebres ascetas, que tentaram reformar a Igreja *dentro* do catholicismo e que foram condemnados como herejes pelo Papa, as figuras mais interessantes da época! Faz-nos comprehender as duas organizações mais antagonicas que podem caber no molde humano; Montaigne e Pascal! Montaigne, encantador de scepticismo amavel, *ondoyant et aivers*, sem tomar partido por nenhuma doutrina e colhendo de todas o mel como abelha diligente e zumbidora; amando a Vida, toda a Vida, como o mais bello, interessante, variado e instructivo dos espectaculos; não se deixando dominar nem pelos excessos da sensibilidade nem pelos desvarios da Paixão; equilibrado, e feliz; Montaigne o *jouisseur* intellectual que nos deixou nos seus *Ensaios* uma obra de inexgotavel sapiencia, em que têm ido abastecer-se á vontade todos os seus successores na mesma ordem de trabalhos, sem comtudo estes mil imitadores terem logrado nem attingir a perfeição suprema do seu genero, nem exgotar a mina preciosa, nem despojar o escriptor da originalidade e da novidade cujo cunho se imprime em todos os seus caprichosos dizeres... Montaigne o delicioso pagão para quem são lettra morta os Evangelhos. E, a par d'este, Pascal, o temperamento mais contrario ao de Montaigne, a quem comtudo lê e paraphraseia tanta vez, comquanto chegue a pontos radicalmente oppostos ao d'elle; Pascal, o atormentado, o doloroso

pensador, que uma ardente fé salvou talvez da loucura, porque suspenso *entre dous Infinitos* elle não se consolava de não entender nenhum!

Sainte Beuve — extranho milagre do entendimento — sabe comprehender só pela sua aguda intelligencia os dous temperamentos oppostos: aquelle a quem tudo sorri e aquelle que de tudo extrahe angustias e agonias; o que acha sympathicas todas as fraquezas do homem só porque são *humanas* e o que despreza d'elle tudo que lhe lembra o peccado original, a origem cor, rupta, e só o absolve, e só o tolera, prostrado sem voz-sem pensamento, sem a audacia de uma duvida ou de uma hesitação aos pés da Cruz Redemptora de Jesus Christo; pois que o Christianismo é para elle ao mesmo tempo o alicerce e a corôa suprema da vida.

E assim como destes dous espiritos tão oppostos entre si, elle sabe analysar profundamente a genese intellectual, a formação, as origens, a germinação obscura do pensar e o final desabrochamento d'elle, assim sabe pôr-nos em contacto com todas as figuras que o seu bisturi de critico disseca, que a sua intelligencia de observador estuda e sonda!

A obra de Saint Beuve é uma encyclopedia inteira e completa. Quem o ler todo, embora não leia mais nada e mais ninguem, fica tendo da Vida e da variedade infinita dos seus processos, dos seus conflictos, das suas manifestações, uma idéa ampla e variadissima; fica conhecendo as mulheres de mais encanto intellectual ou moral, os homens de mais talento, de mais graça, de

maior concepção, de mais valentia e poder e complexidade e energia; fica sabendo o que pensam e sentem e padecem e luctam os ascetas mais apaixonados do Christianismo, os moralistas mais conhecedores da especie humana e mais scepticos a respeito d'ella, os homens de aventuras amorosas e de experiencias sentimentaes, celebres e retumbantes, os escriptores de maior genio, os simples homens de lettras, os luctadores, os sybaritas, os principes, os plebeus, os *parvenus*.

Que série de retratos admiraveis! Que pincel delicado, subtil, a que não escapam os menores toques que possam contribuir para a semelhança de uma physionomia, para a comprehensão completa de um caracter!

La Rochefoucauld, Retz, Fénelon, Racine, Molière, Bossuet, M.me de Sevigné; as mulheres do seculo XVIII, deliciosas de tacto social, creadoras d'esses fócos intellectuaes de que sahe a Encyclopedia e a Revolução; os poetas e romancistas do Romantismo; as princezas da Renascença franceza, os poetas da Pleiade, que seguiram e acompanharam Ronsard; Lammenais, o anjo de luz cahido nas trevas; Vieuillot, o jornalista do neo-catholicismo — que sei eu? E' tão vasta e tão variada a galeria que não ha meio de ennumerar-lhe nem metade dos quadros, dos retratos, dos bustos, dos medalhões...

Ficára-lhe, da triste crise da sua vida, uma especie de rancor invencivel áquelles a quem primeiro tanto amara, se bem que a sua probidade litteraria lhe não

houvesse permittido nunca o louval-os e exaltal-os sem restricções.

D'ahi a sua preferencia pelos dois seculos anteriores ao seu: o XVII, de que nos dá em quadros successivos, minuciosos e completos, a descripção mais admiravel, apresentando-nos os seus grandes genios no pulpito, nos mosteiros de *Port Royal*, na litteratura tragica, dramatica e comica, nas Fabulas, nas Satyras, nos tumultos da Fronda, nas intrigas de Versailles, — e do seculo XVIII, a cujos salões nos conduz fazendo-nos conhecer as mulheres mais espirituosas, mais apaixonadas, mais levianas, mais influentes em tudo; fazendo-nos conversar com os seus homens mais espirituosos, philosophar com os mais profundos, sonhar reformas uteis com os mais reflectidos, rir com os mais alegres e mais comicos, respirar emfim a plenos haustos inspiradores aquella atmosphera *unica* de enthusiasmo e scepticismo, de philantropia e de desdem, de duvida e de fé na humanidade, de sentimentalismo e crueldade: a atmosphera em que viveram Voltaire e Rousseau os dois chefes de fileira de dois exercitos em marcha, movidos de ideaes differentes, mas avançando com os olhos no mesmo horisonte, conductores das duas correntes intellectuaes mais poderosas e de mais decisiva influencia do futuro da civilisação europêa.

Porque Sainte Beuve foi este grande e incomparavel historiador é que todos devemos admiral-o.

E porque foi o escriptor que mais estimulou a energia da minha intelligencia, humilde como esta é, o que

teve mais decidida influencia na direcção do meu pensamento, o que mais me encantou — no deserto em que passei a mocidade já remota — com as suas descripções, com os seus retratos, com as suas analyses de raro poder suggestivo, com a sua prosa insinuante e subtil, essa prosa unica, sem rhetorica, sem termos raros e rebuscados, clara, fina, logica, que disséca como um escalpello, que penetra fundo como uma lamina aguda, que modella e esculpe como a mão e o cinzel de um esculptor, que pinta como um pincel, que reflecte a verdade nas suas mil fórmas como o mais puro crystal — é por elle ser isto tudo e eu lhe dever tanto, que d'este obscuro canto do mundo lanço um protesto indignado contra os que arrastam o seu nome pelas ruas da infamada Amargura, sem perceberem que, a esta distancia em que estamos do homem e do escriptor, é este ultimo só quem nos interessa e que vale, e este ultimo mereceu todas as acclamações que lhe fizeram, assim como merecia que lançassem véo misericordioso sobre os erros que commetteu como todos que são homens!...

XV

# Raphael Bordallo Pinheiro

(A SUA MORTE)

Hontem, emquanto um acompanhamento enorme, formado por todas as classes sociaes, composto de amigos, de admiradores sinceros, de camaradas enthusiastas, de pessoas que concorrem a todos os enterros illustres — seguia a pé, sob o frio cortante, o cadaver coberto de flôres de Raphael Bordallo Pinheiro, desde a residencia d'este mallogrado e grande artista, até ao cemiterio dos Prazeres, eu entregava-me sósinha a uma occupação bem melancolica.

Folheava a collecção admiravel do seu *Antonio Maria*, evocando assim na plena pujança de uma individualidade inconfundivel, no pleno vigor de um talento deslumbrante e raro, esse artista que morrera, mas que na memoria de todos os Portuguezes ficará vivendo longamente . . .

Cada um presta aos mortos a homenagem que póde. Eu só podia prestar aquella.

Não ha nada mais scintillante de graça, de espirito synthetico, de ironia philosophica, do que essa collecção de caricaturas, feitas com o lapis ainda juvenil do grande artista; e, no emtanto, ao contemplal-a no dia seguinte ao da morte d'elle, ao ver reapparecerem n'ella tantos, tantos mortos que, no tempo em que foram apanhados em flagrante semelhança, enchiam a scena portugueza, desde o Paço e dos Conselhos de Ministros até á rua, desde o Parlamento até ao theatro, eu senti dentro da alma uma impressão de tristeza que mal se exprime em palavras.

Raphael Bordallo Pinheiro acabava de expirar; ia finalmente repousar na terra, sempre amiga aos batalhadores, esse extraordinario pintor de uma sociedade que já morreu tambem! E esta idéa banal, constante em todos nós, de que tudo acaba, e se esvae, e desapparece na voragem sempre aberta, que tudo absorve em si, pareceu-me como nunca esmagadora e dolorosa.

Raphael Bordallo Pinheiro pertenceu á minha geração, viveu em plena luz e em pleno espirito do seculo que findou; era como eu um filho d'esse seculo XIX, que um juvenil successor já veiu substituir e desmentir talvez em muita cousa...

As figuras que o seu pincel malicioso marcou, já quasi todas desappareceram d'este palco portuguez que ellas encheram com a sua vaidosa ostentação, os fumos

da sua gloriola, as lentejoulas do seu fausto, o tumulto das suas ambições, o desvairamento das suas manias, os gestos da sua fatuidade, os seus ridiculos, as suas fraquezas, os seus esgares e pantomimas...

Algumas vezes Bordallo foi cruel ao desenhal-as, outras vezes simplesmente alegre e comico, de graça e exuberancia meridionaes, de *verve*, endiabrada que fazia rir as proprias victimas.

Quando o aspecto physico revelava as taras secretas de um caracter, Bordallo fazia obra de moralista satyrico; quando mostrava simplesmente a feialdade ou a deformação de uma determinada physionomia, elle parecia apenas uma creança *terrivel*. Eram bem pequenos alguns dos seus caricaturados, pois o que d'elles resta para nós é apenas a imagem que o lapis de Bordallo fixou em traços inimitaveis de bom humor trocista.

Outros, comparados com os de hoje, parecem-nos mais interessantes, mais individualizados, mais sympathicos, e a gente tem pena do seu desapparecimento ao ver como n'aquellas folhas se conservam vivos e reaes!...

E' o *Antonio Maria* para mim o trabalho de caricatura de mais folego de Bordallo Pinheiro. Essa collecção é o resumo mais graphicamente expressivo da sociedade portugueza de ha trinta annos, sociedade que elle ajudou a comprehender e que ajudou a demolir.

Desde o bom D. Luiz, de cabelleira comprida de estudante allemão, fiel interprete e traductor respeitoso

da Constituição e de Shakspeare, e de Fontes, o padrinho do terrivel semanario, *representative man* da sociedade que sahira do conflicto ingente que vai de 1820 a 1850, — sociedade dessorada porque perdera muito sangue; calma e sceptica, porque tivera de fazer o sacrificio de muitas convicções e de muita fé viva e ardente; formalista, até ao ponto de julgar que tudo *parece* e que nada *é*; que o simulacro é necessario e dispensavel a realidade; que de ficções entrelaçadas estreitamente se faz a ficção maxima, em virtude da qual elle subsistia; — desde o Rei e de Fontes, o autocrata politico do tempo, até a figura assombrosa e sympathica do *Ze povinho* sonso e apalermado, *gouailleur* e humilde, escarninho e submisso, piscando o olho e curvando a cerviz, pagando o imposto e fazendo figas aos que lh'o impõem, indo ás eleições para comer carneiro e não sabendo o nome do deputado que elegeu; sem veneração pelos superiores, sem esperança nem fé nas leis; sabendo que quem não tem padrinho morre mouro em terras de Portugal, e comtudo resignado a essa lei que vem de muito longe, satisfeito porque ao menos agora já o não obrigam, em *bernardas* e motins, a *pronunciar-se* diariamente, nem em bandos de *guerrilhas* armados, a diariamante matar e morrer; faminto de pão e farto de vinho máo; não indo á missa e indo ao domingo ás hortas; de uma mansidão, de uma indifferença por si proprio, de uma ignorancia supinas, o que não exclue nem a manha nem a malicia, nem a consciencia da escravidão a que o condemnam — dos

que estavam mais altos, a este que está tanto em baixo a carregar com tudo ás costas, — Bordallo Pinheiro percorreu a extensa série intermediaria que os separa, com o seu lapis de artista manejado por mão de philosopho, com o seu talento plastico, ás ordens de um espirito demolidor, de um observador caustico, cuja lucidez aguda espanta e maravilha!...

Ha caricaturas d'elle que em leves e rapidos traços traduzem com mais subtil e funda analyse critica um caracter inteiro de homem, do que poderia fazel-o em longas paginas a penna de um Sainte Beuve ou de um Taine.

O caricaturista que o juizo superficial de muita gente exila para as regiões menos elevadas da Arte tem comtudo de ser muito intelligente, ás vezes muito mais intelligente do que outro qualquer artista, para cumprir integralmente o seu papel a um tempo social e esthetico. Em quanto que o dramaturgo ou o comico tem a scena ampla em que os seus personagens se movem, fallam, evolucionam, conduzem a um determinado fim a acção préviamente traçada; emquanto o poeta satyrico dispõe de todos os prestigios da palavra e todos os sortilegios da rima para dar relevo e significação ás scenas ou aos personagens que retrata e fustiga; em quanto o historiador, o moralista, o critico desenrollam em longas paginas os seus quadros, as suas descripções, os seus documentos e provas, o pobre caricaturista tem apenas ao seu dispor um lapis e uma pagina em branco.

Com esse lapis e n'esse pequeno papel tem de fazer com a *silhouette* de um homem a critica de um acontecimento; com o perfil de um personagem, a historia summariada do seu caracter de individuo e da sua acção social.

Se o não faz, falha a sua missão.

O homem é vario, contradictorio comsigo mesmo, como tudo que é humano; tem feições que se desmentem umas ás outras; o olhar é astuto e a bocca ingenua; o queixo é energico e o nariz é bonacheirão; tem instinctos bons e pessimas theorias; é ridiculo de aspecto e grandioso nas intenções. .

O acontecimento evolucionou em scenas successivas e distinctas, tem faces diversas, aspectos que variaram consoante a hora e o momento...

Pois bem, o caricaturista que quizer conquistar o nome que Raphael Bordallo Pinheiro alcançou, tem de dar com o seu lapis unico, e no espaço restricto de que dispõe, a synthese perfeita do homem e do acontecimento. Uma synthese em que se perceba, logo ao primeiro relance de olhos, todos os contrastes que se conciliam n'uma fórma integra e una, ou n'uma scena significativa e capital que inclua todas em si e todas subordine.

Isto, que parece inexequivel, realizou-o plenamente Bordallo Pinheiro.

Estão ainda vivos alguns dos que elle retratou com mais soberba mestria. Foi elle que nos revellou, a nós extranhos, a personalidade intima, a substancia essen-

cial de muitos homens a quem viamos figurar na scena politica, sem que os podessemos comprehender nem sondar a fundo. Sob esse aspecto Raphael Bordallo foi um demolidor! Atirou abaixo com tantos idolos da multidão! Revelou a mesquinhez de tantos vultos eminentes, a nullidade de tantos figurões espaventosos! Fez mover, como articulados polichinellos, tantos dos mais ostentosos dirigentes da politica, da sociedade, da finança do seu tempo!...

Através das modalidades e das agitações da vida quotidiana, o caracter permanente de cada personagem por elle marcado subsiste, accentuado pelo exaggero malicioso ou pela contorsão comica das feições e do gesto.

Tomemos por exemplo Fontes, o typo mais representativo do seu tempo. Os amigos e os inimigos achavam nas caricaturas que Bordallo fez d'elle os defeitos que uns lhe reconheciam e os predicados que outros lhe louvavam. Uma grande consciencia do proprio valor: diziam os primeiros. Uma comica vaidade da propria posição, diriam os outros! A contemplação constante da sua grandeza social para d'ella não derivar nem uma linha: affirmariam aquelles: a jubilosa certeza de que ascendera á mais alta eminencia: emendariam estes — e que alli se mantinha com o gesto, a postura, o empavesamento theatral de quem nunca julgára lá subir!

E todos teriam um bocadinho de razão, porque a verdade é que Fontes tinha muita nobreza na sua vaidade e muita vaidade na sua posição culminante.

E o que succede com este succedia com muitos outros, o que prova que Bordallo Pinheiro era um observador, um retratista de caracteres, um agudo analysta das miserias, dos ridiculos, das pequenas e grandes ambições, das vaidades subalternas ou sympathicas da sociedade em que viveu!

O vaidoso era o seu personagem favorito, e o vaidoso é nas democracias um typo universal.

E' bem humano revelar um certo gosto n'aquillo que a muito custo se alcançou! Todo o *parvenu* visto pelo bom lado é um conquistador. Raphael Bordallo Pinheiro, como caricaturista admiravel que era, via sempre pelo lado máo!

---

O *Antonio Maria* é uma pagina da nossa Historia, é um revelador do estado do espirito da nossa sociedade durante um certo periodo.

Nenhum historiador ou biographo do futuro deixará de recorrer a esse repositorio precioso, a esse traslado genial de uma época, sempre que quizer representar a vida portugueza durante a ultima metade do seculo XIX. Como caricaturista Raphael Bordallo é dos maiores. Gavarni avantaja-se-lhe, é certo na interpretação mais humana, mais universal dos sentimentos e dos typos. Mas elle tem sobre Gavarni a superioridade do traço expressivo que dá em quatro ou cinco linhas, uma creatura viva, *parecida*, com todos os predicados, as faculdades, os *tics* que a individualisam entre as mais!

Se Bordallo não tem, senão raras vezes, a fórmula geral de um typo da humanidade que Gavarni tem quasi sempre, e se isto diminue o alcance da sua obra, em compensação, a série das suas caricaturas é a representação graphica do *meio* portuguez durante muitos annos, e isto dá immenso relevo ao seu lapis, para nós que conhecemos esse *meio*.

E depois talvez que a minha idéa não seja justa, talvez eu sinta isto por serem para mim *retratos* todos os individuos que elle caricaturou; e que mais tarde os que não foram contemporaneos do artista, ao folhearem os seus *albuns*, saibam vêr através do personagem desenhado de que ignoram o nome, e sob o exagero malicioso da intenção, a verdade fundamental e humana do seu caracter, e o ridiculo, a tara, a ambição, a vaidade de que elle era a representação momentanea sob o lapis do artista...

Ha caricaturistas que tomam o homem abstracto, o fazem portador de uma loucura, de uma aberração, de um ridiculo, de uma miseria qualquer e fustigam n'elle a humanidade de todos os tempos.

Bordallo não foi um d'esses.

A sua acção exerceu-se no mundo portuguez, nos costumes portuguezes, na sociedade do seu tempo e do seu paiz. E exerceu-se de tal modo que modificou esse meio, que demoliu muitos d'esses homens, que alterou muitas das suas idéas e dos seus costumes.

Ultimamente a caricatura era para elle uma cousa

secundaria, um accessorio apenas em que já não punha nem a alma nem o talento.

---

Como os grandes artistas da Renascença, de quem possuia o temperamento pujante, a energia mascula, o ardente e sensual gozo de viver, Bordallo Pinheiro não limitava a sua producção a um só ramo da Arte.

Se na caricatura foi unico, na esculptura e na ceramica foi tambem grande artista.

De uma industria que vegetava obscuramente sem que um sôpro de verdadeiro gôsto a vivificasse, elle fez essa encantadora e artistica *faiança das Caldas* da qual mais tarde os amadores disputarão a peso de ouro os mais insignificantes exemplares!

Deu a essa faiança, de que foi o creador originalissimo, as côres, as scintillações, os cambiantes de uma belleza fina e rara. O azul e o cinzento dos Limoges, os amarellos e os verdes de Della Robia, o brilho metallico, a translucidez dos modernos ceramistas, as falsas côres deliciosas da arte japoneza, tudo se encontra nas faianças de Raphael.

E a fórma é tão feliz como o colorido. A fórma, de curvas leves, suaves e graciosas, que se adorna, sem nunca perder a harmonia e a proporção do conjuncto, com a flora e a fauna das nossas terras, dos nossos mares, dos nossos rios... Na rêde de pescar, que elle atira ás vezes ao de leve sobre um vaso ou uma bilha deliciosamente modelados, pullulam crustaceos ou verde-

jam algas que nasceram em aguas de Portugal: na rama esmeraldina que elle faz trepar pelo ventre redondo das suas jarras de azul metallico ou de ouro fulvo, pousam insectos ou aves dos nossos jardins, dos nossos bosques... As flôres que desabrocham sob as suas mãos amorosas de artista são as flôres que fazem nevar em março as amendoeiras do nosso torrão; as que esmaltam de ouro e rosa e azul os nossos vallados e sebes, as que transformam as nossas charnecas incultas em jardins de fadas, quando a esteva abre as pallidas folhas que uma gotta vermelha ensanguenta, e o myrtho esfolha ao vento as tenues e brancas estrellinhas, de um acre perfume estonteador...

---

Na esculptura humana Bordallo foi tambem distintissimo. Todo o drama da Paixão foi por elle traduzido em magnificas figuras de expressão laboriosamente procurada e a que mais de uma vez attingiu a perfeição. Essas figuras adornam hoje, segundo creio, as capellas de Bussaco.

Lembro-me de um Christo *Vincesco* em que elle poz toda a sua alma, que por ser a de um grande e sincero artista, era por força generosa, apaixonada e nobre.

Através de todos os erros e fragilidades da natureza humana, a alma que uma scentelha de genio illumina é entre todas privilegiada e superior!

Se Raphael Bordallo Pinheiro vivesse n'outro meio no meio em que viveram artistas, como elle capricho-

sos, como elle sujeitos a subitos collapsos; como elle, incapazes de persistencia e de unidade na vida e na inspiração, mas apezar d'isso envoltos no carinho e na devoção de um publico intelligente, que a elle lhe faltou, teria triumphado, como elles triumpharam, teria alcançado a riqueza e a gloria que se traduz lá fóra, e desde sempre, em honras e em posição consagrada.

Portuguez e portuguez d'este tempo anti-esthetico que não sabe o que é o talento, e que desanima de todo o esforço os que vivem pelo pensamento e pela arte, Raphael Bordallo Pinheiro morreu pobre, e porventura desalentado e vencido!

Deixa uma grande obra e deixa um grande nome!

Caricaturista de genio; ceramista admiravel, cuja obra será mais tarde apaixonadamente admirada pela originalidade, pela graça e pelo cunho nacional que a singularizou; modelador engenhoso do barro, a quem para ser um grande esculptor só faltou persistencia e teima no trabalho, Bordallo Pinheiro é o mais bello e forte e complexo temperamento de artista que o *meio* portuguez tem produzido!

A sua morte deixa uma lacuna que levará longos annos a preencher, se é que será preenchida alguma vez.

---

XVI

# D. Quixote

(A COLLABORAÇÃO DE TRES SECULOS
NA OBRA DE CERVANTES)

Durante os primeiros dias d'este Maio florido de 1905 os prélos de todo o mundo teem gemido sob o peso de commentarios mais ou menos eruditos, de glosas mais ou menos eloquentes, de interpretrações mais ou menos fantasiosas á obra capital de Cervantes.

A nossa *Academia Real das Sciencias* consagrou á novella immortal do cavalleiro *de la Mancha* uma sessão brilhante a todos os respeitos e que foi brilhantemente agradecida pelo Conde de la Viñaza, Ministro de Hespanha n'esta Côrte, e novo socio da nossa Academia.

A imprensa franceza, hespanhola, ingleza e portugueza tem publicado a respeito do tricentenario da apparição do D. Quixote (1.ª parte na novella) uma quan-

tidade de interessantes estudos. O Brazil, latino de herança e ligado por tantos laços de parentesco á civilação iberica de que é filho e de que será, em seculos por vir, representante glorioso, e talvez solitario, não podia deixar de associar-se tambem a estas manifestações que commemoram uma data historica, importantissima, no mundo do Pensamento da nossa Raça.

Não venho pois trazer qualquer tardia e desfolhada grinalda para os pés do monumento erguido agora pela palavra e pela escripta ao grande vulto de Cervantes.

Venho, a proposito do D. Quixote, discretear um pouco com os leitores ácerca da collaboração incessante e variada que os seculos successivos vão tendo na obra de cada Poeta do passado, ácerca do que nós todos temos mettido dentro das paginas do D. Quixote, independentemente da vontade e da consciencia do seu auctor.

Cervantes desenganado, triste, revoltado contra a sorte infeliz e contra a fortuna ingrata, preso em virtude de não sei que intriga réles em que o tinham injustamente culpado, lembrou-se, para illudir as tristezas do carcere, de escrever um romance satyrico contra as novellas de cavallaria, cuja extravagancia, cujo máo gosto, cuja exaggeração grotesca tinham assumido áquelle tempo um gráo intoleravel.

Cervantes julgava ter escripto bellissimas cousas — dramas, comedias, romances, etc., hoje inteiramente esquecidas; mas como tinha a soberba inconsciencia do

genio, o qual, como a Natureza, nunca sabe o que tem a referver, a germinar, a desabrochar, a crescer nos seus seios uberrimos, elle não percebeu ao escrever o *D. Quixote* que fazia a sua obra unica, a sua obra immortal, aquella que lhe deu direito a entrar na legião rara e luminosa dos nomes que não se apagam mais nos céos da intelligencia humana; a obra que enriquecia o mundo com uma figura muito mais real do que as myriades de creaturas que até alli e d alli em diante nasceriam e morreriam n'elle; aquella que fez de Cervantes a alma mais querida e mais luminosa da terra em que nasceu e que tão hostil e tão desamoravel foi á sua fórma mortal!... Hoje o centenario de Cervantes illumina de alto esplendor essa Hespanha onde elle teve fome e soffreu perseguições e inclemencias! Cervantes, ao pegar na penna para escrever esse extraordinario pamphleto contra a litteratura ridicula e falsa dos seus contemporaneos, ignorava absolutamente a cousa enorme, a cousa genial que ia fazer!

Sem dar por isso, elle resuscitava em si o ideal extincto da antiga patria de Cid e mettia-o da maneira mais original e mais profundamente comica na alma do seu magro cavalleiro, creando assim um anachronismo, vivo. Fazia d'elle um verdadeiro heroe sem *meio* adequado a mover-se.

E no seu livro, cheio de vida e cheio de intensa objectividade, introduzia a pouco e pouco — pelo processo que o amplia e o torna n'uma especie de espelho do mundo, — não só tudo que sabia pelas leituras feitas

. . . . . . . . . . .

com avidez durante a sua vida errante, como tambem tudo que *conhecia* directamente pela observação que em certas naturezas privilegiadas é fecunda como a propria creação, e tudo que soffrêra de desillusões e desenganos e tudo que imaginára, com aquella extraordinaria e pujante fantasia que faz d'elle uma especie de semi-Deus!

D. Quixote, Sancho Pança, existem, vivem, sobrevivem aos tempos que vão passando e podem chamar-se contemporaneos eternos de todas as gerações e mais reaes do que ellas.

E' muito hespanhola a obra pelo realismo das scenas que descreve, pelos typos genuinamente nacionaes que apresenta, pelas figuras que faz mover com tamanha graça, espontaneidade e chiste e malicia...

Aventuras picarescas, scenas de estalagem, scenas de pancadaria brava dada e levada, personagens typicos — tudo isto é hespanhol e é bem do seu tempo. Portanto D. Quixote tem um aspecto local, um aspecto nacionalissimo, que é necessario não esquecer e pelo qual pertence á sua patria!

Mas a universalidade da creação de Cervantes é tambem um facto incontestavel, porque Cervantes sem querer, sem pensar, deu ao seu personagem o que n'elle proprio havia de mais profundamente humano e bom.

Quando se trata da sua idéa fixa, D. Quixote é o cavalleiro andante ao mesmo tempo sympathico e burlesco, em quem o autor quiz tornar bem salientes as

exaggerações, extravagancias, anomalias, loucuras de toda a especie, que tornavam a litteratura cavalleiresca do seu tempo tão absurdamente anachronica e ridicula. E' para este fim que Cervantes primeiramente creou essa figura immortal, cujo defeito unico é ter vindo ao mundo tres seculos mais tarde, *Cid de hospital de doidos*, como não sei quem lhe chamou, com a razão desvairada e e o coração integro e intacto, cheio de visões loucas e de sentimentos heroicos, delirante mas grandioso ; luctando sempre com obstaculos irrisorios, mas luctando com valentia capaz de vencer e derrubar inimigos formidaveis. Porém, quando D. Quixote não lucta com o mundo exterior, que por effeito de uma allucinação intermittente elle vê tão diverso da banal realidade, tudo o que elle diz e pensa é bem digno de ser dito e pensado pelo proprio grande Cervantes, pelo homem de genio facil, caudaloso, espontaneo, que apezar de todos os males, oppressões, miserias, aventuras, mallogros e desgraças de uma existencia, ao mesmo tempo humilde e accidentada, obscura e tragica, que apezar das injustiças dos grandes, da crueldade dos homens, do terrivel azar de que foi victima constante, conserva na alma as fontes vivas da alegria, tem a força, a bondade, a generosa concepção da vida e póde ser considerado como um dos raros e verdadeiros bemfeitores da humanidade !

No seu livro assombroso todos podem colher á farta. Os velhos, as crianças, os moços, os eruditos, os ignorantes, as que lêm por simples divertimento, os que

lêm para aprender o que sejam almas, paixões, costumes — todos têm por onde escolher na obra deliciosa.

---

Mas acertarão realmente os que além de verem n'este livro admiravel, neste livro unico, que Montesquieu classificava como o *unico bom livro hespanhol*, de que Saint Evremond dizia: «de todos os livros que tenho lido é aquelle que eu mais gostaria de ter escripto» — que tem feito as delicias dos mais simples e dos mais complicados, que Racine e Boileau liam quotidianamente, fallando nas cartas que entre si trocavam dos personagens d'elle como de pessoas da sua convivencia, que desde o tempo em que foi publicado até hoje tem dado a beber dos seus filtros deliciosos a tantas e tantas gerações — acertarão realmente os que attribuem a D. Quixote, além de todos os thesouros que elle encerra em si, intenções, segredos, interpretações symbolicas que Cervantes de certo não sonhou?

Um grande e subtil pensador, que eu gosto de ler e reler, diz pouco mais, ou menos a tal respeito, o seguinte, com o que muito do fundo da minha razão concordo plenamente:

Uma das grandes vaidades da Gloria, mesmo da gloria litteraria, que é de todas a mais authentica, consiste n'isto: se ella se assenhoreia de uma obra, um dos seus primeiros effeitos é transformal-a, desfigural-a, *sobrenaturalizal-a*, por assim dizer. A alta admiração da posteridade só a esse preço se adquire.

A obra em si nada consegue, desajudada dos commentarios que a interpretam, a alambicam, a torturam. O trabalho deixa de ser qual o author o delineou, o formulou. Deixa mesmo de lhe pertencer só a elle, para ser d'aquelles que o refazem de novo a seu gosto e a seu talante. Cada geração o funde, e o cunha á sua imagem. Cada uma lhe attribue idéas novas que não pertenceram ao tempo a que ella pertence, e que espantariam extraordinariamente aquelle que inicialmente a produziu.

Isto tem succedido justamente ao D. Quixote, e com exageração só comparavel á do querido e sympathico heroe de Cervantes. Elle luctou contra gigantes e feiticeiros e exercitos e inimigos, creados pela sua imaginação fecunda de louco ; nós creámos dentro d'elle tristezas, pensamentos, protestos idealistas, reacções contra a chata realidade das cousas, que nunca existiram tambem senão na mente dos criticos que a pouco e pouco têm accrescentado á bagagem e á armadura do D. Quixote mais esses appendices fantasiados.

E' fóra de duvida que uma obra capital devida ao engenho humano: a *Illiada*, a *Odyssea*, *D. Quixote*, a *Divina Comedia*, o *Hamlet*, — abraçados no seu conjuncto, vistos através dos effeitos que tiveram, das impressões que produziram, da força vital com que evolucionaram e actuaram pelos seculos fóra, encerra em si muitos mais elementos do que os que serviram á sua primitiva creação. N'elles ha mais do que o author n'elles viu ou n'elles quiz representar.

Mas essa legião de pensamentos, de idéas, de symbolos, de significados mais ou menos arbitrarios, nada tem com a obra em si, embora seja ella que os leve comsigo, sempre accrescentados, especie de successiva valorização com que o espirito humano vae enriquecendo a sua herança intellectual.

A obra é qual é; o auctor teve sómente a idéa que n'ella exteriorizou como genio fecundo e creador; mas nós é que nos vamos tornando cooperadores d'elle e meios creadores tambem, na transformação incessante d'esses typos consagrados, que logo que sahem do cerebro e do coração de um homem, ficam constituindo patrimonio inalienavel de todos os outros homens!

D. Quixote tal qual Cervantes o sonhou e o realizou é muito menos complicado do que tres seculos e sobretudo o seculo XIX o tem querido fazer.

Uma grande obra de genio póde ser n'isto comparada á Natureza! Dentro d'ella cabe tudo que a nossa alma lhe empresta.

Espelho nosso, eterno, n'elle miramos complacentes as nossas feições passageiras. Uma manhã de Maio toda em festa, toda em flôr, com veios de agua cantante, com borboletas em cada rosa, e abelhas em cada resmaninho, com o céo azul e infinito a desdobrar-se sobre a nossa cabeça, póde conter em si todas as lagrimas que estiverem dentro do nosso coração. Uma noite tempestuosa e trovejante póde, se o amor nos inundar dos seus intimos esplendores, parecer-nos rica de ale-

grias e de esperanças, cantar unisona, comnosco, um poema de felicidade ardente!

Cada individuo julga extrahir do mundo que o cerca aquillo que tem dentro de si! Cada geração julga comprehender o sentido de uma obra genial dando-lhe o sentido das suas idéas dominantes, ou da sua sensibilidade exasperada. Só se conhece a grandeza, a fecunda universalidade de um livro, de um poema, de um quadro, de uma obra de Arte, quando ella se presta a esta infinita série de interpretações, de perguntas, de duvidas, de hypotheses... A idéa fundamental do D. Quixote é provavelmente tão simples e clara como o sorriso da Gioconda

Nem Cervantes nem Leonardo quizeram outra cousa senão o que quer inconscientemente o genio: igualar a Natureza, arrancar á Verdade o seu mysterio perturbante, copiar do vasto mundo alguma cousa que valha tanto como elle e como elle possa longamente durar, usurpar ao Creador uma parcella do seu ignoto poder de *crear a vida*. E, comtudo, as gerações não se cansam de perguntar á Gioconda o que significa o seu sorriso dubio que o olhar contradiz, que mysterio se abriga sob as pregas d'aquella boca tão fina e tão mysteriosa, que talvez seja a boca de uma mulher fria e cruel, que talvez seja o sorriso de uma creatura de amor e de perdão!

Mas em breve a Gioconda apagada, desluzida pelo tempo, não responderá aos seus admiradores aquellas extranhas cousas que elles tem julgado ouvir-lhe.

D. Quixote é bem mais feliz! O tempo augmenta o seu valor sem desluzir uma unica das suas bellezas! Elle continuará a ser a mais encantadora figura da litteratura hespanhola, elle continuará a inspirar artistas como Gustave Doré, poetas como Theophile Gauthier, criticos como Sainte Beuve; elle será para uns a symbolica figura d'essa Hespanha guerreira e visionaria, que transformando em inimigos os mais poderosos creadores da sua riqueza, levou nove seculos a combater mouros e a queimar judeus, desprezando o trabalho, erigindo em religião nacional a Aventura, hypnotisada na sua fé sanguinaria, creando fantasmas para os vencer, formando ideaes loucos para loucamente os realisar, e deixando esvair lentamente todo o sangue quente das suas veias em nome de chimeras, de sonhos morbidos, de fantasias impossiveis!

Para outros D. Quixote não é sómente o symbolo da Hespanha, é a representação do Ideal eterno em luta permanente com a concreta realidade.

E' a Imaginação vencida pela Razão positiva e fria. E' a alma generosa, sonhadora e pura, que o mundo exterior hostilisa e magôa.

Cada consequencia comica do conflicto formidavel não é mais para esses que o riso alvar dos ignorantes e dos tolos diante da contorsão dolorosa do homem superior em lucta com o *meio* mediocre e banal.

E' fóra de duvida que se perdeu o sentido de muitas observações agudas que ha nas suas paginas e que os contemporaneos haviam de entender e apreciar. Mas

em compensação, quantas cousas novas lhe temos accrescentado em que Cervantes nunca pensou!

Foi a critica allemã e a genebresa que principiaram a querer destruir a impressão alegre, risonha e simples que D. Quixote produzia nos seus leitores, segundo o proprio Cervantes diz, quando, na segunda parte da sua immortal novella, conta a anedocta sabida do estudante, que, sósinho, á beira do Manzanares, lia um livro e ria com tão descomposta hilaridade, que Filippe III ao vêl-o disse:—Aquelle rapaz ou é doido ou está a ler D. Quixote. —

Por aqui se vê que Cervantes julgava pelo menos ter escripto um livro alegre. Pelo visto, enganou-se. Bouterwech é o primeiro historiador litterario que deu curso á nova interpretação do D. Quixote.

Para esse a idéa inicial do livro é o *enthusiasmo heroico que se julga predestinado a resuscitar a cavallaria antiga.* Eis para elle o germen de toda a obra immortal de Cervantes.

Depois veio Sismondi e no seu curso das *Litteraturas do Meio Dia* desenvolveu e accrescentou a idéa de Bouterwech.

«A invenção fundamental de D. Quixote, diz elle (e é esta a explicação reinante até hoje e productora de toda uma bibliotheca de commentarios) é o eterno contraste entre o espirito pratico e o prosaico...

O thema é conhecido por demais para que citemos por inteiro a primeira opinião que lhe deu origem.

Desde esse momento ninguem tem tratado senão de

exagerar esta interpretação, de a complicar mais e mais.

*D. Quixote é o typo do Ideal em todas as epocas*, diz um; Sancho é a trivial realidade em constante contradicção com a nobreza heroica, observa outro.

E não póde deixar de se dizer que é verdade.

Mas essa verdade fizemol-a nós e não Cervantes.

Esse symbolismo attribuido a D. Quixote tem inspirado milhares de livros, de contos, de novellas. Mas só D. Quixote resistiu impavido no seu Rossinante, como elle immortal, á acção do tempo; e a magra e angulosa figura do cavalleiro Manchego continúa a recortar-se no cru azul do céo de Hespanha, como a apparição mais genialmente bella que sob esse céo nasceu.

Foi talvez pensando em D. Quixote que Renan disse, com transcendente ironia melancholica:

*L'homme fait la beauté de ce qu'il aime et la vertu de ce qu'il croit.*

Como D. Quixote, nós todos creamos os amores de que vivemos e morremos, os idolos diante dos quaes ajoelhamos, e até os fantasmas ou inimigos contra os quaes luctamos sem cansar.

Assim, elle, o delicioso louco, arrancou a belleza da sua Dulcinéa do barro miseravel e plebeu; e sonhou a grandeza formidavel dos varios inimigos contra os quaes rompeu a imaginaria lança; e povoou este mundo, tão vasio de cousas grandes, de gigantes e de monstros.

*La vida es sueño*, disse Calderon. Quem sabe se os que mais sonham não são os que mais acertam!

XVII

# O Paço de Cintra

---

Desenhos de Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Amelia — Apontamentos historicos e archeologicos do Conde de Sabugosa — Collaboração artistica de Casa-Nova e R. Lino.

Eis o titulo e sub-titulo de um dos livros de mais extraordinario successo e de mais rapida venda que ha muitos annos se publica em Portugal.

O livro merece ambas as cousas. Bibliographica e artisticamente é um primor, é uma belleza, uma *guloseima* de collecionadores: litterariamente (e é essa a feição que á minha indole mais interessa, e é esse o attractivo com que elle me enleou e me prendeu e me encantou positivamente) o livro é uma das cousas mais bellas e mais perfeitas que têm ha muito sahido de prélos portuguezes!

O Conde de Sabugosa, que todos desde muito co-

nhecem e admiram como poeta delicadissimo, de rara e requintada elegancia, como contista original, como escriptor emfim deliciosamente enamorado das cousas de Arte e de sentimento, que além d'isso é uma figura notavel e excepcional no nosso *meio*: fidalgo de alta linhagem, comprehendendo que hoje a illustração herdada só vale quando a accrescenta, amplia e esmalta o merito pessoal de quem a herdou, e que uma longa série de grandes avós é esmagadora e não gloriosa para quem não tem a envergadura propria a sustentar-lhe o peso e a responsabilidade, — o Conde de Sabugosa revelou n'este livro, além de todas as qualidades superiores que nós conheciamos, as faculdades de um historiador de folego, que até aqui ignoravamos!

Modestamente chama elle *Apontamentos historicos e archeologicos* á sua contribuição enorme para o livro notavel.

E' certo que elle o não teria escripto se, como diz lindamente na *Introducção*, se não desse o seguinte caso: «Um dia, ha annos já, a Rainha, então Duqueza de Bragança, attraída pelo indizivel encanto que este Paço (o de Cintra) exerce em quem o olha, desenhou no seu album de impressões uma das janellas manoelinas do corpo do palacio que foi o seu primeiro aposento. A este desenho seguiram-se outros; agora um portico, ámanhã a curva de um arco, mais tarde a Sala dos Cysnes, depois o tecto da sala das Pêgas... e accumulando asssim materiaes artisticos, formou, quasi sem plano, uma pittoresca collecção de desenhos que é, não só

o mais suggestivo commentario áquelle monumento, unico na sua architectura inclassificavel, feita de seculos de historia, de tradições e de arte, mas tambem a mais viva imagem d'esse edificio *sui generis.*»

Eis aqui o germen artistico e muito interessante do livro, mas desenhos por bellos que sejam, como estes realmente são, porque a nossa Rainha não tem um talento facil de amadora, tem um bello e gracioso e original talento de artista e *sente* tudo que desenha ou pinta, — desenhos não bastam para fazer surgir o Passado completo e real como elle foi, isto é, soberbo, grandioso, animado, pittoresco, fervilhante de vida, desdobrando-se em scenas multiplas de diversas e remotas éras, em lances historicos de significação intensamente nacional, revelando em traços de costumes que suggerem e instruem, almas humanas em acção, com as suas paixões, ambições, crimes e amores, com as suas elegancias e meneios de garridice cortezã, com as suas aspirações terrenas ou mysticas, pessoaes ou collectivas, com tudo emfim que as fez grandes ou mesquinhas, terriveis ou enternecedoras.

Só a palavra, só o verbo immortal, alado e multiforme, com a sua potencia inultrapassavel, com a sua força immanente, podia fazer taes milagres.

Aos formosos desenhos da Rainha, aos desenhos executados a primor dos dous collaboradores artisticos do luxuoso e esplendido volume, o commentario escripto do Conde de Sabugosa presta um encanto evocador que nos deslumbra por vezes!

E' que a nossa Historia está entrelaçada estreitamente ao *Paço de Cintra*, é que elle foi o centro d'onde irradiou a actividade régia que em Portugal fez uma obra digna do mais attento estudo.

E desde os tempos mouriscos—de que alli, n'essa estancia de encanto e de poesia, ficaram tão caracteristicos vestigios e tão lindos nomes, taes como, o *terreiro da Meca*, a *sala dos Arabes*, o *jardim de Lindaraya*, — o Conde de Sabugosa estuda minuciosamente o velho Paço. N'elle faz mover-se, agitar-se, viver, através dos antigos aposentos em que uma janella põe um toque de arte ineffavel, das arcarias de pedra em que uns poucos de estylos se juxtapõem, dos pateos onde a agua canta e chora, das salas em cujos tectos historicos palram as *pêgas* indiscretas e ondula o collo magestoso dos *cysnes* de gorjal de ouro tintillante de campainhas, e *sereias* tocam harpas e bandolim attrahindo porventura a incauta *galé* que vae sulcando os mares, e se estadeiam pomposos, representando glorias extinctas e feitos esquecidos, os velhos brazões da nossa nobreza guerreira, aventurosa e épica — n'elle faz mover-se uma multidão brilhante de Reis, de Rainhas, de homens de armas e donzeis e poetas e monges e soldados e jograes de Côrte e donas e princezas e criminosos e heroes!...

Oh! Como acorda vibrante o echo do velho Paço, que successivas gerações levantaram e alindaram e fizeram tão bello, vetusto e mysterioso, a voz d'essa enorme, d'essa infindavel procissão que os atravessa, atraves-

sando os seculos, os enche de vida e exhala de si tão suggestivo encanto!...

Tudo ressuscita... Os banquetes, as festas, os conselhos, as merendas palreiras, as partidas para a montaria ou para a caça!...

D. João I, o Rei que symbolisa a hora culminante, a hora sublime da nossa alma nacional: o chilrear festivo das vozes juvenis, que vão ser d'aqui a nada vozes de santos, de heróes, de scismadores melancolicos perdidos nos meandros do seu sonho, de viajantes infatigaveis, de sabios de olhar de aguia, duro e penetrante! O faiscar das espadas rutilas que vão conquistar Ceuta! A graça ou esquiva ou provocante das damas que a belleza dos moços e a magestade varonil do velho encanta e attrahe e tenta... E depois os galanteios, os jogos, os alegres serões, cheios de musica e versos...

Passa tudo, passam todos e a gente *vê-os*, escuta-os, sente-os amar, fremir, viver, odiar, com a sua alma potente em que a paixão é mais energica, a vontade é mais dura, a capacidade de *querer* e de *executar* é mais coherente e logica, em que é menos dolente e subtil a sensibilidade, menos aguda a critica, e a Fé, e a cruel obstinação, são duas forças constructivas, capazes de mover montanhas e de realizar maravilhas!

D. João II, D. Manuel, D. Sebastião! Tres éras typicas da vida da nossa raça!

O *homem* que derrubou e venceu o sentimento feudal rebelde e brigão e as facções sempre promptas a com-

baterem-se e a resistirem á sua ferrea vontade, o que logrou fazer a nação unificada, legal e docil ao poder regio. O *Venturoso*, em cuja cabeça inexpressiva cahe uma chuva fulgurante de estrellas e cuja figura sem relevo é cercada — taes são as ironias da Historia — pelas figuras mais bellas, mais sumptuosas, mais cheias de gloria universal, do nosso grande passado!

O capitulo consagrado pelo Conde de Sabugosa ao reinado de D. Manoel é todo elle repassado de vida, graça, erudição e poesia.

Aproveitando o azado ensejo, é alli que elle faz uma resenha rapida da evolução da poesia portugueza desde o rude balbuciar de rudes troveiros até ao *cancioneiro* palaciano de Rezende, aos autos de Gil Vicente, ás sentidas endeixas de Bernardim, ao classico cultismo de Sá de Miranda!

Só um poeta erudito, uma alma que sente a poesia do passado a ponto de se penetrar *perigosamente* d'ella — eu receio, que o Passado, como as sereias da lenda, absorva, affunda no seu revolto pelago toda a imaginação em certos pontos tão moderna do Conde de Sabugosa — só um poeta assim, amigo dos velhos papeis, das velhas lendas, dos velhos poetas archaicos, seria capaz de escrever com tanto relevo este capitulo ao mesmo tempo curto e intensivo, rapido e substancioso! Bravo! exclamei eu involuntariamente n'um espontaneo impulso de applauso ao acabar de o ler!

—

Depois vem a côrte severa e triste de D. João III. O fanatismo estende a sua nuvem negra e viscosa sobre o céo azul de Portugal.

Nunca mais um sorriso da sorte nos bafejou. A apparição do allucinado D. Sebastião é como que a resultante logica do mal de que o paiz enfermára. Um louco assim, traduzia bem o *nosso estado de alma.*

Pouco tratou elle do Paço de Cintra (onde temos seguido de longe a pittoresca e vasta procissão) durante os dias do seu reinado de sonhador lendario.

E amava-o no emtanto! Gostava das suas sombras espessas, dos seus rochedos e alcantis, menos atormentados e revoltos do que a alma d'elle, das suas fragas solitarias onde se perdia, orando, scismando, caçando, planeando o louco attentado que nos aniquillou, mas, como diz o Conde de Sabugosa, ao notar que poucas ou nenhumas obras elle fez no Paço que a todos os outros mereceu tantos desvellos:

«O Castello ideal que a sua ardente imaginação architectava, era todo formado de sonhos ambiciosos de gloria para Deus, para o reino e para si proprio.

«E esse castello delineado na sua fantasia, levado nas azas brancas das velas da festiva e deslumbrante armada, que partiu da barra do Tejo, edificado nas areias, cahiu ao sôpro da desgraça na tragica derrocada de Alcacer Kibir, anniquillando e subvertendo nos seus escombros a flor de Portugal e o architecto sonhador.»

Ainda na nossa Historia o Paço de Cintra tem de occupar um logar que o assignala á imaginação do povo, á sensibilidade das almas boas. Foi alli que se passou o atroz captiveiro de Affonso VI, mandado prender e lentamente torturado em longos annos de martyrio por seu irmão Pedro II de Bragança.

Mas vejo que me falta espaço e tempo para seguir o historiador-artista n'essa evocação magica de quadros e personagens de que o Paço de Cintra foi scenario e theatro.

Devo resumir a minha impressão sobre o esplendido volume, gloria de toda a bibliotheca, hospede bemvindo em toda a sala culta, ornato elegante e artistico de toda a banca de trabalho ou de serão.

Para mim o Conde de Sabugosa evitou o escôlho em que naufraga inevitavelmente o *erudito de profissão*, isto é, de todos os animaes da creação aquelle que a minha alma de mulher ignorante (graças a Deus!) de mulher um pouco imaginosa e amando o aspecto bello e pittoresco das cousas, mais fundamentalmente evita e *odeia*.

O *erudito profissional* tem o gosto ingenito de torturar o proximo. Ainda que uma materia tenha a sufficiente plasticidade para receber das mãos d'elle uma fórma flexivel e agradavel, o *erudito*, por cruel voluptuosidade, por uma especie de ferocidade nativa, gosta de a fazer o mais arida, o mais maçadora, o mais repellente, o mais difficil, o mais hostil que lhe seja possivel.

. . . . . . . . . . .

Se se trata de um monumento, conta-lhe as pedras, argumenta sobre a época de cada uma d'ellas, faz a conta do que custaram, nega tudo que outros *eruditos* egualmente maçadores, do seu conhecimento, disseram a respeito d'elle, e acaba por suggerir ao desgraçado que teve a teima criminosa de o ler até ao fim uma aspiração unica: a de nunca ver nem de longe o tal monumento que elle tomou á sua conta, a de nunca se referir a elle em conversa, a de rasgar qualquer desenho, quadro ou gravura onde elle esteja representado, a de lhe apagar para sempre o nome na sua memoria e na memoria de todos os membros da sua familia.

Se se trata de homens e de mulheres, que nasceram, cresceram, amaram, odiaram, se divertiram, viveram emfim como nós a sua vida de todos os dias, monotona ás vezes, agitada outras, atravessada de penas, de paixões, de desgostos, de impressões duraveis ou fugitivas, — o odioso erudito, o que faz d'essas creaturas de miseria ou de esplendor, de tristezas longas e de rapidas alegrias, de sonhos, de amores, de aspirações trahidas ou realizadas, d'essas creaturas que tiveram como nós abysmos turvos no coração, e horas em que no coração, como em corrente de aguas limpidas, se reflectiram as estrellas do céo? o que faz d'esses que amaram, soffreram, blasphemaram e oraram, que foram ás vezes vis e ás vezes sublimes, que rastejaram pelos caminhos e que se aprumaram altivos em face da Dôr ou da Alegria?... Faz simples manequins, automatos abominandos. Disputa a respeito dos appellidos que usa-

ram; enfurece-se porque um *erudito*, seu compadre ou seu adversario, lhes tirou uma lettra ou lhes accrescentou uma lettra no nome; berra por uma differença de dois dias na data em que nasceram; deita tudo abaixo em verdadeiro ataque de furia, porque houve um engano a respeito da igreja em que se baptisaram...

Isto é que é o *erudito*. Conheço alguns... de longe, e de longe os abomino.

Se o Conde de Sabugosa tivesse seguido esta senda de *horror*, peior para mim que aquella em que o Dante se perdeu, eu, que tão d'alma lhe quero ha quasi trinta annos, não teria lido o seu livro para não deixar de lhe consagrar o mesmo affecto.

Elle, porém, sem deixar de ser exacto, minucioso, seguindo á risca os processos da moderna critica e da moderna archeologia, foi ao mesmo tempo um historiador e um artista, insuflou vida propria nas figuras que fez passar em pittoresco e esplendido cortejo por esses pateos mouriscos, por essas salas gothicas ou manoelinas, pelos terreiro onde chora talvez na fonte, a alma de alguma moura encantada, pelos porticos monumentaes em que a pedra revela os segredos do passado, pelos corredores e saletas e recantos onde os azulejos multicores nos dão amostras riquissimas do que foi essa arte dos arabes deixada na peninsula iberica e por nós e pela Hespanha modificada n'uma linda arte bem nossa!

A sua obra é uma obra de ressurreição historica, de feliz inspiração, de erudita e conscienciosa pesquiza, de

poesia e de verdade, duas cousas que em vez de se excluirem se completam.

E' livro para ficar e para se lêr com verdadeiro e absorvente interesse.

Oxalá que o auctor não descanse longamente sob os louros colhidos. Anceamos todos pelo apparecimento do novo trabalho que elle já tem planeado e estudado, e que será como este um assnmpto de Poesia e de Historia.

Almas como a d'elle precisam de encontrar no mundo da Arte e do Pensamento um refugio para as saudades e para as amarguras de que a Vida é prodiga até para os seus favoritos...

---

XVII

# A creança na vida e na Litteratura

Porque será que na litteratura latina, aliás tão rica, nós procuramos debalde encontrar esta deliciosa e humana flôr que se chama *creança*, idealizada pela penna de um grande escriptor?

A creança diz pouco ou não diz nada aos romancistas, aos poetas da França, da Hespanha, de Portugal e do Brazil.

Por excepção rara as *Parabolas* de Antonio Corrêa de Oliveira, fazem dialogar alegremente, com naturalidade e graça, algumas creanças encantadoras. Bastava isto para dar intensa originalidade a esse livro de versos.

Não sei por que, os escriptores latinos não possuem a chave d'esse enigma delicioso, o segredo d'essa esphynge de grandes olhos vagos, pasmados, mysteriosos, que contemplam a Vida e que parecem scismar cousas indiziveis ao contemplal-a!

Não os interessa, não os preoccupa o que pensam, o

que sonham, o que adivinham essas creaturas de fluidez e de mysterio, cujos silencios são tão perturbantes, cujas interrogações são tão impressionadoras, cuja falla balbuciante, cujos gorgeios de ave são a melhor musica para um coração de mãe, cuja inflexivel logica desorienta e humilha os que, pela idade, se lhes julgam superiores.

A litteratura franceza é então n'este ponto de uma defficiencia deveras lamentavel.

Ha muito quem affirme que a *maman* franceza é das melhores, das mais ternas, dedicadas e heroicas. Porque é então que ella não estuda a alma em botão do filho pequenino, e agora que tanto escreve, que tanto publíca, que tão indiscretamente intenta devassar os arcanos mais tenebrosos de impuras paixões, porque, em vez de se dar a esta faina funesta, nos não dá em logar de romances que as raparigas não pódem ler, essa obra prima do espirito feminino que seria uma alma de creança estudada, interpretada, exteriorizada pela milagrosa intuição do amor materno?...

Nas lettras francezas, nós conhecemos a creança que foi Jean Jacques Rousseau, contada por elle mesmo, e da qual nos deixou a mais antipathica e repellente imagem. Conhecemos a creança que foi Vallés, tambem por elle mesmo contada, o que em todo o caso poude servir de typo e modelo aos revoltados desde o berço áquelles que na idade em que ainda se é anjo, já sentem referver em si os odios, as invejas, as cóleras de um demonio que podem vir a ser.

. . . . . . . . . . .

Lotti quiz dar-nos a alma de uma creança, alma obscura, sonhadora e vaga, mas não soube fazel-o. As suas palavras não têm ingenuidade nem verdade. Não interessam por isso.

Muitos romancistas escrevem sob a fórma autobiographica, pondo em scena um personagem de ficção o qual evoca e descreve a sua infancia. Fazem-no porém com o proposito feito de preparar a mocidade do seu heroe.

Não se abandonam ingenuamente ao estudo da psychologia infantil, livres de preoccupações de outra ordem; d'aqui o pouco valor d'essas notas sem exactidão. A gente quando os lê tem sempre pressa do momento em que o heroe do livro, despindo as faixas infantis artificialmente cingidas, se lança no duro combate da vida, nas suas peripecias, nas suas paixões!...

A creança na litteratura franceza não existe.

Na obra colossal de Balzac, d'esse Balzac que á proporção que o tempo sobre elle passa, mais assombroso e maior se vai tornando, a gente em vão procura uma creança a fallar, a rir, a perguntar, a illuminar a vida dos personagens do grande creador d'almas, que os seculos vindouros porão ao lado de Shakspeare, perto do qual já Taine o collocou.

Georges Sand que foi mãe e mãe tão estremosa, que foi avó e avó tão adoravel, não nos faz *sentir* a creança em nenhum dos seus livros. Conta-nos na *Histoire de ma vie* a sua propria infancia, mas tão excepcional, tão differente, que a pessoa que a lê percebe perfeita-

mente que não são assim as crianças que conhece.

Talvez que Victor Hugo seja em toda a litteratura franceza o que melhor traduziu a alma infantil pondo em scena os seus dois netos *Jeanne* e *Jorge*. Mas será porque a educação do grande avô deu tão extranhos fructos, o caso é que eu não tomo a sério aquelles netos nem vejo bem o grande poeta sob o aspecto de avô.

*

* *

Na litteratura portugueza ou brazileira não conheço a creança. Póde entrar como um incidente rapido. Nunca sobre a sua physionomia encantadora e mysteriosa convergem os raios de luz de uma comprehensão genial.

Nunca ella é o assumpto em torno do qual os outros se congregam!

Na italiana devò abrir uma excepção. No *Piccolo Mondo Antico* de Fogazzaro o personagem mais interessante, adoravel, e deliciosamente estudado, é uma pequenina!

Que encanto de figurinha! Como ella conversa á maneira infantil! Como se vai desenvolvendo sob os nossos olhos! Que prazer de vel-a mover-se, andar, brincar, discretear, perguntar... Que graça nos seus pequeninos defeitos de curiosa, de tagarella, de observadora do que se passa em roda!

Parece *viva*, e parece natural como todas as crean-

ças são, embora tenha o esplendor da arte a illuminar-lhe a cabecinha airosa.

O livro é todo admiravelmente escripto, mas não tenho pejo de confessar, que no instante em que a pequena heroina morre — o auctor teve a crueldade de a matar — nada me interessou mais das suas bellas paginas.

Tive vontade de fechar o livro onde ella já não chilreava e já não ria.

Chorei por ella, como se chora por um sêr amado, tal é o santo poder da Arte quando sincera!

Chorei lagrimas partidas do coração por essa pequenina flor de poesia que o sopro do escriptor tinha creado, e tinha apagado depois como se apaga uma luz; por essa borboleta branca e leve, que a imaginação poderosa de um artista fizera voejar um momento ao sol e esvair-se logo...

Que pena que seja tão sáfara de figuras como esta a litteratura italiana! E comtudo se ha lingua que se preste á conversação, ao tagarellar das creanças, é essa lingua dulcissima em que os diminutivos são de inexgotavel riqueza, em que ha syllabas que são caricias, em que a magestade das linhas classicas se póde engrinaldar de pampanos e rosas tal a columna de um templo antigo que a verdura florida enrama sem occultar!...

E' bem verdade que se os Italianos e Hespanhoes, os Latinos emfim, desdenharam a creança na litteratura, ella tomou na Pintura a sua suprema desforra!

Que delicia são os *bambinos* de Raphael! que adora-

veis os anjos e os cherubins de toda a pintura italiana! E os *meninos Jesus* de Murillo!... Como a gente sente a ancia de comer de beijos aquellas carninhas roseas e tenras, aquelles corpos pequeninos feitos de lyrios brancos e de rosas côr de rosa!...

Não é porém sómente o corpo da creança que é lindo e captivante. A sua alma que desabrocha como flôr mysteriosa, a sua intelligencia que se abre cheia de curiosidades e de interrogações, a sua sensibilidade que é toda ella um mysterio insondavel: eis o que na creança principalmente nos attrahe.

*

*   *

Felizmente que a litteratura Anglo-Saxonia é neste ponto riquissima. Que adoraveis as crianças de Inglaterra, quer nos retratos dos seus pintores de idéal magnificencia, quer sob a folhagem dos parques seculares, representem a flôr de uma nobre raça e o orgulho de uma Nação sádia e forte, quer nas paginas dos seus inimitaveis romancistas!

Até os livros mediocres são interessantes na Inglaterra logo que se trata de crianças.

E' que a litteratura d'essa raça distingue-se principalmente pela agudeza penetrante na analyse dos caracteres que lhe pertencem, e ella não se limita a estudar o homem e a mulher já feitos, já modificados pela acção da vida, já gastos nas suas aréstas mais as-

peras pelo contacto permanente do seu semelhante, já desfibrados pela força brutal das circumstancias externas.

E' na criança que ella vae procurar a raiz dos sentimentos, das tendencias, das paixões, das energias, que no homem e na mulher a interessam vivamente. Por isso não ha nada mais rico do que a galeria dos seus typos litterarios infantis.

Como na Inglaterra ha muitas mulheres de talento, e algumas de genio, que têm consagrado a sua vida á litteratura de ficção, e como o instincto maternal póde ser illudido, sophismado, mas nunca destruido inteiramente, as romancistas da Inglaterra que não tiveram filhos, descobriram esta *maternidade ideal* que as compensa e consola da falta da outra.

Os romances de Miss Yonge, tão amados da mocidade, estão cheios de crianças, da vida das crianças, do seu tagarellar incessante e expressivo.

Na *Villete*, de Carlota Brontë que é uma escriptora genial, ha nas primeiras trinta paginas uma obra prima de psychologia infantil.

Trata-se de uma pequenita de tres ou cinco annos que o pae adora, encheu de mimos, e que na vespera d'uma longa viagem necessaria, elle vem entregar temporariamente a uma velha amiga.

Com esta materia prima elementar fez Miss Brontë um quadro que bastaria para consagrar-lhe o nome.

E as duas crianças do romance *The mill on the Floss*, de George Elliot?

Que magistral pintura da mulher e do homem inglez ainda em flôr!

Que encanto de evocação, que primôr descriptivo, que milagre de intuição moral!

O rapaz *Tom* é o typo admiravelmente fixado do rapaz que virá a ser o homem inglez vulgar!

Brutal, egoista, casmurro, auctoritario. Conscio da sua superioridade absoluta de *homem* como mais tarde o virá a ser da sua superioridade absoluta de *inglez*.

Perante a pequena irmã que o adora em extase, elle não tem nunca uma phrase, uma palavra de ternura, nem uma expressão de agradecimento. Tudo lhe é devido, a esse pequeno tyranno que na liberdade e na abundancia da vida rural, irá adquirindo e desenvolvendo fortes musculos, capacidade de trabalho, endurecimento physico e moral, consciencia da sua soberania máscula, do seu poder de governar sem nunca ser governado.

*Ella*, a pequena Magde, será a grande escriptora sublime que se chamava Georges Elliot, e, portanto, é sob o seu aspecto excepcional que devemos vêl-a. O livro é principalmente a mais viva das autobiographias.

Mas d'elle resalta uma deliciosa figura infantil de graça, de capricho, de abnegação inconsciente.

Se a mulher ingleza tem aquella bemdita infancia, não admira que ella seja a bella creadora de raças e nações que tem sido até hoje, que será nas correntes successivas da Historia.

*

* *

Os escriptores que não têm nem a sensibilidade aguda e morbida de Carlota Brontë, nem a genial sympathia humana da autora celeberrima de *Adam Bede*, possuem ainda assim um instincto que os faz procurar nas crianças um elemento de profundo interesse para os seus estudos de caracteres.

E' isto uma das cousas que faz com que um romance inglez mediano, seja de leitura mais util, proveitosa e instructiva que um bom romance *continental*, para fallar como elles.

O estudo do caracter humano em todas as suas modalidades infinitas, é o thema preferido pelos escriptores de Inglaterra.

E nada ha mais interessante do que estudar o homem. Não o homem abstracto, o homem typo como faz a litteratura classica. Mas o homem d'esta ou d'aquella nação, em varias posições sociaes, sob o imperio das circumstancias, sob a marca indelevel das profissões diversas que o modelam gradualmente, que o deformam sem cessar, sob a influencia directa dos differentes *meios* em que nasceu ,em que tem de viver, e que tem de influenciar por sua vez.

O caracter da raça já na infancia se revela em pequeninos traços que a litteratura anglo-saxonia sabe descriminar com subtileza grande.

Para ella o homem não nasce completo, feito, como

para a litteratura latina de origem e de processos classicos.

Não. Foi-se fazendo lentamente sob as forças mysteriosas combinadas ou contradictorias, com que n'elle operam a hereditariedade inevitavel, a educação da familia e a das successivas escolas publicas que cursa, os exemplos recebidos desde os primeiros annos, o *meio* social, os preconceitos, as tradições, as idéas abstractas e os factos concretos.

Esta absorpção feita pela creança dos elementos exteriores que têm de a formar em complemento ou em conflicto com os elementos herdados a que não póde subtrahir-se, constitue um capitulo dos mais interessantes da litteratura britannica.

Nós, latinos, deviamos tomar este estudo em gosto. Deviamos applicar-lhe as faculdades criticas que possuimos.

Seria um meio de renovar a nossa litteratura, a qual ha muito não sahe dos estafados themas que o leitor bem conhece. Já o notavel professor e o pensador original que se chama Bernardino Machado nos deu nas suas *Notas de um Pae* o molde em que póde caber muita observação, e muita verdade adoravel.

XIX

# Lisboa e os lisboetas

(A PROPOSITO DE UM LIVRO DE VIAGENS)

I

Acaba de ser posto á venda em Lisboa um livro escripto em francez e intitulado *Espagnols et portugais chez eux*.

E' escripto por M. Quillardet, o qual parece ter estado em Portugal por occasião da crise pseudo-religiosa, ou mais depressa anti-clerical por que o paiz passou ha de haver uns tres annos

Pelos livros de viagens escriptos ácerca de Portugal podemos bem avaliar como os viajantes se enganam, quando julgam conhecer um paiz por tel-o rapidamente atravessado.

A parte principal do volume é consagrada á Hespanha, cuja capital e cujas provincias o viajante francez percorreu, se não estudou.

Em todo o caso devo confessar que corresponde per-

feitamente ao aspecto exterior geral de Madrid, que eu guardo na memoria, a imagem que d'elle traçou a penna do viajante francez. Das provincias nada posso dizer por que as não conheço.

Emquanto ao que mais nos interessa a nós, isto é, á descripção de Portugal, seus costumes, seus habitantes, muito ha que dizer em resposta ao desdenhoso e superficial estrangeiro.

No tocante á paizagem, ao scenario do Minho, do Douro, elle tem ás vezes toques felizes e verdadeiros. Vê-se que a natureza e o clima o seduziram, o surprehenderam, embora a respeito do povo em si seja ás mais das vezes injusto.

E' que se póde fazer idéa do exterior de um paiz e acertar nas linhas e côres com que se desenha e pinta esses aspectos, mas não é possivel comprehender e *sentir* uma nação em alguns dias de viagem.

Depois, o que perde os viajantes é a terrivel mania da generalização.

Ao desembarcarem no caes de uma cidade encontram, por exemplo, um velho coxo. Immediatamente escrevem no seu caderno de notas: — Cidade tal: todos os velhos são coxos!

Este M. Quillardet atravessou certas ruas de Lisboa, de manhã muito cedo, á hora em que os operarios vão para os arsenaes, para as fabricas, para as obras particulares, isto de inverno, sobre as ruas lamacentas e debaixo da chuva miuda e impertinente da nossa invernia.

Escreveu pois no seu *carnet:* «Não esquecerei nunca a minha primeira impressão da população de Lisboa. Homens feios, escuros, de physionomia ordinaria, molle, doentia. Andam com um horrivel barrete de algodão preto na cabeça e trazem aos hombros um enorme casacão de mangas pendentes, cujas abas muito longas lhes batem nos pés, enlameados e descalços.»

Esta impressão é a mais falsa que póde haver. O operario de Lisboa nunca anda descalço. Nunca, por nunca ser.

O seu aspecto é talvez rude e desagradavel sobretudo áquella hora, n'aquella estação tão dura para os que trabalham. Mas a sua miseria não é asquerosa como a de Londres, por exemplo, em que os pobres de chapéo alto meio esborrachado e de casaca grotesca e cheia de buracos dão á desgraça um aspecto burlesco e funebre.

Depois, o carinho da mulher do povo portugueza pelo seu homem, o seu asseio, a sobriedade natural á raça e favorecida pelo clima, o cuidado que ella tem no seu marido, no seu filho, obstam a que a maioria do povo, laboriosa e honesta, ande com esse nefando aspecto de miseria andrajosa.

Hoje o aspecto geral de Lisboa é o de uma cidade bonita, alegre, civilisada. Basta a situação que ella tem para a tornar naturalmente encantadora.

As suas edificações modernas estão, é verdade, longe de modelos de esthetica, mas são, em todo o caso, casas amplas, com muita luz, com jardins e terraços.

O proprio sr. Quillardet quando esquece os seus autores, não deixa de se contradizer a si proprio, confessando isso mesmo. E quando nos compara com os Hespanhoes reconhece sempre que em muita cousa lhes somos superiores. Basta a bondade, a doçura da indole portugueza.

Não seremos, não somos de certo tão pittorescos; somos em todo o caso mais aptos para receber o cunho da moderna civilisação. Talvez o termos um caracter ethnico menos accentuado, uma feição menos caracteristica, nos faça mais malleaveis e transigentes.

Como já disse, as paginas consagradas pelo sr. Quillardet a Lisboa são de uma flagrante contradicção umas com as outras. Tão depressa diz bem como diz mal; tão depressa nota o progresso material das nossas cousas, como nos pinta um verdadeiro povo medievico.

Creio ter adivinhado a causa d'esta extravagancia de *touriste*.

E' que elle antes de vir a Portugal leu muito do que sobre nós se tem escripto, quasi sempre com injustiça cruel.

Antes de descrever Lisboa muniu-se provavelmente dos livros de viajantes estrangeiros, cujas descripções ficaram celebres.

Quando se faz ecco da palavra d'esses viajantes o sr. Quillardet faz de Lisboa uma especie de Marrocos; quando olha em torno de si e descreve o que vê, não póde deixar de apresentar quadros mais claros e li-

songeiros e *modernos*. Imagine-se se esta descripção da Lisboa actual é verdadeira.

«A cidade parece oriental pela sua immundicie, as suas ruas mal calçadas, viscosas, cheias de lama espessa e negra. Nas ruas mais populosas ha nuvens de garotos esfarrapados, descalços, meio nús, e de janella para janella, atravessando as ruas, trapos pendurados, de varias côres, dão ao conjuncto, sob o lindo céo azul, um pittoresco napolitano.»

E' possivel que nos escusos e mouriscos beccos da Alfama isto seja ainda assim. Mas declaro que eu, Lisboeta de nascença, não conheço aqui ruas com tal aspecto. Isto leu o sr. Quillardet nos livros de Costigan, de Chatelet, de Beckford. Mas não póde ser dito com verdade por um viajante que actualmente nos visite.

Em trinta annos Lisboa tem-se transfigurado. Os seus bairros novos, que partem da Avenida e que vão até ao Campo Grande, em alamedas largas, cheias de arvores, de uma amplidão majestosa, desmentem esta descripção anachronica.

Em todas as direcções atravessam, de dia e de noite, a cidade carros electricos commodos e asseiados. O movimento da população corresponde ao progresso e desenvolvimento dos meios de transporte. Póde-se dizer que Lisboa já não anda a pé.

O culto das arvores e das flôres, que tanto tempo nos faltou, desenvolve se dia a dia. As lojas de luxo multiplicam-se. Finalmente, tudo que revela a riqueza

de uma população cresce em Lisboa de uma maneira espantosa.

D'antes contavam-se, entre a gente em evidencia, as familias que tinham carruagem. Agora contam-se as que a não tem.

Os theatros estão sempre cheios. Ha bastantes livrarias todas afreguezadas. O amor da musica, que foi sempre uma caracterisca nossa e que teve uma especie de paralysia momentanea, tambem de novo se accentua. Ha muitos concertos, sociedades musicaes, escolas de canto.

*

*     *

Se descrevendo aspectos exteriores de Lisboa o sr. Quillardert se contradiz frequentemente, ora dizendo bem, ora dizendo mal, e mal e bem que mutuamente se neutralizam, que póde elle dizer ou saber dos nossos costumes, das nossas idéas, dos nossos defeitos e boas qualidades?

E como é que um estrangeiro conhece o paiz que visita senão depois de n'elle se demorar longamente?

E' verdade que aos olhos do estrangeiro saltam mais depressa cousas que, pelo costume já herdado, com que desde a infancia nos familiarizamos, já não ferem o nativo. Mas são cousas muito evidentes, muito exteriores.

Nós somos, é certo, muito amigos dos extrangeiros.

. . . . . . . . . . .

Entre os mil *snobismos* que ao presente nos fazem a vida um pouco ridicula, conta-se em logar privilegiado o *snobismo* do extrangeiro. Mas é preciso que elle tenha uma certa posição social, um certo nome, que seja apresentado no Paço, etc.

Lisboa é o paraizo do Corpo Diplomatico. Em mais cidade alguma elle goza das regalias e dos mimos que lhe são dispensados aqui. Mas o estrangeiro d'essa cathegoria, se entra em cinco ou seis salas, pouco poderá saber da alma verdadeiramente nacional que n'ellas não está representada.

A mulher portugueza das classes em alta evidencia mundana desdenha os escriptores, os artistas, os historiadores do seu paiz; desdenha a sua lingua, que raras vezes aprende, e quando muito gosta do Portugal de D. João I e do Condestavel, isto por *chic* e por orgulho de fidalguia falsa ou verdadeira, *truquée* ou authentica.

N'essas salas elegantes, e algumas de novo guarnecidas com os thesouros authenticos do mobiliario portuguez, que muitos annos esteve mettido nos sotãos e *aguas-furtadas* e que ou foi restaurado pela familia, ou foi comprado a pezo de ouro em adellos e *bric-à-brac* — n'essas salas as mulheres fallar-lhe-hão em inglez ou francez, ou mesmo italiano; as iguarias que saborearão são pseudo-francezas; os criados serão estrangeiros, os assumptos serão mais estrangeiros do que o resto.

Fallar-lhe-hão, se elle pertence á casta especial e cosmopolita que frequenta as côrtes européas, em personagens régios ou principescos d'essas mesmas côrtes,

nunca nos seus estadistas mas sim nos seus cortezãos.

Se pertencer a uma classe menos elevada, mas se fôr pariziense da *gemma*, perguntar-lhe-hão cousas do mundo, dos theatros ou das lettras, das actrizes que se vestem melhor, dos romances mais na voga. Pedir-lhe-hão anecdotas intimas a respeito de personagens em evidencia e farão escarneo de *cette sale republique*, para se fazerem mais elegantes, mais *faubourg Saint Germain*, mais *talon rouge*...

*

* *

Nada disto succedeu ao sr. Quillardet. Elle fallou com alguns jornalistas ou alguns escriptores, mas pouco, superficialmente, e ficou portanto ignorando completamente Lisboa e os seus habitantes, Lisboa e o seu progresso, e a sua riqueza que tende a augmentar, e as suàs classes ricas e trabalhadoras, ociosas e elegantes...

Depois, entre nós succede o seguinte: o que temos de novo é tudo cópia de outros paizes mais adiantados e mais originaes; o que temos de velho é tão intimo, tão secreto, tão enraizado que se não revela assim *au premier abord.*

Lisboa é como todas as capitaes modernas: desnacionaliza-se dia a dia. E' européa como Paris, ou Londres, ou Bruxellas, não é propriamente portugueza de lei, como Coimbra e como Braga, como Vianna ou

como Castello de Vide. Todas as cousas do luxo moderno ou do confortavel lisboeta são importadas de fóra. As suas equipagens (algumas muito bem montadas), os seus cavallos, os seus automoveis, as suas toilettes, os seus chapeus, gravatas, collarinhos e *ulsters*— os mil objectos grandes ou pequenos do uso quotidiano das suas classes ricas, — vêm de Paris ou de Londres ou da Allemanha.

Depois, ha tambem uma quantidade grande de gente extrangeira que aqui se estabeleceu e que, mais emprehendedora, vence em tudo o indolente indigena e produz em volta de si riqueza e conforto.

A mulher das duas ultimas gerações, abandonando a tradição que fazia da Portugueza uma Arabe, vive no meio da rua. D'antes estava em casa, a coser, a fazer renda, a rezar, a lidar nas cousas do *ménage* ou mesmo a preguiçar no seu estrado, na esteira classica de que falla Beckford, na cadeirinha de palha muito baixa, ao pé da banquinha de costura allumiada pelo candieiro de latão amarello de tres bicos, que é hoje um *bibelot* de *bric-à-brac*. Agora adquiriu já a agilidade do andar, a presteza e a graça do movimento ; joga o *tennis*, a bolla; entretem-se em variados *sports* que desenvolvem o corpo ; como já sabe, mesmo que o tempo seja máo, sabe arregaçar com elegancia a saia bem feita, ou então vestir um *trotteur* curto e gracioso.

Entra nas lojas, compra flôres, enfeita-se com ellas ; a sua maneira de viver actual não differe em nada do modo de viver da Pariziense ou da Madrilena.

Como hoje não ha distancias, tambem com ellas desapparecem as diversidades de caracter, de viver, de sentir. O mundo está-se tornando de uma uniformidade enfadonha.

Quem conserva ainda alguma originalidade é o povo; não o das cidades, mal educado, corrompido pela inveja e pela crueza da vida economica; mas o das aldeias e das villas remotas, o das provincias que os caminhos de ferro não approximaram ainda do centro.

*

* *

Uma *nuance* digna de notar-se. Ao passo que a democracia avança, que a sciencia se vulgariza, que os costumes se uniformizam, que uma especie de rasoura nivella as classes, ha como que uma tentativa suprema de escapar a esta lei irreductivel em alguns membros da burguezia endinheirada ou da fidalguia pobre ou rica.

Ha mais do que isso: ha o desejo ardente de parecer nobre, de parecer *antigo*, de reatar tradições quebradas, de ressuscitar privilegios abolidos, de desenterrar pergaminhos que se tinham annulado pela decadencia e longa obscuridade das familias que os invocam; ha finalmente uma especie de ultima e passageira reacção contra a onda crescente da vida moderna, o que dá resultados ás vezes muito interessantes, outras vezes muito comicos.

Esta phase da vida social portugueza merece um artigo especial.

Como era de prever, ella escapou totalmente ao Francez que nos veiu estudar *chez nous*.

Seria a mais digna de reparo e de estudo.

Participa da archeologia, do *snobismo*, da mania aristocratica; dá-lhe para restaurar moveis antigos e para os *fingir*, ou arremedar; dá-lhe para ressuscitar familias que se tinham afundado ou para crear de *toutes pièces* com brazões, pergaminhos, titulos, tudo de pechisbeque, familias nobres; tem o desejo de fazer valer o nosso Passado historico ou de o inventar. E' ás vezes tocante, outras vezes ridicula.

Este momento da vida portugueza merece realmente ser estudado com attenção para n'elle discriminar o que tem de genuino, de patriotico, de intellectual, e o que tem de artificioso, de vão, de quasi grotesco.

O livro do viajante francez só nos consola quando falla do nosso clima, da nossa paizagem, das bellezas naturaes do nosso sólo abençoado, da hospitalidade da nossa gente, da bondade do nosso povo rural e provinciano.

Quanto a Lisboa, não tem nada que agradecer a M. Quillardet.

## II

No meu ultimo artigo, aqui publicado, fallava eu nos costumes de Lisboa, nas mudanças que n'elles se teem operado, na rapidez com que a nossa velha Capital se civiliza, se torna européa, se sujeita emfim a esse nivelamento universal que rouba hoje ao mundo todo o pittoresco e toda a diversidade.

Fallava da elegancia *extrangeirada* da vida lisboeta de hoje, mas não tive tempo de notar um traço muito caracteristico que a individualiza.

E' por sua natureza artificial e transitorio, mas faz-se n'este momento sentir com tal força, que o observador de costumes que o não *colher na passagem*, falta a um dos pontos essenciaes da sua missão de critico.

Esse traço é o seguinte: A par da ancia que anima os ricos de se approximarem quanto possivel da elegante civilização das capitaes extrangeiras, a par do cosmopolitismo a que obedece a grande vida social ou domestiea do nosso tempo em Lisboa, desenvolveu-se na porção da nossa sociedade mais em evidencia o desejo — contradicção extranha—de reviver o passado extincto, de reatar as quebradas tradições, de fazer archeologia historica e artistica, a proposito de tudo. E no meio d'isto não ensina portuguez ás filhas!...

Os opulentos — ou fidalgos de raça ou burguezes *parvenus* — teem cocheiros inglezes, *valets de pied*, *mâitres d'hôtel* e cozinheiros francezes; teem mestras

allemãs e suissas, cavallos, automoveis, carruagens, *toilettes* vindas dos lugares e nas nações mais famosas em cada uma d'estas especialidades, e querem ao mesmo tempo, sem se aperceberem do absurdo de tão contradictorio esforço, e do artificio de tão superficial emprehendimento, — resuscitar os costumes, as devoções, os gostos do Portugal antigo, morto, para sempre morto, com os Ideaes que o moviam, com as instituições que lhe serviam de base, com as leis que lhe mantinham a harmonia interior, com a educação, com as crenças que se extinguiram.

Os de antiga raça tentam d'este modo recuperar o apagado prestigio. Os das modernas camadas que o liberalismo *fez gente*, querem dar-se a si e dar aos outros a illusão de que provêm de muito longe, do remoto passado, quasi feudal, das antigas castas hoje abolidas!

São ás vezes commoventes os primeiros, embora se nos affigure irrealizavel a sua idéa. São em todo o caso muito comicos os ultimos e a gente não póde deixar de rir ao ver-lhes e ao observar-lhes as abortadas tentativas!...

Como se fosse possivel harmonizar idéas tão oppostas e fazer triumphar costumes tão adversos entre si!

Uns, os que são deveras sympathicos n'esta suprema aspiração com que tentam agarrar-se ao passado que lhes foge; os que, usando largamente da fortuna, que reconquistaram, se dão todos a resurgir os seus palacios historicos, a repovoal-os de lembranças queridas

de familia, que ás vezes teem de readquirir a peso de ouro por casas de adellos e de *bric-à-bracs;* a reorganizar disseminadas collecções de livros ou de obras de arte ; a restaurar o mobiliario magnifico que, ou estava escondido pelos desvãos e sotãos, ou tinha sido estragado e desvirtuado com reparações barbaramente inestheticas—esses, os mais sympathicos, não se recordam sequer de que uma casa assim só póde manter-se, integra e total, pelos tempos fóra, tendo por substructura o morgadio como a Inglaterra ainda hoje o tem! e que amanhã pela morte dos chefes de familia, pais de muitos filhos, tudo isso será outra vez disperso, desfeito, destruido, espalhado ao vento do destino, hostil ás velhas raças exhauridas de sangue e de vontade!

Portanto, até n'esses é inutil e mal empregado o esforço meritorio. — Os outros, os que inventam totalmente uma geração imaginaria, os que fazem por sua conta e risco historia, tradição, genealogia ; os que criam passado como poderiam crear *futuro* — esses fazem rir, e ainda mais cabalmente estão condemnados á destruição proxima de tudo que fizeram.

As leis historicas não podem ser nunca contrariadas pela vontade individual. Os que vão em desaccôrdo com as ideias de seu tempo fazem *dilettantismo* inutil e ephemero, não construem para a posteridade, podem obedecer a um impulso nobre do coração, mas esse impulso vale apenas como um capricho de esthetica ou como um sonho moral irrealizavel. E depois, que importa essa volta visivel e material ao scenario do Pas-

sado, se todos os personagens que n'elle se movem estão presos por todas as raizes da sensibilidade, do habito, da conveniencia, da necessidade, ao presente de que fazem parte? — N'esses altos salões apainelados e azulejados, com retratos de avós e moveis de museu de arte, mexem-se personagens de hoje, fallando a linguagem e o *calão* de hoje, uniformizados pela rasoura de hoje, atormentados pelos exames dos pequenos, pelos empenhos com os professores, pelos concursos para empregos da alfandega, da magistratura ou da burocracia, pelas pretenções para com ministros, pelas eleições, pelas leis do recrutamento, pelos *apertos* pecuniarios, pelas lutas de vaidade ou de influencia official, por tudo emfim que constitue o fundo essencial de uma sociedade democratica e que, apezar de o ser, se paga com palavras vãs e se contenta com ôcos simulacros!

Como é possivel esquecer que este movimento retrogrado que tenta suspender ou atrazar o impulso evolutivo da grande machina social em cuja engrenagem vamos presos, é justamente iniciado pelos filhos d'esses mesmos que romperam violentamente com o Passado, uns dispersando as suas fortunas patrimoniaes, mettendo os seus condados opulentos, os seus solares e terras nas mãos de agiotas (hoje brazonados), empenhando os morgadios, sophismando com habilidade machiavelica as leis que tornavam estes inalienaveis, a ponto de um, quando passou nas Côrtes a lei que abolia os morgados, dizer com ironia: «Nós já os tinhamos abolido ha muito por conta nossa.» Emquanto que

outros quebravam,— por ambição pessoal ou por comprehensão philosophica das cousas ou por aspiração a um mundo novo,—com todos os habitos, preconceitos e idéas falsas ou verdadeiras, tradições e principios d'este paiz, que dous seculos de beaterio estulto e de ignorancia systematica tinham reduzido á mais profunda abjecção mental e material.

*

* *

Até aqui estamos na região das idéas e dos costumes. Mas se entramos na região dos ridiculos a que este movimento neo aristocratico e neo-tradicional dá origem, então é extraordinaria a colheita de factos comicos que fazemos. N'este momento toda a gente, em Lisboa e provincias, quer ser fidalgo. *Tutti marchesi*...

Já não ha guarda-fiscal, guarda-freio, guarda-barreira, guarda-livros, guarda-municipal, guarda-portão, guarda nocturno, que não descenda dos reis godos!

Cahiu em decadencia? Que importa? Tem direito a resgatar e retomar os seus titulos, a publicar e registrar devidamente os seus pergaminhos, a legalizar os seus brazões authenticos, a usar o seu *dom*, a deslumbrar os chefes, os patrões, os passageiros de carros electricos, os camaradas, os contrabandistas, os majores, os companheiros de casa, com a sua prosapia, com a sua gerarchia, com a lista dos seus avós (coevos da monarchia? Qual coevos, nem meio coevos! antecessores d'ella!)

. . . . . . . . . . .

Casa um moço qualquer, que é empregado da Alfandega, com uma menina que é filha de um retrozeiro. São optimas pessoas ambos. A gente está prompta a regozijar-se com a felicidade d'este par modesto e simples. Mas qual! Não póde. Percebe que elles são descendentes de Sancho I (a quantidade de descendentes que Sancho I deixou é verdadeiramente um assombro) e que n'essa qualidade, com o numero de avós, condes, marquezes, barões feudaes, senhores de terras, que tem atraz de si, não podem, sem affronta a toda a grandeza passada e presente d'estes reinos, viver com dezoito vintens por dia! . .

E aqui fica a gente afflicta, incommodada, pedindo a Deus que este par sympathico tenha uma herança imprevista de algum avô sapateiro, que lhe esquecesse contar, e que o habilite a sustentar a magestade da sua *nova* gerarchia.

Porque habitualmente é *nova* do dia em que se casam. Até alli não tinham dado por ella.

Outras vezes é realmente e sinceramente o filho de uma familia que ha quatro seculos era nobre, mas que depois sossobrou na miseria, que pensa em levantar de novo o nome dos antepassados esquecidos; ou é o neto de um conde authentico cujo filho já não poude usar o titulo por miseria, que o recupera apezar de tão pobre como o pae, etc., etc.—A lei faculta a estes o pagarem pelo quinto dos seus ordenados os *direitos de mercê*. Imagine-se que alguns precizam de *quatrocentos annos* para satisfazerem este encargo.

Isto tudo faz um extraordinario mistiforio. Na Inglaterra ha ainda uma classe privilegiada e nobre, que guardou a terra, que a possue, que é senhora d'ella. Essa classe tem na Camara dos Lords o seu logar supremo e privilegiado. Os filhos segundos de um *lord* já não lhe pertencem. Vão trabalhar e chegam muitas vezes a fundar uma familia tão poderosa como a do primogenito, e a entrar na Camara dos Lords por outra ordem de principios.

Aristocracia aberta, onde entram os que pelo merito proprio se illustraram ou enriqueceram, e da qual sahem os que por pobreza ou por outra qualquer deficiencia lá não pódem manter-se.

Imagine-se que admiravel selecção artificial!

Muitos ainda assim protestam contra a injustiça que faz superior socialmente ao homem do maior merito, a um Gladstone, a um John Bright, o filho imbecil de um duque, ou um moço *lord* imberbe de instinctos e habitos vis!

Mas isto percebe-se, embora abstractamente se não applauda. E' a tradição mantida atravez dos seculos. São os conquistadores normandos do solo saxonio, que o conservam ainda atravez de innumeras gerações.

Na propria Inglaterra ha, porém, familias sem conta, que hoje pertencem á plebe e que teem nas veias cellulas do sangue que corria nas arterias dos companheiros de Guilherme, o *Conquistador*. Cahiram. Não se levantaram mais. Perderam o direito a chamar-se nobres. Um dos romances admiraveis d'esse admiravel

pintor da Inglaterra rural, que se chama Thomaz Hardy, edificou a ficção de um dos seus livros mais celebres *Tess of d'Ubervilles* n'um d'esses frequentissimos casos. N'uma aldeia de certo condado inglez, quasi todos os jornaleiros são descendentes de grandes familias antigas.

Um cura antiquario que tem a mania das origens, descobre n'um pobre homem meio mendigo, meio trabalhador de enxada, o descendente authentico do grande senhor normando d'Ubervilles. D'aqui todo o romance, aliás muito bem feito e muito bem estudado, que acaba pela desgraça da pobre Tess, filha do jornaleiro de sangue azul, que a grandeza da origem levou ao abysmo . . .

Entre nós hoje a mania da nobreza tornou-se epidemia!...

Parece que cada pessoa é o cura antiquario de Thomas Hardy. Não há escrevente de tabellião que se não julgue emulo ou rival feliz da casa de Bragança!... A vaidade pueril do Portuguez tomou esta fórma risivel e fastidiosa!

E' necessario dizer uma cousa.

Vista a mania vaidosa que é um elemento inevitavel no Portuguez como no Hespanhol, entendo que os titulos novos, conferidos a quem pelo trabalho productivo e creador da riqueza, pelo talento brilhante, pelos serviços feitos ao paiz os merecerem, são um incentivo util e proveitoso.

Agrada-me mil vezes mais esta nova nobreza, que

. . . . . . . . . . .

começou como começou a nobreza antiga, pelo merito pessoal do seu fundador, do que a *nobreza renovada*, que acerta quasi sempre em pessoas que a não podem decentemente sustentar! Mas vão lá metter esta orientação logica na cabeça d'aquelles que podem influir n'este genero de assumpto!

A gente ria-se d'antes da metamorphose subita que fazia de um negociante de *seccos e molhados*, de um armador de navios, de um marchante, ou de um mercador de panhos ou de vinhos, um conde, um marquez, um grande senhor.

Agora essa nobreza apparece-nos sympathica e meritoria. Ao menos esses crearam riqueza, actividade, luxo, bem-estar. Fizeram um serviço evidente á nação.

Foram parte das forças vivas pelas quaes ella progride.

Sahiram da plebe pela energia pessoal que tambem se transmitte. Não são os longinquos descendentes de familias que a não possuiram ou que a perderam totalmente. Sabem que não nasceram nobres, mas que merecem sel-o pela cooperação activa na obra do enriquecimento do seu paiz. Não invocam tradições passadas, mas vão crear para o futuro alguma cousa que os vale. São os agentes de uma evolução util. A sua vaidade exerce um serviço social!

*

* *

Pelo que vae aqui levemente apontado, se vê bem as correntes contradictorias que atravessam a sociedade portugueza, principalmente á sociedade lisboeta.

Já fiz ver que uma d'ellas, apezar dos ridiculos com que querem desvirtual-a, não é ridicula sempre, embora seja pouco efficaz.

Obedece a esta idéa: ressuscitar o passado, o passado nacional, o passado portuguez.

Como tentativa de historia, de archeologia e de arte é benemerita, e n'ella trabalham actualmente archeologos, criticos e sabedores de arte, historiadores especialistas, philologos, epigraphistas, artistas conscienciosos e dedicados. Se tratam de fazer um inventario completo de tudo que creamos, que possuimos e perdemos, fazem realmente á nossa raça um grande serviço. Dão-lhe a consciencia do seu valor no passado; reanimam a esperança da sua rehabilitação futura, sob outros aspectos, mas com vitalidade identica.

Como ressureição social, domestica, politica, parece-me simplesmente *impossivel.* E tanto mais que esses mesmos que a tentam estheticamente, a contradizem em tudo o mais que é essencial.

O *estado d'alma* d'esses antiquarios é quanto ha de mais *moderno.*

E além d'isso é innegavel que a tradição que se que-

bra, acabou de vez ou só artificial e forçadamente resurge.

O estado social que se destróe destruiu-se inteiro. Não se conserva nada, quando se não conserva tudo. Cada phase historica é completa, no seu todo, e esse todo é feito pela harmonia intima das partes que o compõem.

Uma democracia sem leis immobilisadoras da propriedade, não vive em palacios, acampa n'elles durante uma geração, se é pretenciosa e amiga do luxo. Póde sómente possuir como perduraveis monumentos, os museus, as bibliothecas, os templos, as obras de arte gozadas, possuidas pela collectividade.

Não dura uma casta privilegiada senão quando instituições poderosas lhe protegem a vitalidade, o desenvolvimento, a duração. E só uma casta privilegiada e immune póde constituir-se em guarda do Passado.

A lei da democracia não admitte superioridade senão a ephemera superioridade individual que constantemente se transmuda.

E tudo que seja ir contrariar esta lei irrevogavel é luctar contra o impossivel e empregar energia e esforço inuteis.

---

XX

# Cabriel d'Annunzio

N'este momento a sociedade italiana, que é ainda hoje, com muito leves differenças, aquella mesma sociedade que Stendhal descreveu na *Chartreuse de Parme* e outros livros igualmente significativos — isto é, uma sociedade muito mais occupada das cousas da paixão que das cousas da intelligencia, muito mais dada ao sentir do que ao pensar—acha-se dividida em dous partidos. Um d'estes partidos é pela eminente tragica Duse, outro pelo grande e cruel artista Gabriel d'Annunzio.

O motivo d'este pleito é, nem mais nem menos, que o ultimo romance de Annunzio, intitulado o *Fogo*, romance que é ao mesmo tempo a obra de um artista e de um louco. Especie de confissão do maior orgulho que ainda fremio e palpitou e ardeu em coração de homem, especie de revelação indiscreta do seu amor ephemero pela grande tragica, e que ao mesmo tempo a

crucifica e humilha, e levanta n'um altar; isto tendo por fundo magico e admiravelmente pintado por um verdadeiro pincel de artista, Veneza, a cidade mysteriosa e lugubre, Veneza a terra dos amores, a terra dos crimes, a linda, a caprichosa, a das lagunas e dos canaes, a dos doges e das cortezãs, Veneza, a *unica* emfim

A *unica* e a immortal. No romance ha uma descripção de Veneza illuminada artificialmente em noite de festa que é por si sómente uma obra de arte soberba! Por isso muito será perdoado a Annunzio, pelo muito talento que Deus lhe deu. E a nós parece-nos bem que por amor d'esse talento a propria Duse lhe perdoará todos os crimes de lesa-bondade e de lesa-gratidão.

Ambas as figuras de que se trata aqui são bem genuinamente italianas, por isso nada espanta o interesse que a sociedade italiana lhes consagra.

Cada uma d'ellas, na diversidade do seu aspecto ou no genero do seu talento raro, tem bem estampado em si o cunho d'essa grande raça em que, segundo diz Taine, «a planta humana deu a sua mais robusta flôr.»

Na physionomia devastada, macerada, sublime da tragica italiana parece que a Dôr humana esculpio todas as estrophes de seu poema magnifico.

Quando ella apparece em scena, magra, pallida, ora feia, ora divinamente bella, estranha sempre, com a flexibilidade felina do seu corpo esbelto, com os seus negros cabellos despenteados, em que o hysterismo d'aquelle temperamento morbido poz o desusado esti-

gma de uma madeixa branca como as estrigas do linho, com o seu olhar ardente dolorido, nublado ás vezes de lagrimas quentes, inflammado outras vezes de todos os incendios da voluptuosidade e da paixão, com as suas mãos esguias, nervosas, tão eloquentemente expressivas, mãos que são n'ella um dos traços mais salientes, mãos que ás vezes parecem garras e que outras vezes parecem azas, que acariciam e ferem, que supplicam e que amaldiçoam, lindas, extraordinarias mãos, que ella faz fallar com a mais penetrante e apaixonada energia de alma, — quando ella apparece em scena, a gente percebe perfeitamente antes mesmo que o seu ouvido lh'o diga, que é italiana essa artista maravilhosa, que para nós vem invocar as grandes figuras da Ficção e da Lenda!

Onde é que a alma humana teve a expansão mais vital, mais ardente, mais ampla do que n'essa Italia magna, dos grandes artistas e dos grandes Amorosos! Foi na Italia que a Joconda sorriu e que Vinci n'um traço infinitamente delicado do seu pincel de semi-deus fixou esse sorriso mysterioso e *unico* para nosso eterno enlevo e nossa anciosa e eterna curiosidade... Foi na Italia que a Fornarina apertou ao bello seio lyrial a cabeça adolescente de Raphael e que n'essa caricia fecunda fez nascer ao sol da Arte a sublime, a miraculosa legião das suas Madonnas de amplas e bellas formas maternaes, de sorriso e de olhar feito da pureza virgem do céo.

Foi na Italia que o Dante ergueu entre os barbaros

e os mysticos, que tinham vencido o poder da Belleza pagã, a sua voz ora terrivel ora suavissima, a voz em que *Ugolino* se lamenta e em que *Francesca* arrulha de amor, a voz em que se traduzem todas as agonias, todas as dôres, todas as sombrias visões, todas as concepções terriveis, todos os mysteriosos arroubos paradisiacos da vibrante, da enorme, da delicada Edade Média.

Foi na Italia que Cellini commetteu todos os crimes e resgatou cada um d'elles por uma pequenina joia, com que fazia tremer de ternura enthusiastica e de cobiça artistica, quasi incomportavel, o Papa na sua cathedra suprema, o Papa que lhe perdoava sorrindo e lhe estendia a mão ávida e branca para d'elle receber a joia immortal e para abençoar, em paga d'essa joia, a cabeça criminosa e fulgurante de genio e de maldade!

Que energia extraordinaria a d'esse sólo que produziu Petrarcha e Dante, Boccacio e Machiavel, Vinci e Miguel Angelo, o Luini e Ticiano, Victoria Colonna e Bianca Capello; anjos como o sonhador de Assis, o amigo das aguas e das aves, das flores do campo e dos bichinhos da terra; e ascetas como Savanarola, de verbo candente que derretia ao seu contacto o duro e voluptuoso coração dos florentinos do seu tempo!...

Alli n'essa Italia mysteriosa pullulam os mais diversos, os mais contrarios ideaes! acotovellam-se a cada canto os mais contrarios typos e parece que é tal a força geradora da raça italiana que, no mesmo momento historico, ella produz seres que em outras nações

nunca podiam florescer em uma só época, mas que pela sua diversidade teriam de dividir-se por successivas gerações.

Pois bem, essa Italia uberrima e grandiosa na Paixão, na Arte, na Vontade, no Amor, essa Italia é bem a Patria da Duse!

Foi ella que lhe deu ao mesmo tempo a fórma atormentada e fascinante; foi ella que accendeu n'aquella lampada de opala, que é o corpo da adoravel artista, a chamma subtil e vaga e penetrante da sua alma de paixão; foi ella que lhe ensinou a modular aquella voz tão rica e tão bella em palavras que só por si são uma caricia e são um gozo esthetico... Foi ella que a fez tal qual ella é, a actriz superior em que uma raça incomparavel resume os seus thesouros mais raros.

E Gabriel d'Annunzio, ha nada mais italiano do que elle?

Sem querer, elle está affirmando a cada passo as suas affinidades com os bellos monstros moraes de que a Italia foi tambem a creadora inexhaurivel. Gabriel d'Annunzio tem a pretenção de realizar em obras de arte, e talvez na sua propria vida individual, a doutrina do allucinado Nietzche, seu mestre e seu idolo. Mas antes de Nietzche sonhar com o *super-homem*, que teria por unica lei a força, por unico objectivo a satisfação de todas as suas ambições, e o exercicio liberrimo de todas as suas faculdades, por unico Deus a sua propria pessoa, na acção illimitada do mais implacavel egoismo, já um Italiano no seculo XVI tinha sido o rea-

lizador d'esse medonho ideal, com uma differença apenas, mas essa bem significativa: Nietzche *sonhando apenas* no nosso tempo com o *super-homem* que devia succeder ao fraco, ao piedoso, ao triste homem moderno, modelado e feito por vinte seculos de christianismo, não conseguiu mais do que ir parar a uma cellula de manicomio, tanto o esforço mental da sua concepção philosophica lhe destruira o equilibrio e lhe anniquilara a razão; emquanto que o outro, o que não se contentou em sonhar com o *super-homem*, mas quiz sêl-o elle proprio, não enlouqueceu, e levou até ao fim o seu horrivel sonho de perversidade omnipotente. O que é ao pé de Cesar Borgia a figura ideada por Nietzche? Por isso Gabriel d'Annunzio quando se embebe e se namora das doutrinas do infeliz allemão, é do seu grande *ancêtre* que se está inconscientemente penetrando. Quem é que mais liberto se mostrou ainda dos liames invisiveis mas inextrincaveis do christianismo, do que esse magnifico pagão que nasceu junto ao throno de um Papa?

Quem é que realizou á maior altura e á mais sinistra luz essa infernal concepção do homem livre de todo o escrupulo, de toda a piedade, de todo o poder da tradição, de todo o obstaculo da lei moral, de todo o medo da lei escripta, do homem sem consciencia, sem fraqueza, sem amor e sem dó?

Cesar Borgia é mais bem valente e bem mais monstruoso do que o triste e vão sonho de Nietzche. E' com elle que Gabriel d'Annunzio se havia de parecer, se em

vez de pobre litterato italiano do seculo XIX, limitado por todas as restricções, preso por todas as peias, sem dinheiro, sem poder, sem familia, sem força, elle tivesse nascido em plena Renascença italiana, no throno de algum tyranno ou na camara recondita de algum palacio papal!

Assim, não podendo realizar a magnificencia cruel do seu destino, não podendo ser como Cesar Borgia o monstro sublime e fascinador que este foi em face de uma Italia surprehendi la e subjugada por tanta energia e tão indomito e infernal poder, de uma Italia que via n'elle a representação mais genialmente viva de todas as suas virtualidades magnificas, dos seus soberbos crimes, da sua esthetica incomparavel, do seu amor, pagão da renascida antiguidade, não podendo, como Cesar Borgia, figurar n'essas esplendidas ceremonias em que a Italia reviveu as apotheoses cesareas e se embriagou de luz e de còr, de linhas impeccavelmente bellas, do luxo espiritualisado pela arte mais sublime, não podendo emfim viver o seu sonho cruel e formidavel, Gabriel d'Annunzio transforma esse sonho em obras de arte.

Todas obedecem á mesma comprehensão da Vida egoista e forte.

Cada um dos heroes em que Annunzio se desdobra, — porque á semelhança de Byron elle nunca se esquece no seu livro da sua personalidade e é o mais *egotist* dos escriptores — cada um dos heroes em que Annunzio se desdobra tem como elle proprio a noção

de que a Natureza, a Arte, a Vida inteira se fizeram de proposito para seu gosto intimo e particular. Para nenhum d'elles a Humanidade existe. Quem existe em toda a tensão phrenetica de um temperamento de Centauro é elle proprio.

No *Triumpho d'ella Morte*, no *Piacer*, na *Virgem dos Rochedos* é sempre um homem que lança, nos varios e difficeis caminhos da Vida, a matilha insaciavel e soffrega das suas paixões bravias e dos seus appetites indomaveis.

Que importam as lagrimas, as miserias, as tristezas, as dores infinitas e silenciosas que esse homem vae deixando no seu caminho, como um rastro de sangue e de lagrimas?

Dominar, vencer, ser amado, colher aqui a flor de uma ternura virgem, deixal-a cahir mais longe na lama de uma encruzilhada ou na agua profunda e glauca de uma torrente.—que importa isso tudo, comtanto que elle goze?!

O requinte d'esse gozo compõe-se tanto do sal das lagrimas alheias como do riso vermelho de labios de mulher, tanto da musica dos soluços, como da musica dos beijos! O que é necessario é que elle sinta a sua vontade tensa como um arco de que vae partir a setta mortifera e alada; que elle tenha a consciencia plena e desbordante da sua energia e de sua omnipotencia demoniaca; que elle extraia de cada paixão, de cada sentimento, de cada emoção rapida ou profunda, a dose de volupia amarga ou doce que contenham; que a sua

vida se teça de horas todas luminosas e cantantes, de horas em que se condense um seculo de sensação, um seculo de gozo sensual e artistico.

*

* *

Ler a prosa de Gabriel d'Annunzio, prosa de uma pureza, de uma elegancia, de uma plasticidade incomparaveis, é uma delicia. Profundar-lhe o coração é uma tortura.

Que admiravel lingua elle tem para exprimir pensamentos de uma terrivel crueldade, de um egoismo feroz, talvez inconsciente!

Depois este artista em que revive verdadeiramente o genio da Renascença, este artista que seria digno de conviver com o Ticiano e de amar e comprehender o Vinci, é o mais culto, o mais lido dos escriptores modernos.

Ninguem falla melhor da musica de Wagner, e ha uma sua analyse do *Tristan e Isolda* que é eterna pela belleza do estylo em que está feita e pela comprehensão maravilhosa do assumpto em que está embebida!

E ainda — extranha contradicção — que ha pouco lhe fazia sentir em uma carta tão dura quanto justa um professor italiano que foi seu amigo e já o não é, este homem que está sempre a fallar na raça latina, na cultura latina, na renascença da alma latina em face do barbaro Norte invasor, este homem tão latino na essen-

cia do seu talento e na fórma maravilhosa do seu estylo, é aquelle que tem propagado e tornado mais accessiveis aos profanos, as complicações, os requintes, as transposições, as pesquizas dolorosas, as subtilezas e nervosismos em que se delicía a turva e angustiosa ambiguidade da alma do Norte, que produziu Wagner, Ibsen e Nietzche, o seu amado philosopho...

O *Fogo*, como dissemos, já levantou contra Annunzio a opinião publica, de um modo imprevisto para elle, talvez, mas para nós justissimo.

Gabriel d'Annunzio, em todo o caso, ha de maravilhar-se d'esta explosão de pudor universal.

E' que elle tem visto lidos com tanta avidez, admirados, traduzidos com tanto affan os seus romances de sensualidade cruel, que a sua consciencia não estava preparada para tal reacção.

E, aqui para nós, o que nos parece é que elle não tem consciencia. E' um grande artista plastico a quem falta completamente o senso moral.

O seu orgulho, a opinião que tem de si proprio toca as raias do delirio. Rousseau estava doido, com a loucura da perseguição, quando escreveu as mais frescas e perfumadas paginas das suas *Confissões*, as que ficaram eternamente admiradas pelo seu colorido e pela sua graça.

Quem sabe se Annunzio estaria já dominado pelo *delirio das grandezas* ao escrever as formosissimas paginas do seu *Fogo*, que a muitos respeitos é considerado a obra-prima do escriptor?

XXI

# Eduardo VII e o Imperador da Allemanha

N'uma das mais importantes e bem redigidas revistas da França, publicou-se ha pouco um artigo anonymo, consagrado á pessoa de Eduardo VII, rei da Inglaterra, e pondo em relevo perante o mundo esta bella figura de soberano, ha pouco ainda imprecisa e quasi apagada.

Quem julgaria que em tão pouco tempo se daria em França este movimento de opinião inesperado, e que essa *entente cordiále* entre os dous paizes, sempre rivaes e tantas vezes inimigos, se havia de realisar com o assentimento de quasi toda a nação!

Para os que attribuem caracter scientifico á Historia e acham que leis sociologicas e leis biologicas se podem prever com eguaes processos de investigação, nada mais opportuno, como correctivo e emenda, do que estas bruscas reviravoltas, que deixam desapontados os prophetas, os que promulgam leis do alto de sua

cathedra e marcam ás nações o caminho que hão de seguir no tempo, como marcam aos astros a trajectoria que hão de seguir no espaço.

Nas leis da Natureza, não intervem o acaso, o imprevisto, o elemento que escapa a todos os calculos e a todas as analyses. Nas leis sociologicas, esse elemento destroe e anniquilla os calculos mais bem feitos, as previsões mais bem fundamentadas.

Tenho procurado nos grandes historiadores a visão do futuro que todos julgam ter. Nenhuma das prophecias que elles fazem se realisou ainda.

Vê-se que é impossivel ao espirito conceber, pelos dados que lhe fornecem o passado e o presente de um povo, qual a sua maneira de proceder futura.

Macaulay, que, além do brilhante historiador que era, vivia dentro da politica do seu tempo, fazia a historia, ao mesmo passo em que a escrevia, julga que o apogeu da civilisação e da grandeza da Inglaterra fôra attingido e não podia senão decrescer. Elle, a quem a divida do tempo das guerras peninsulares assustava e apavorava, nunca imaginou, sequer, o imperialismo conquistador dos fins do reinado de Victoria, o augmento extraordinario da divida da Inglaterra, o monstruoso orçamento de guerra e marinha que ella hoje tem, o desenvolvimento quasi miraculoso de sua industria, de seu commercio, de seu dominio colonial, e, a par d'isso, a *agonia da terra ingleza*, a morte da sua belleza rural, que se póde já perceber em symptomas terrivelmente claros.

Nem por um instante essa enorme visão de um futuro proximo passou pela mente do grande historiador da Revolução liberal, de *essaysta* eminente de Pitt e Chattam, de Clive e de William Hastings.

Quem imaginou no advento da terceira Republica, em França, no dia seguinte a Sedan, á catastrophe, á mutilação do paiz, á derrocada do brilhante periodo napoleonico, que a França occuparia, hoje, apesar das luctas internas politico-religiosas em que se debate — o papel que occupa no mundo, com a Russia por alliada, por amigas a Inglaterra e a Italia, tendo como imperios seus Madagascar e Tonkin e vendo no futuro um Imperio maior e mais rico em Marrocos? Ninguem. Ninguem suppoz que se restabelecesse tão depressa a dilacerada patria de Gambetta e Thiers!

*

*    *

Agora, passando de nações a individuos, quem julgava que n'esse amavel *viveur*, um tanto sceptico de gostos mundanos e bonhomia feita de desdem, com aventuras quasi eguaes ás do regio amigo de Falstaff, cuja sociedade era a mais *fast* da Inglaterra, n'esse principe de Galles, *sportsman* famoso, frequentador dos camarins parisienses, do *foyer* da *Opera*, amigo dos grandes banqueiros judeus, amando o jogo, as mulheres e os prazeres faceis, fazendo dividas, que a velha mãe pagava resmungando, gostando mais de *lançar*

uma gravata, ou um collete na moda, no que de fundar um hospital, ou de assistir á inauguração de uma estatua, n'esse alegre rei de todas as extravagancias mundanas, se achava o estofo de um diplomata de fino tacto e faro especialissimo, de um homem de Estado capaz de orientar a politica do seu Imperio n'um caminho sympathico, de um soberano constitucional tal como a Inglaterra não conheceu, depois da revolução que expulsou os Stuarts, o que inclue tambem que o não conheceu antes?

E' sabido como entre o povo inglez e os primeiros Jorges, pesados allemães de alma dura e brutal, se estabeleceu um antagonismo irreductivel; como Jorge III foi dominado pela poderosa oligarchia *whig;* como Georges IV era injuriado e vilipendiado pela caricatura, pela imprensa, pelo povo inglez; como Guilherme IV fazia rir, pobre marinheiro apalermado, de aspecto e falas grotescos, que andava pela rua de chapeu de chuva debaixo do braço, muito feliz e muito espantado de ser rei, falando, gesticulando, asneando sempre...

Victoria, que, afinal, foi religiosamente amada pelo seu grande povo, conheceu, ao subir ao throno, horas bem cruelmente dolorosas!

As suas tendencias de governar, e não sómente reinar, tiveram de ser combatidas e sofreadas por varios ministros. As suas luctas, primeiro com Robert Peel, e, depois, com lord Palmerston, são conhecidas.

Ella tinha o desejo de intervir pessoalmente nas re-

lações internacionaes da Inglaterra, e Palmerston não queria consentir-lhe tal velleidade.

Peel chegou a impôr-lhe a demissão das suas damas de serviço, e ella teve de sujeitar-se.

Depois, educada pelo principe Alberto, disciplinada por Beaconsfield, que a lisongeava habilmente, mas que não a deixava governar: por Gladstone, de quem jámais gostou, a velha Rainha, de longe adorada por um paiz que mal a conhecia, tinha entrado n'uma especie de passividade de idolo, com exterioridades de poder e simulacros theatraes de soberania.

*

* *

Quando ella morreu, ninguem ousaria dizer o que ia seguir-se nas altas regiões da politica da Grã-Bretanha.

O reinado acabava ensanguentado por uma guerra iniqua e sombreado pelo odio do mundo liberal.

Pensava-se, então, que o caminho de conquistas e de força, em que a Inglaterra entrara havia pouco, ia continuar a ser trilhado.

Ninguem punha olhos de esperança em Eduardo VII.

Chamberlain, parecia o homem representativo do novo reinado. Dir-se-ia que elle ia entrar definitivamente pela desapparição de Salisbury, no goso da força e do poder que tinham tido Chattam, no tempo de Jorges III, Wellington e Peel, no de Jorge IV.

Chamberlain apparecia cheio de planos revolucionarios:

Democracia e imperio conglobados, identificados n'uma forma social até hoje inedita; defeza fiscal contra o extrangeiro por meio de leis que contradiziam a mais intima essencia do caracter britannico; união estreita e exclusivista entre todas as colonias e possessões do vasto imperio em que *nunca se põe o sol;* velleidades de conquistas não já disfarçadas como as da India ou as de Africa, mas de caracter bellico pouco apreciado pelas classes médias da laboriosa Inglaterra.

O espectaculo era deslumbrante, mas apezar d'isso havia muito quem prophetisasse que a realizar-se integralmente o programma de Chamberlain a Inglaterra entrava n'um periodo de decadencia fatal.

O seu *isolamento esplendido* fizera d'ella o alvo de antipathias poderosas; a guerra do Transwaal, de que o continente europeu não reconhecia o direito, nem a necessidade, exasperava, em todo o mundo, o sentimento de justiça, innato no espirito humano, ou por elle adquirido em longos estádios de civilisação.

Tinham desapparecido da scena as grandes figuras, cujo nome está vinculado a todas as bellas e generosas reformas da politica interna da Grã-Bretanha.

Beaconsfield e a sua theatral grandeza; Gladstone e a sua nobre comprehensão da politica internacional e interna, isto para não falar nos famosos vultos de um passado ainda proximo, mas já meio delido na memoria dos homens.

Robert Peel, de um desinteresse pessoal tão sublime, de um tão exaltado patriotismo, que antes quiz abdicar dos principios de sua vida inteira e do enorme papel que no seu partido lhe cabia, do que obstinar-se n'um systema de que percebeu tardiamente os inconvenientes e os erros para o seu paiz.

John Bright e Cobden, dous apostolos, e mais, e tantos mais, que não ha tempo sequer de indicar.

No cortejo do enterro da velha Rainha, parecia que se celebravam tambem os funeraes de uma grande Inglaterra vencida, moralmente, no Transvaal e despojada pela morte dos nomes mais brilhantes, da sua constellação de glorias!

Uma figura juvenil, guerreira de aspecto, dominadora de attitude, magestosa pela consciencia de sua propria missão, uma figura de Soberano, attrahia no historico cortejo todas as attenções e todas as vistas.

Só elle parecia á vontade; dir-se-ia que era elle o herdeiro da poderosa imperatriz, e quem sabe se elle proprio julgava que o papel que esta exercêra alguns annos no mundo a elle lhe cumpria agora exercel-o.

Esta figura era a do Imperador Guilherme.

Eduardo VII, pallido já da doença que ia leval-o em breve aos umbraes da Eternidade, acabrunhado, talvez, pela responsabilidade tremenda de sua nova vida, fatigado e triste, parecia uma figura de secundaria importancia, ao pé do seu magestoso e imponente sobrinho e rival!

«Quem se atreveria então — diz a *Revista* que já ci-

tei — a arrostar o ridiculo de fazer um parallelo á Plutarcho, entre os dous chefes das duas grandes nações, que o memoravel acontecimento reunia em Londres, e um dos quaes não falava sem assombrar a Europa e outro sem se desculpar da importancia do papel que lhe cumpria agora? Julgarieis ouvir esse antigo principe de Galles, mais tarde Henrique V, a dizer: *Este vestido sumptuoso é novo para mim — a magestade não é tão leve aos meus hombros como pareceis julgal-o.*»

*

* *

Quem previa, então, que poucos annos passados, o aspecto, senão exterior, pelo menos moral, da Europa, havia de soffrer uma transformação tão completa?

Chamberlain já não é o homem do reinado. O *homem do reinado*... é o proprio Rei!

Eduardo VII, por fóra, continúa a ter aquella mesma physionomia amavel, attrahente, sem grande relevo intellectual, de homem do mundo, de *gentleman* inglez, em toda a significação da palavra.

A sua voz não se escuta triumphante, em sonoros brindes, que echôam pelo mundo como ameaças bellicosas, ou mysticas interpretações da vontade de Deus. Eduardo VII não está em tão familiares relações com o Todo Poderoso, como Guilherme. Elle não prega sermões a bordo dos seus incontaveis couraçados; nem faz

continuas revistas das suas tropas; nem dá leis sobre arte, sobre educação, sobre moral, sobre theorias ethnicas, etc., á mesa de jantares, que ficam logo historicos. Elle não pretende intervir em todas as cousas que se estão passando no mundo com palavras ou com actos theatraes de resultado muitas vezes vão, e de apparencia quasi sempre inopportuna. Elle não quer ser um Imperador de lenda, nem tão pouco um coroado commerciante como aquelle que, na sua memoravel viagem aos Logares Santos, pela agencia Cook, aproveitou o ensejo de abrir mercados commerciaes na Palestina, tornando essa peregrinação de heroe de Wagner, uma missão politico-mercantil-religiosa de aspecto um tanto comico.

Não. Eduardo é, na apparencia, um soberano simples, amavel, elegante, mas, ainda assim, bastante apegado ás tradições tão queridas do seu povo, a ponto de ter resuscitado o ceremonial das solemnidades antigas, a pompa soberba da velha côrte ingleza, em tudo que seja official e propriamente da nação, e não d'elle só.

Em politica, não expressa uma opinião unica «que não seja dictada pelos seus ministros responsaveis».

Mas, sem sahir das rigorosas attribuições do seu cargo, elle tem sabido conquistar para si e para a Inglaterra as sympathias que lhes iam fugindo, as amizades que lhes hão de ser mais uteis.

Fala sempre a proposito, com o seu tacto adquirido na convivencia de tanta gente que conheceu quando

era apenas Principe de Galles e gozava quasi das regalias de um particular, podendo interrogar homens de muitos meios diversos, extrangeiros illustrados, figuras interessantes de todos os paizes e de todas as procedencias.

Conserva atravez de tudo as qualidades britannicas do genuino *gentleman*, tão superiormente definido pelo subtil e delicioso Emerson, n'um dos seus melhores *Essays* e isto faz com que o povo inglez o ame como uma bella figura representativa d'essas qualidades que elle mais ama.

A sua acção, apesar de restricta por tantas peias constitucionaes, faz-se sentir na politica do mundo, n'este momento historico que atravessamos, de um modo que transforma a face da Europa actual.

E' por isso que a lendaria figura do imperador medievico, que ha pouco — como Leão XIII — occupava toda a scena européa e, mesmo, mundial, se vai sumindo na sombra, emquanto que no primeiro plano apparece este soberano moderno, de tão efficaz influencia, que conhece os homens e tem o senso vivo das cousas presentes, e sabe que é necessario, para ter acção preponderante no seu tempo, ter do seu tempo a comprehensão completa e ampla. Um ficará dizendo *palavras* retumbantes; outro ficará exercendo *actos* significativos e de fecundo resultado!

---

XXII

# Michelet

(ESTUDOS SOBRE A SUA VIDA E AS SUAS OBRAS, SEGUNDO DOCUMENTOS INEDITOS, POR GABRIEL MONOD)

O nome de Michelet conserva ainda intacto e vivo todo o antigo prestigio.

O estudo da Historia tem feito grandes progressos, mas o temperamento dos historiadores é que actualmente não corresponde á grandeza da tarefa emprehendida.

Ha eruditos, mas *elle* foi um visionario; ha escavadores do passado, mas *elle* foi um evocador; ha quem saiba, *elle* sentiu; ha quem descreva, *elle* viveu!

D'aqui, através dos tempos o seu poder formidavel sobre as almas!

Filho do povo, sem ter atravessado a *étape* necessa-

ria a Bourget, Michelet é um violento e um sincero, que a disciplina do *meio social*, elevado, regrado, convencional, não poude nem amortecer nem flexibilizar.

Tudo n'elle é extremo : o amor, a piedade, a sensibilidade, e devemos com tristeza dizel-o, a vitalidade perigosa dos instinctos.

A sua vida, a sua obra extranha e bella traduzem isto, revellam isto, coadunam-se com isto. O livro de que fallo vem confirmal-o. Mas que genio fecundo o seu ! Que imaginação dolorosa e potente ! Que faculdade evocadora ! Que pincel magico ! Por tudo isto o amámos nós, eu e toda a minha geração na Europa inteira, como se elle fosse o feiticeiro, habitador e possuidor de uma floresta encantada e nos nutrisse abundantemente dos seus fructos callidos e succulentos, das suas perfumadas essencias, da sua flóra de purpura e de ouro, dos seus filtros ardentes, e nos desse com elles a embriaguez, a perturbação, o pezadello ás vezes.

Este livro de Gabriel Monod, fazendo-nos penetrar talvez com demasiada indiscrição na vida intima de Michelet, dando-nos as táras do seu temperamento ao pé das scentelhas luminosas do seu genio e da ancia insaciavel da sua sensibilidade, deixa-nos perceber porque é que o grande historiador põe tanta paixão pessoal até nas descripções mais objectivas, uma palpitação tão extranha e morbida até nas scenas mais austeras; porque é que a gente ao lêl-o se sente vibrar com elle até ao soffrimento e ás vezes até á fadiga.

Essa febre que elle nos dá, esse estado doentio a que elle nos atira, são apenas o contagio que inocula com o seu estylo de vertigem, convulso, entrecortado de interjeições, de gritos de dôr ou de indignação, incoherente de gestos, phrenetico de enthusiasmo ou de angustia, molhado de lagrimas, tremulo de oppressão...

A alma da França, com que elle ardentemente se identificou, é uma alma de tragedia para elle, que não viu senão os aspectos mais exaltados ou mais sombrios da sua Historia accidentada...

Ah! A pobre, a querida alma! Como ella soffreu para se realizar a si propria! Como foi laboriosa a sua evolução para a luz, para a liberdade, para a justiça!...

Michelet foi procurar essa alma recondita ás trevas da idade média, subiu com ella aos pincaros do mais alto mysticismo, deu-nos Jeanne d'Arc e a melancolia e a sombra das cathedraes gothicas; deu-nos Coligny o heroe e o puro, deu-nos a austera crença puritana dos calvinistas, deu-nos o rude fanatismo sanguinario da *Saint-Barthelemy* e os seus dramas de paixão e de morte!... O que nos não deu elle n'essa Historia incomparavel, para a qual não teve modelo e que não terá discipulos, porque o genio, livre, espontaneo, perigoso como o seu, nem se communica nem se transmitte!

A obra de Michelet, apezar da profunda erudição com que elle a fundamentou, trabalhando durante vinte annos nos archivos de França, de onde extrahiu filões vivos que outros lá não viram, não é, pois, uma

obra puramente cerebral, como a de Mömsen, a de Guizot, a de Macaulay, a de Niehbuhr.

E' uma *Historia de França* amassada com sangue, feita com o coração, arrancada das entranhas do homem, que a soffreu antes de a escrever, que a *sentiu* até ás fibras mais intimas da sua organisação tão possante e tão nervosa ao mesmo tempo!

Alli estão dentro d'esses volumes maravilhosos, que hoje nos parecem mais a Poesia da Historia do que a propria Historia, alli estão d'elle os desejos, as lagrimas, as aspirações, as torturas e as duvidas que o dilaceravam e a sêde de justiça e de amor que o fazia delirar sublimemente...

Ao ler o enorme artista de tão vibrante sensibilidade, de poder de vizão assim amplificador e magnifico, o prodigioso resurgidor do Passado com toda a sua alma e todo o seu scenario, capaz de mover as imaginações e de excitar a piedade e as lagrimas, como um feiticeiro, a gente sente uma especie de allucinação acabrunhante e dolorosa. Isto confirma a sua grandeza de artista, mas deixa em duvida ácerca da sua efficacia de historiador.

Carlyle n'outro genero é tambem mais um suggestionador de idéas e de sensações do que um narrador de factos!

Mas será de factos ou de idéas que se compõe verdadeiramente a Historia?

Problema difficil que eu não me atrevo a resolver.

Como quer que seja, Michelet será sempre o Poeta

. . . . . . . . . . .

e o Propheta da Historia. Não procuremos nas suas paginas quentes, vivas, de pulsações febris, a narrativa dos acontecimentos e a successão das datas. Não. O que elle nos dá é a alma dos homens, o segredo dos seculos, o mysterio das paixões, a grandeza dos conflictos moraes, e a miseria infinita do povo, do pobre povo que elle tanto amou e tanto quiz remir.

---

Feito este pequeno exordio, abramos o volume extranhamente revellador, consagrado por Gabriel Monod á vida intima de Michelet, livro que é quasi uma confissão e que explica tanta cousa até aqui não sabida, e vejamos o que contém:

Intitula-se o capitulo I: *Michelet e a Italia.* E é particularmente curioso n'este momento em que as duas nações latinas de maior passado e de mais genuina gloria tentam de novo approximar-se e fazer da sua mutua harmonia mais um penhor da paz do mundo.

Em Algeciras o grande diplomata italiano procura, no momento em que escrevo, servir de moderador entre a Allemanha insolente e a França humilhada. Michelet, prophetico em tanta cousa, queria apaixonadamente a união intima entre a Italia e a França.

De resto, elle teve pela Italia um verdadeiro amor, punha n'esse amor a nota quente e voluptuosa do amor que se tem a uma mulher. Vaticinou-lhe a *unidade* que julgava indispensavel ao pleno desenvolvimento da

vida nacional, isto cinco annos antes de romper o movimento unitario.

Julgava dever á Italia a revellação e a consciencia do seu genio. Virgilio dera-lhe a sua sensibilidade um pouco morbida, Vico o seu pensamento, a sua philosophia da Historia. Estes dous grandes Italianos e Rousseau, tambem um pouco italiano em tantos aspectos, foram os seus iniciadores, os seus mestres. Através d'elles viu a Natureza, a alma humana, o drama que n'ella incessantemente se trava e representa.

«Aos quinze annos, escreveu elle, tive Virgilio, aos vinte tive Vico, ainda um Italiano. Este fez da Historia uma Arte. Vico ensina como os deuses se fazem e se refazem, a arte de crear deuses e cidades, o mecanismo vivo que tece o duplo fio do destino humano, a religião e a legislação, a Fé e a Lei. O homem fabrica incessantemente a sua terra e o seu céo. Eis o mysterio revellado!»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

N'esta citação está tanto de Michelet, que um Cuvier de psychologia seria capaz, d'aqui a mil annos, de reconstituir com ella toda a sua maneira de sentir e pensar.

---

O capitulo II que se intitula *Michelet de 1838 a 1842* — o IV que se chama *Yves-Jean-Lazare-Michelet* (este nome tão extenso é o do filho do segundo matri-

monio de Michelet morto com tres mezes!) deviam simplemente chamar-se e com grande propriedade: *Michelet e a mulher.*

Porque não foram só Virgilio, Vico, Rousseau, a Italia, as viagens, os livros, que influiram na mentalidade e no coração de Michelet. A mulher, o *eterno feminino* tem na formação d'este genio de homem, tão mais sensitivo que cerebral, uma parte enormissima.

O volume de Gabriel Monod só falla de tres mulheres, mas deixa adivinhar que alguma houve, na vida do seu biographado, que a piedade do biographo deixa na sombra. O *anjo negro*, como Michelet chamava ao seu instincto tyrannico, parece ter perseguido implacavel este homem, por outros aspectos tão nobre e puro!

Bastam porém estas tres mulheres e os tres generos de amor que elle teve por ellas, para nos dar a chave de muita cousa occulta.

Ha phases da vida do grande escriptor, em que o seu estylo e a sua obsessão de certos assumptos incommodavam os seus melhores amigos.

Desta especie de culpa, ninguem mais responsavel do que a segunda mulher de Michelet e sua collaboradora nos ultimos volumes.

Paulina, a primeira mulher, foi a creatura instinctiva, inculta, sem aspirações intellectuaes, submissa e carinhosa, de que elle soberbamente precisou na isolação mental da estudiosa mocidade. Animal domestico que se affaga ou se affasta conforme o humor do momento.

Mas essa pobre mulher tinha uma alma e Michelet

nunca o soube. Sentia a degradação moral do seu papel de escrava, e desesperada de ciumes e de tristeza definhou-se lentamente sem dizer o seu segredo a ninguem. E oh! vergonha que era bem dispensavel revelar ao publico! affogou-o secretamente em alcool até morrer envenenada por elle.

Os dois viveram sempre unidos e sempre separados! Nunca se estabeleceu entre ambos a communicação moral que Michelet, mais tarde, tanto preconizou no casamento. Dois corpos enlaçados de que a dupla alma está ausente.

Quando a morte de Paulina revelou ao marido o crime de que fôra réo durante longos annos de inconsciencia, a sua explosão de remorsos é de extranha grandeza e como sempre de eloquencia maravilhosa.

Oh! Artistas, poetas, imaginosos fabricantes de visões e sonhos, tudo para vós é materia prima para a vossa arte enganadora e perigosa!

Foi então que Michelet começou a expandir publicamente as suas theorias novas sobre a mulher.

Direi, entre parentheses, que não sympathiso nada com essa theoria de desdenhosa piedade, de tutella indulgente e facil.

Porque Michelet tinha escolhido no começo da sua vida uma pobre rapariga sem educação e sem vontade, não se segue que a *mulher* seja uma eterna criança doente, sempre a gemer, a arrulhar, a pedir conselhos, amparo, mimo, affagos e reprehensões ternas.

Parece-me este typo ridiculo e *démodé*.

O segundo amor, ou antes, o segundo encontro de Michelet não é já a creatura inferior, sem vontade, amorosa animalmente, chorando por sentir-se desamada e cahindo pouco a pouco nos habitos de alcoolismo que mataram a pobre Paulina (para que revelar ao publico tantos annos depois da morte da infeliz o desagradavel segredo?) O segundo amor é uma mulher intelligente, equilibrada, instruida, mas tão doente que apenas dois annos a separam da morte de que já soffria os prenuncios quando Michelet a conheceu. A outra fôra a simples companheira do corpo, esta é sómente a musa, a inspiradora da alma. Se ambas tivessem formado um todo unico, Michelet teria sido outra especie de artista, mais são e menos inquieto e mais feliz.

Madame Dumesnil, tem um filho, Alfredo Dumesnil, que será o genro de Michelet casando com a filha que Paulina lhe deixou, que será ao mesmo tempo o discipulo mais fervoroso do grande historiador.

A morte de madame Dumesnil, a vida de dois annos passada ao pé d'ella em absoluta pureza e em adoração religiosa da sua alma, tem na vida de Michelet uma acção profunda e inspiram-lhe algumas das paginas mais bellas do seu Diario, transcriptas n'este volume.

Para encontrar o esquecimento ou a calmaria depois d'esta tempestade de dôr, Michelet faz uma viagem demorada na Allemanha, cujo diario é tambem uma verdadeira preciosidade de erudição, sentimento, senso artistico. Tudo estava inedito até agora.

---

Mas o encontro definitivo da sua vida é depois d'essa viagem que elle o fez.

E' esse chronologicamente o seu terceiro, eu chamar-lhe-hei o seu unico amor.

A viuva publicou as cartas que trocaram por um excesso de máo gosto que não é realmente desculpavel.

Michelet tem cincoenta e um annos; a noiva tem vinte e tres. Apaixonou-se ella litterariamente pelo grande homem; mas não é litterario, senão muito real e terrestre, o amor que inspira.

Como elle a adora, que paixão completa, vasta como o mar, ardente como essa alma que tanto soubera vibrar e padecer!

Que ternura e que febre! Mas que abysmo não põe o tempo entre elles! E como é já de si dubio, perturbante da consciencia, insalubre nas expansões, esse amor de um quasi velho e de uma criança quasi!

Ella é intelligente, culta, comprehensiva, entende-o, aprecia-o e admira-o; mas a sua meiguice languida e dengosa, a sua mutabilidade de humor, os seus caprichos, a sua pretenção, digamos a palavra, tornam-n'a para mim intoleravel. O publico todo admira madame Michelet; apezar d'este applauso, a influencia da segunda mulher não foi boa para elle, digam o que disserem.

Foi então que, além dos seus estudos de Historia, em que punha ainda assim tão fremente sensibilidade, elle começou a escrever os seus livros mais populares:

*La Femme*, *l'Amour*, *Le Prêtre et la famille*, *l'Oiseau*, *La Mer*, *L'Insecte*, etc.

Parece que uma obsessão bastante importuna e bastante dolorosa o persegue. O amor, a mulher, o conflicto dos sexos, as questões intimas do sentimento sobrelevam a tudo. A sua linguagem cada vez mais imaginosa e cada vez mais ardente perde a limpidez e o equilibrio. E' intenso o seu colorido, é cada vez mais dramatica a sua expressão, mas é cada vez menos salubre a impressão que elle deixa a quem o lê.

M.me Michelet entendeu, nos primeiros tempos do seu casamento, fazer das cousas mais simples um drama! Nos primeiros, seis mezes nega-se terminantemente á realisação natural e logica do casamento. Depois, ora amúa sem razão, ora chora sem motivo, ora se lança nos braços do marido a jurar-lhe o seu amor sem mais nem menos, ora disserta longamente a respeito dos factos mais futeis, ora adoece, ora melhora, ora está triste, ora está alegre. Emfim, realisa o typo da nevrotica, da hysterica, da *petite folle* que Michelet nos seus volumes ultimos nos representa ao vivo, com aquelle estylo d'elle que é de uma suggestão tão poderosa!...

E através de todas estas tempestades elle adora loucamente a mulher, e ella, que se faz interessante por estes meios tão poucos sympathicos, tambem o ama com sinceridade.

Juntos trabalham, muito, demais até, e ella acaba por imaginar que o genio de Michelet — o genio mais pessoal d'este mundo, que nenhum discipulo é capaz

de imitar — se lhe pegou, se lhe communicou por milagre, e atreve-se, depois de morto o marido, a publicar durante longos annos e a intervallos curtos livros e livros que são d'ella e aos quaes põe o nome illustre do grande morto.

Todos os segredos da vida d'este *ménage* extranho, romantico e descabelladamente exaltado vêm revelados nos largos e indiscretos trechos dos diarios e notas que G. Monod publica e que dão ao livro um interesse profundo. Por isso achei que o leitor gostaria de conhecel-o.

---

## XXIII

# Autobiographia de Camillo Castello Branco

EXTRAHIDA DAS SUAS OBRAS POR TAVARES PROENÇA JUNIOR

Eu tinha, ha muitissimo tempo, o desejo, senão o projecto, de fazer um livro. Seria ésse livro composto de paginas escolhidas por mim na obra colossal, e portanto inaccessivel para muitos leitores, de Camillo Castello Branco.

Escolheria em todos os generos, porque elle em todos os generos é grande.

A sua paizagem bem portugueza, bem nossa, é pittoresca, tem côr, tem linha e tem vida. Vida ás vezes tragica como a que elle arranca aos *Padrões da Teixeira* ao pé de Amarante, por exemplo.

O seu dialogo é de uma graça ás vezes tão extraordinaria que faz rir a creatura mais triste! Outras vezes

de uma tristeza tão pungente que parece ter em cada palavra laivos de sangue.

As suas descripções são incomparaveis. Em tudo elle é mestre. Na ironia acre e corrosiva, na que dá ao rosto um rictus de caveira; na amargura melancolica; na queixa resignada da alma que aceita e que se submette; no riso alegre e franco; nas lagrimas que expluem em caudaes ou que se reprezam em soluços extrangulados; na tragedia e na farça humana, que na vida caminham a par ou se cruzam e entrecruzam na estrada.

Grande escriptor de raça a que faltou talvez o *meio* e a intelligencia de uma *élite* numerosa para o entender e para o amar. Grande escriptor que teve de escrever para ganhar o pão quotidiano, o que é sempre a mais atroz das miserias em que póde cahir uma intelligencia como aquella! Espalhando, dispersando em centenares de volumes, bastante desiguaes entre si, os thesouros extraordinarios de uma *verve* mais sarcastica do que propriamente alegre, de um estylo encantador, energico, pittoresco, recamado de fulgores de eloquencia maravilhosa, Camillo precizava de que lhe concentrassem n'um volume só algumas das paginas immortaes da sua obra immensa. Então qualquer dos muitos que só conhecem d'elle um ou outro volume saberia avaliar os thesouros de philosophia, de experiencia aguda, de tristeza ardente, de energia mascula, de amor, de saudade, de lagrimas, de acres sorrisos, de visão poderosa e condensadora que elle prodigalizou

em milhões de paginas soltas. Ha romances d'elle de que eu só tiraria algumas folhas, mas essas bastariam para assignalar um grande artista!

Este sonhado livro ficou, ficará de certo em tenção apenas. Se a gente que vive do pensamento fizesse a historia resumida dos livros que não escreveu, como ella seria mais bella e mais perfeita que a série dos seus livros escriptos!...

Mas a que vem tudo isto? perguntará porventura o leitor.

Vem ao seguinte: Um moço enthusiasta de Camillo Castello Branco acaba, não de realizar o meu sonho, mas de fazer uma cousa bem melhor e bem mais original. A *Autobiographia* de Camillo, extrahida da obra d'elle. Camillo, era o que se chama um talento *egotista*. Elle nunca se esquecia de si, nunca abdicava da propria personalidade, mesmo quando fazia fallar os personagens dos seus romances mais extranhos a elle. Será mesmo esse o seu defeito de romancista. Porque é necessario que o romancista ou se esqueça absolutamente de si proprio, ou tenha como Balzac o dom extranho e raro de uma multiplicidade infinita de almas. Balzac sabia entrar na pelle de um velho usurario como *Gobsek* ou *Grandet* e dizer cousas que só creaturas escravizadas completamente pela paixão da avareza seriam capazes de dizer. E assim como era um avaro terrivel, de alma implacavel, era um forçado em revolta aberta com a sociedade, como *Vautrin*; era um politico de machiavelismo requintado, e de absoluta ausencia

de escrupulos como de *Marsay*, e um *dandy* e um poeta de sensibilidade subtil, e um apaixonado e uma ingenua e uma mulher fria, calculista e perversa, e uma grande *coquette* e um sabio e um conquistador... Era tudo e em tudo se metamorphoseava.

Camillo, pelo contrario, era sempre Camillo. Estava dentro de cada um dos seus personagens!

Contava as suas lagrimas, as suas revoltas, as suas paixões subitas e inflammadas, o seu romantismo ingenito, e contava tudo isto no seu proprio estylo, n'essa linguagem que elle forjou e que só elle sabia manejar!

Mesmo quando não falla de si, é sempre a si que se vê.

Era muito intensa a sua personalidade, eram muito empolgantes as suas paixões para se poder esquecer dentro da alma dos outros.

Vê-se a si proprio em todos os homens que tiveram uma infancia de miseria e desamor; uma primeira mocidade em contacto directo com a natureza rude e triste, suggestiva e perturbadora; uma mocidade cheia de emoções violentas; uma existencia cortada de tormentos, paixões, tedios, agonias, arrependimentos e quedas!...

Pobre querido Camillo! Como elle soffreu n'este mundo! Estou o vendo, estou o ouvindo, com aquella voz tão bem modulada na ironia e na tristeza, com aquella physionomia devastada, terrivel por onde tinham passado tantas tempestades de odio e de amor!

---

Tavares Proença Junior, o moço admirador de Camillo Castello Branco, compoz um delicioso e triste volume a que chamou com verdade *Autobiographia de Camillo*. Não é elle que falla, deixa fallar o seu autor querido, como o titulo está dizendo. E é Camillo que nos conta alli a sua accidentada vida. Conta-nos d'ella tudo? Não, mas tudo nos deixa adivinhar. Foi desolada a sua infancia:

> «Minha mãe, quando criança
> Não te vi já sobre a terra,
> Procurou-te o amor e a espr'ança
> Nas estrellas do outro céo.»

Basta que um sêr humano perca na infancia sua mãe, para que uma influencia má lhe envolva o resto da vida. Póde a mãe supprir, quando é heroicamente mãe, o pae que a morte levou! Não ha ninguem que supprá para a criança o amor, o beijo, o carinho maternal.

Ora, se isto succede com qualquer creatura mediocre, e que não succederá quando se trata de uma organização nervosa, complicada, doentia, como a de Camillo? Pois este orphão de mãe que *a procurara em vão na terra*, aos dez annos perdeu tambem o pae!

As ultimas palavras que lhe ouviu já com a face «aformoseada pelo resplendor da aurora do dia eterno» foram estas:

«Que será de ti, meu filho, sem ninguem que te ame!»

. . . . . . . . . . .

Agarraram n'elle, levaram-n'o de Lisboa onde nasceu para «um torrão agro e triste do Norte».

Nas noites nevadas as alcatéas de lobos desciam á aldeia onde foi habitar: e alli a pobre creança que não tinha quem a amasse, sentiu crescer em si essa cousa mysteriosa e sagrada que elle não saberia definir, essa anciedade curiosa de viver, de amar, de soffrer, de sentir intensamente a vida, cujo gosto quente se adivinha, cujas dores fecundas se ambicionam, cujas alegrias mescladas de amargura e lagrimas se presentem e se querem!

A sua retina infantil encheu-se de imagens; a sua imaginação triste e sombria encheu-se de sonhos; o seu espirito de criança encheu-se de interrogações a que ninguem respondia... Tinha dentro de si energias, virtualidades, possibilidades que ora o faziam soffrer, como se trouxesse na alma um mundo extranho povoado de phantasmas, ora o faziam acremente gozar quando sentia que não era como a outra gente, que estava marcado pela sorte e pela Natureza para soffrer e para sentir mais do que todos.

O seu gosto n'este tempo era pascer o rebanho da casa (a casa era de uma irmã casada com o medico Azevedo) pelos saudosos valles que a cercavam. O que diria então ás arvores, ás nuvens que se vão dissolvendo incessantemente em fórmas sempre novas, ás hervas rasteiras que crescem livres e cheiram tão bem, aquella alma de criança predestinada a ser um grande artista e um grande desgraçado?

Isto nunca o contou Camillo e como eu gostaria de lh'o vêr aqui contar! Foi então que elle sentiu na alma infantil os primeiros rebates do amor, de que nos falla a *Autobiographia*.

«Nos dias de calma, pela estação das segadas, eu ia sentar-me perto de um castanheiro, vizinho da leira, á hora da sesta, conversando com Maria...»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Ninguem sabe, ninguem saberá nunca de que mysteriosa elaboração de elementos ignotos, de que combinação impenetravel de circumstancias fortuitas, de qualidades herdadas, de acquisições extranhas, se compõe essa cousa sagrada e rara que se chama genio.

Não basta a desgraça para imprimir n'uma alma de homem um sello de flamma que o assignale ás multidões! Não bastam as miserias e as tristezas de uma infancia contemplativa e abandonada para dar ao espirito azas com que suba ás alturas do Sonho, com que paire e se espaneje na luz plena do Pensamento. E' preciso que o barro que a dor vae modelar seja de plasticidade e qualidade superior, é preciso que a alma onde se reflectem as imagens da Natureza e da Vida seja ao mesmo tempo crystallina e ductil, capaz de aprehender, de vibrar, de sentir, de conservar...

Camillo Castello Branco, dadas as extranhas condições do seu viver, nunca podia ser um sabio, mas um poderoso artista. A sua prosa é musica que ouvidos portuguezes não podem deixar de beber com enleio. Estudou a vida dentro do seu proprio coração, e por

isso é incompleto e tem lacunas importantes o quadro que elle nos deu da vida universal. Mas os olhos com que viu a Natureza exterior são os olhos de um pintor e de um poeta. Pintor, para a representar em todos os seus aspectos de belleza, magestade, horror ou idyllica doçura; poeta, para a fazer responder á interrogação da sua alma de febre e de inquieta curiosidade, da sua alma sedenta de encontrar fóra de si alguma cousa que de si mesma a consolasse...

---

O sr. Tavares Proença Junior, autor do volume que tanta sympathia e apreço me inspirou, procede a *Autobiographia* de Camillo com algumas palavras muito sentidas e eloquentes.

Diz elle que Portugal nunca entendeu Camillo, e não pagou a divida contrahida com esse grande artista da lingua portugueza.

A segunda parte é verdadeira; a primeira parece-me ser injusta.

Camillo Castello Branco continúa a ser o mais lido dos romancistas portuguezes. As suas personagens de ficção continuam a interessar, a fazer rir e a fazer chorar por todo esse paiz fóra e creio que no Brazil, uma quantidade enorme de leitores.

Agora mesmo se está reimprimindo na casa editora *Parceria Antonio Maria Pereira* a sua obra completa em numerosos volumes.

E' possivel que a maioria dos que lêem o grande escriptor o aprecie pelo que elle tem de menos singular, de menos caracteristico, de menos valioso segundo a arte.

Gostam das romanescas mulheres de olheiras fundas e fallas apaixonadas que elle retratou do natural, no seu tempo, e que hoje creio que já não existem na realidade.

Gostam dos seus personagens ou insanavelmente tristes como heroes byronianos ou insanavelmente grotescos e imbecis. Riem com a sua graça irresistivel, que o vocabulario mais opulento em plebeismos energicos, faz tão pittoresca e inconfundivel, e choram com as suas scenas de separação, de morte, de amor e de saudade!

Mas uma *élite* existe sem duvida entre nós, embora pequena, para a qual a ironia acre de Camillo, a sua fórma burilada, artistica e perfeita, o seu estylo riquissimo em todas as louçanias antigas e em toda a expressão requintada e complicada das sensações modernas, o seu *humour*, que é ao mesmo tempo tão d'elle e tão nosso, o seu desdem pelas cousas que tanto se amam, o seu piedoso amor pelas que tanto se depreciam, a sua palheta de paizagista, em que ha côres de opulencia rara, tudo emfim que n'elle ha de transcendente, desde a sensibilidade interior hyper-aguda, até á visão extralucida das cousas — inspira um culto que raros artistas da nossa raça tem merecido.

Mestre da lingua portugueza a quem forçou a dar

tudo que ella podia dar em energia, variedade, expressão e brilho, Camillo não morrerá emquanto ella, a querida lingua de que descobriu filões ignorados, e de que extrahiu preciosissimos metaes, não tiver morrido tambem!

Qual é o escriptor a que tal gloria posthuma não baste?

XXIV

# O melhor processo de educação

(ÁS MÃES)

Gustave Le Bon, um dos escriptores e pensadores mais eminentes da França contemporanea, põe como epilogo a um dos seus livros intitulado — *La Psychologie de l'Education* — estas palavras tão profundas: *Educar é a arte de fazer passar o consciente para o inconsciente.*

Tantas idéas estão condensadas e accumuladas, n'esta curta formula, que é possivel que muitas mulheres ao lêl-as lhe não percebam o enorme alcance. E, no emtanto, todas as boas mães praticam sem o saber esta arte.

Devo dizer que muita vez tenho tentado exprimir idéas sobre educação de que esta idéa é o resumo feliz, e que não o consegui nunca.

Vendo a phrase acima citada escripta por espirito

de tamanha auctoridade, confesso que tive uma verdadeira alegria.

Muita vez os que pensam que a educação é um syllogismo e que o raciocinio deve presidir a todo o ensinamento ministrado á infancia, declaram do alto da sua cathedra official ou officiosa, que sem uma razão claramente expressa, se não póde dar a ninguem um preceito de vida e de proceder.

Ora, contra essa orientação falsa da arte de educar, se insurge fortemente Gustave Le Bon.

Elle é de opinião que a unica maneira de fazer homens e mulheres completos, é tornar para elles a pratica do bem uma acção reflexa, uma acção inconsciente, por meio de associações ou experiencias, incessantemente repetidas.

Diz elle, e diz a meu ver, muito bem. O bom esgrimista, o bom cyclista, o artista que attinge ás eminencias da sua arte no piano, no violoncello, na rabeca, como é que chegam a essa execução perfeita de processo?

Pela realização da formula acima dita. O consciente fez-se inconsciente. O gesto aprendido tornou-se acto reflexo.

Educar o homem é disciplinar-lhe os instinctos de tal arte que as acções reflexas propriamente ditas — possam ser dominadas pela vontade — e as acções voluntarias possam á força de repetidas—transformar-se em reflexas.

Isto augmenta, já se vê, de modo inaudito as res-

ponsabilidades do educador, e ao mesmo tempo facilita-lhe a missão.

Elle não póde deixar de acompanhar a criança com a sua vigilante attenção, combatendo cada impulso funesto, auxiliando cada impulso bom, e repetindo tanta vez a lição moralisadora, que ella acaba por transformar a natureza primitiva n'uma segunda natureza igualmente espontanea.

Já isto fazemos nós as mães em tudo que respeita as *maneiras* dos nossos filhos.

Não ha uma pessoa educada convenientemente que em chegando á adolescencia não cumpra, sem dar por isso, os ritos mais meticulosos da vida exterior civilisada.

Não é preciso a uma pessoa medianamente culta pensar um segundo que seja, para não perpetrar certos actos usuaes nos incultos e nos grosseiros.

Ora, como é que a mãe conseguiu que aos cinco annos já o filho saiba estar o que ella chama com *juizo*? E' desde muito pequenino obstando a que elle siga o instincto primitivo, o qual está já muito enfraquecido pela educação de umas poucas de gerações, e cuja annullação completa é tambem favorecida pelo exemplo do *meio* circumdante.

Se isto se dá com as cousas puramente exteriores, por que não ha de dar-se com as cousas moraes?

De resto, a obra da civilisação humana tem-se feito toda por este processo tambem *inconscientemente* applicado.

O homem aprendeu á sua custa a livrar-se dos perigos multiformes, dos perigos tremendos que achou ao começar a terrivel odysséa da vida. Hoje é inconscientemente que nos sabemos livrar da agua, do fogo, dos precipicios, dos venenos, de tudo que ameaça permanentemente a fragil vida individual. Adquirimos esta noção, transfiguramol-a no forte instincto de conservação e levámos milhares de seculos n'esta obra de que hoje nem sequer temos consciencia.

Pois este processo summario e simples applicado não á conservação das sociedades, mas á moralização dos individuos, é admiravelmente aconselhado por Gustave Le Bon.

*

* *

Quanta vez tenho ouvido dizer que abolida a crença concreta de um Deus remunerador ou justiceiro, abolir-se-ha completamente no mundo a idéa de moral.

Eu tenho fé que o sentimento religioso nunca se ha de apagar nem extinguir na alma humana de que é elemento integrante. Mas quizera que ao lado do sentimento religioso, unido a elle, mas não dependente d'elle, o sentimento da *moral necessaria* se desenvolvesse. Sem moral não póde haver sociedade constituida.

A' proporção que a idéa de responsabilidade se accentúa e desenvolve, a idéa de moral tomará uma importancia primordial na vida do homem.

Mas tenha-se bem presente esta opinião de Gustave Le Bon.

O principio psychologico fundamental de todo e qualquer ensinamento physico, moral e intellectual é aquelle de que já fallámos: Fazer passar o *consciente para o inconsciente.*

Quando essa passagem se effectuar, o educador cria, só pelo facto de a ter effectuado, reflexos novos cuja trama será duradoura.

Já dei aqui, como exemplo, o esgrimista, o cavalleiro e o pianista. E' só assim que se aprende uma sciencia ou uma arte, apropriando-a de tal modo que ella se torne um acto intuitivo independente da vontade e do raciocinio.

Portanto, a formação da moral não escapa a esta lei.

Ella não se póde chamar seriamente constituida emquanto se não tornar *inconsciente.*

Só então póde ser um guia seguro na vida. Não é a razão, não é o ensino bebido nos livros, não é o medo do castigo eterno, não é o medo da opinião publica — visto que ha delictos eternamente occultos — que podem constituir esse guia supremo. E' a moral tornada instincto, é a moral movimento reflexo — isto é, involuntario — é a moral que já hoje consegue que o homem não tenha senão em rarissimos, cada vez mais raros exemplares, a tentação de matar, a tentação de aggredir violentamente, a tentação de roubar, etc.

Se isto se alcançou pelo andar dos tempos e pela

acção lenta da civilização, por que se não ha de alcançar o resto que ainda falta?

A psychologia moderna tem já sobejamente provado que na vida quotidiana o papel do inconsciente é immensamente superior ao do raciocinio consciente. O desenvolvimento do inconsciente é tambem uma obra humana, uma obra secular. O que nós hoje inconscientemente praticamos, como que movidos por um instincto de defeza e conservação maravilhoso, foi adquirido em seculos longos de experiencias ou associações, que á força de repetidas crearam habitos hereditarios e instinctos ancestraes.

«Repetidas durante muito tempo essas associações criam actos reflexos inconscientes, quer dizer, costumes. Repetidas durante muitas gerações, esses habitos ou costumes tornam-se hereditarios e constituem então caracteres de raça.»

O papel de educador consiste principalmente em crear ou modificar esses reflexos. Deve cultivar os reflexos innatos uteis, e trabalhar para annullar ou, pelo menos, enfraquecer os reflexos nocivos.

Dentro de certos limites nós podemos formar o nosso inconsciente, mas formado que elle seja, é elle que por sua vez nos dirige e nos domina.

*

* *

O homem não conseguiu sahir da barbaria em que por tantas raizes mergulha ainda, senão depois de haver aprendido — quem sabe por quantos seculos — a disciplinar-se, a dominar os seus reflexos hereditarios.

O individuo chegado a um alto gráo de cultura sabe servir-se de seus instinctos como um pianista do seu instrumento.

Elle prevê o effeito remoto das suas acções, calcula o mal que d'ellas póde provir, sabe as qualidades d'esse mal, e isto serve-lhe para dominar os impulsos ou as tentações a que de outro modo cederia.

E' na empreza difficil de adquirir esta disciplina interna que a humanidade tem incessantemente laborado. Ainda só uma pequena parte conseguiu attingir perfeitamente ao gráo de cultura em que tal disciplina é perfeita, apezar da rigidez dos codigos religiosos ou humanos, apezar dos castigos, apezar das leis.

E' por isso que para as maiorias a disciplina externa criada pela força social, substitue a interna criada pelo esforço incessante das gerações.

Não é verdade que ao enfraquecimento do sentir religioso se deva attribuir a decadencia da moralidade.

Nos seculos em que o sentir religioso foi na nossa raça mais profundo, a moral era muito inferior á de hoje.

Quem lê a Historia sabe isto tão bem que dispensa exemplos, os quaes por numerosos não cabem na indole d'este artigo.

A civilisação humana é muito recente, a transformação do homem—animal impetuoso, violento e bravio—em creatura disciplinada e razoavel, calculadora e previdente, tem-se operado n'uma gradação muito lenta. Ha ainda muito do selvagem no civilisado de hoje.

O barbaro franko, que á hora da morte, arrependido dos latrocinios, das mortes, dos incestos, das violencias, das crueldades praticadas, dava thesouros á Igreja, não é, realmente, um exemplo muito edificante para se apontar ás gerações scepticas ou indifferentes do nosso tempo.

E se a moral do individuo teve apenas por base o medo do inferno, é de bem pouco valor, e terá, de certo, effeitos bem despreziveis.

Não! O que é necessario é que a alma humana, remodelada pela acção educadora, tenha pelo vicio ou pelo erro egoista, que sempre faz victima alguem, um movimento de recúo, instinctivo, sem outra razão de ser do que a razão que ha no fundo de todo o instincto radical.

Então ter-se-ha effectuado n'ella completamente, com respeito á moral, a passagem do consciente para o inconsciente de que o mestre nos falla!

Vejamos algumas das cousas que elle diz com tanta clareza e tanta verdade:

A força de um povo pode sempre medir-se exacta-

mente pela sua riqueza em homens que possuam a fundo aquella disciplina interna que lhe permitta dominar os instinctos violentos e, portanto, substituir as previsões longiquas aos impulsos momentaneos. Uma educação intelligente ou as necessidades do meio physico podem crear essa disciplina. Fixada pela hereditariedade torna-se ella então um caracter da raça. E' com razão, que os inglezes dão o primeiro logar nas qualidades do caracter ao *self control*, quer dizer ao dominio de si proprio. Constitue esta qualidade um dos grandes elementos do poder d'esta nação.

A missão de educador deve tender a actuar sobre o inconsciente da criança e não sobre a sua fragil razão. A mais pequena disciplina, comtanto que seja sufficientemente inflexivel, é sempre superior ao mais perfeito e mais raciocinado dos systemas de ethica. E'-lhe superior porque, graças á repetição de associações, acaba por crear reflexos que ajuntando-se ou sobrepondo-se aos reflexos hereditarios, podem ou fortalecel-os ou, pelo contrario, modifical-os quando isso é necessario. A disciplina externa cria a disciplina interna quando hereditariamente se não possue esta ultima.

Os methodos a empregar para crear esses reflexos variam naturalmente segundo as cousas que se ensinam, mas o principio fundamental é sempre o mesmo.

Repetição da cousa a executar até a sua perfeita execução.

Só então o raciocinio se torna instincto e póde julgar-se fixado para longo espaço.

A imitação, a suggestão, o prestigio, o exemplo, o *treno*, eis os varios processos que o educador deve saber manejar. Tudo menos a discussão e o raciocinio.

*

* *

Estes conselhos tão claramente formulados pelo eminente professor francez, são inconscientemente applicados pelas boas mães e é assim que ellas teem conseguido ter bons filhos.

Não o sabemos nós todos por experiencia propria? A creança aprende primeiro a fallar, e só muito mais tarde sabe as leis que regem a linguagem humana.

Repetindo desde pequenino a mesma lição e dandolhe, a par d'ella, o exemplo incitador, nós conseguimos quasi que sem custo que os nossos filhos sejam asseiados, que não digam palavras improprias, que comam bem á mesa, que tenham cuidados hygienicos, que fallem civilmente ás pessoas extranhas, etc.

Esse methodo optimo que applicamos tão bem e que tão bons resultados surte, pois que á primeira vista se differenceia a creança bem educada da que o não é, porque o não applicaremos tambem nas cousas de moral?

N'essas precisamos logo de raciocinar, de provar, de ameaçar. Para que?

Sigamos o exemplo tão facil que Gustavo Le Bon nos suggere, sujeitemos os nossos filhos desde a pri-

meira infancia a uma disciplina moral inflexivel, sem lhes darmos as razões, os fundamentos d'ella. E quando ella se houver radicado de tal modo no caracter d'elles, que chegados á idade das paixões, elles as saibam combater por instincto, por força adquirida, por fortes reflexos inexplicados, elles acabarão por comprehender a energia d'esse processo, pelo qual foram modificados desde a infancia, e tambem saberão transmittir a mesma disciplina aos seus filhos.

Não ha nada mais nocivo á educação da infancia do que a discussão e a critica. Se mesmo esse systema analytico tem feito ao homem tanto mal, que fará á creança?

Só tarde, muito tarde, a gente póde saber a razão transcendente das virtudes que pratica. Ninguem é, por effeito do raciocinio, heroico, sublime, dedicado até o sacrificio da propria felicidade. E quantas humildes creaturas realizam na terra este ideal, ignorando para sempre por que o fazem. São os melhores de todos!

Transformemos a virtude n'um instincto. Eis a missão superior da humanidade.

FIM

# INDICE

---